

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM FILOSOFIA

CARLOS OLIVEIRA JACQUES NETO

O ELOGIO DA IGNORÂNCIA
ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA NO BRASIL APÓS AS ELEIÇÕES DE 2018

Porto Alegre
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Carlos Oliveira Jacques Neto

O ELOGIO DA IGNORÂNCIA
ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA NO BRASIL APÓS AS ELEIÇÕES
DE 2018

Dissertação apresentada para cumprimento da conclusão do Mestrado
ao Programa de Pós-graduação Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul,
em Filosofia Política.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Timm

Porto Alegre, maio de 2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelos sacrifícios enfrentados para proporcionar uma educação de qualidade aos filhos. Minha querida mãe, Maria Zeli, a Zica, como aprendemos a chamá-la carinhosamente, eternamente grato. Foi uma pessoa de uma imensa generosidade e capacidade de determinação incansável. Meu querido pai, Nery Jacques, professor por vocação, intelectual e inventivo, pois sempre estimulou o aprendiz a construir o seu próprio caminho de saber. Ambos, amantes da natureza, da vida simples e solidária.

Agradeço ao professor Ricardo Timm, eis que, participar dos seus seminários, foi algo que permitiu um despertar para os pensadores críticos, para a leitura, a pesquisa e a escrita, sempre vislumbrando os temas imperativos da filosofia, da ciência e da cultura. Agradeço as orientações e os apontamentos de caminhos, pois, nos permitem compreender os movimentos dialéticos da sociedade a fim de almejarmos um mundo igualitário e fraterno.

Um agradecimento especial ao professor Evandro Pontel, pois a sua análise crítica, revisão formal e sugestões de articulações conceituais, proporcionou uma qualificação científica ao trabalho.

Somos seres em eterna construção, sempre há tempo para aprender e revisar conceitos e práticas. O pensamento filosófico crítico é moldado pelos percalços da vida, mas está tomado de consciência, significantes de tempos de amadurecimentos, esclarecimentos e de revoluções pessoais e sociais.

Carlos Jacques Neto

“Quando eu nasci, um anjo torto

Desses que vivem na sombra

Disse: Vai Carlos! Ser gauche na vida.” (DRUMMOND, poema sete faces)

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

(Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira)

O ELOGIO DA IGNORÂNCIA ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA NO BRASIL APÓS AS ELEIÇÕES DE 2018

CARLOS OLIVEIRA JACQUES NETO

Resumo: O trabalho de pesquisa pretende analisar o movimento da extrema direita que assumiu o poder nas eleições de 2018 no Brasil, neofascismo e as ações ideológicas do desgoverno do presidente Jair Messias Bolsonaro. Investigação que toma como base os conceitos da filosofia crítica e os estudos da pensadora Hannah Arendt, a qual analisou o movimento totalitário nazista ocorrido na Alemanha com a tomada do poder por Hitler. Reflexões para o entendimento das condições históricas que possibilitam despertar o apoio de segmentos da população na instauração de governos com orientações fascistas e que colocam em risco a democracia liberal representativa no Brasil. Compreender para evitar a repetição de governos que utilizam a exclusão, a discriminação, a violência e a barbárie contra as classes desfavorecidas para sustentar um sistema exploratório, os quais agravam as desigualdades sociais e agredem o meio ambiente, sempre na busca da concentração de riquezas e da acumulação do Capital. Possibilidades da superação dialética do autoritarismo pela participação ativa dos sujeitos esclarecidos no exercício da cidadania rumo à utopia da emancipação humana.

Palavras-chave: política, totalitarismo, fascismo, massificação, ideologia, neoliberalismo, emancipação humana.

ABSTRACT

The neo-fascism that is spreading in the world, is it winning over the subjectivities of Brazilians to give flow to reactionary, slavers, discriminatory, individualists and antiscience feelings and attitudes, factors that feed hatred and the destruction of life and threaten thought, freedoms , humanist utopias and liberal democracies?

The research work intends to analyze the historical and social conditions of the rise of fascism, elements that destroy social classes and transform them into masses, indifferent beings excluded from collective participation. We question what makes people cry out for the loss of their freedoms and to identify with demagogue leaders, who elect the destruction of workers' rights and guarantees and make the affront to republican and democratic institutions your death motto. The methodology used in this study is the dialectical view, a critical thought that interconnects knowledge and adopts a historical cognition of civilizing processes. Our premise is that, as beings of critical thinking, we are not spectators, but creators of history, not as we wish, but according to the material and social conditions of each time. We aim, in addition to understanding the social contradictions, to idealize an overcoming of problems through citizen and collective participatory action, a way of thinking about life as beyond subsistence, an existence of creation and development of subjective potentialities in the construction of paths of human emancipation. The research results confirm the advance of the extreme right movement in Brazil, the banalization of life and a subservience to the authoritarian, exploratory mentality and social exclusions, an accommodation to the existence of mediocrity, something that places subjects as the main agents of extinction. solidarity, nature and the human species. We identify in the person of Jair Bolsonaro a fascist reason, but incapable of managing an authoritarian or totalitarian State, since his greatest mark is the destitution of intellectual capacities, a being who is proud of his ignorance and the annihilation of a dignified life. Jair is not the problem, he is just the symptom and expression of exploitative elites and a retrograde middle class. We conclude that Bolsonaro will pass, but his followers will remain as potential supporters of a denialist leader. It is up to critical and enlightened thinking to unite with the revolutionary potential of the working classes and assume its condition of organic intellectual, working towards the creation of a new solidary, egalitarian, democratic society, towards the utopia of human emancipation.

Keywords: Totalitarianism. Fascism. Massification. Ideology. Neoliberalism. Human emancipation.

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO	7
1.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.0 MOVIMENTO DA AFIRMAÇÃO	15
2.1. VOLTAR NO TEMPO PARA ENTENDER O TEMPO PRESENTE.....	16
2.2 CONSTITUIÇÃO CIDADÃ	17
2.3 GOVERNOS DO NEOLIBERALISMO	21
3.0 MOVIMENTO DA NEGAÇÃO – DES/GOVERNO BOLSONARO	23
3.1 BOLSONARO O POLÍTICO DO BAIXO CLERO	23
3.2 OS MILICIANOS E OS BISPOS ADORADORES DE ARMAS E OURO.....	26
3.3 GENOCÍDIO DE BOLSONARO NA SINDEMIA.....	27
3.4 ENFRENTANDO A SINDEMIA E A BARBÁRIE.....	30
3.5 REDESCOBERTA DO COMUNISMO.....	36
4.0 MOVIMENTO DA NEGAÇÃO DA NEGAÇÃO	39
4.1 UM TEMPO PARA O PENSAMENTO FILOSÓFICO.....	39
4.2 HANNAH ARENDT, PRINCIPAIS CONCEITOS SOBRE O TOTALITARISMO.	40
4.3 A LÓGICA DE UMA IDEIA	51
4.4 O FASCISMO ETERNO E A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA	53
4.5 RAÍZES DO BRASIL – FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO BRASILEIRO.....	60
4.6 O RACISMO ESTRUTURAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA	64
4.7 PASTORES E MILICIANOS, A BASE ELEITORAL DE BOLSONARO	59
4.8 O QUE DESEJAM OS MILITARES DE BOLSONARO?	64
5.0 A VIDA SEMPRE FÁCIL DE BOLSONARO.....	78
5.1 “MUERA LA INTELIGÊNCIA! VIVA LA MUERTE”	82
5.2 BOLSONARO E O SEU DESGOVERNO SÃO FASCISTAS?.....	91
5.3 A RACIONALIDADE NEOLIBERAL	97
5.4 AS CONDIÇÕES HISTÓRICAS DO FASCISMO.....	108
5.5 NARRATIVAS E DISCURSOS DE ÓDIO.	111
5.6 UM PORVIR DA SOLIDARIEDADE AINDA É POSSÍVEL?	113
5.7 RESPOSTAS AOS QUESTIONAMENTOS.	115
6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
7.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	131

1.0 INTRODUÇÃO

O pesquisador pretende tecer reflexões sobre o tema das ações autoritárias ou totalitárias no campo das intervenções públicas, estas entendidas para além das atuações dos poderes estatais, eis que as políticas de intolerância, exploratórias e de segregações são adotadas nas múltiplas inter-relações sociais. Assim, a investigação examinará as ações políticas e as manifestações ideológicas extremadas na sociedade brasileira após a ascensão da extrema direita ao poder nas eleições de 2018.

As análises filosóficas e políticas de Hannah Arendt (1906 - 1975) sobre o movimento totalitário do nazismo são os suportes básicos das nossas ponderações, principalmente as obras: *Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo*¹. A pesquisa também é fundamentada pelos conceitos da filosofia crítica ao desmascarar as contradições e as posições neoliberais, as quais mistificam o modelo social de classes antagônicas e tentam impedir a tomada de consciência pelos sujeitos em estado de exploração, alienação e miserabilidade material e espiritual.

Erigimos como um dos problemas, questionar se as condições históricas estudadas pela pensadora alemã ainda persistem na contemporaneidade ou houve mudanças substanciais nas expressões do neofascismo que atualmente presenciamos em nível mundial e, com muita proximidade, nas tensões políticas da sociedade brasileira após a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018.

Vivemos momentos de conflitos, aonde o governo autoritário de extrema direita, representado por Jair Bolsonaro, despertou um fascismo latente e mitigado nas subjetividades de parte da população brasileira.

Logo, outro problema a ser questionado e investigado é saber se o desgoverno de Bolsonaro é orientado por concepções neofascistas, pois enfrenta os seus críticos e oponentes como inimigos a serem eliminados e não como adversários republicanos e democráticos, eis que estes discutem ideias, razões e programas de ações políticas fundamentadas em bases práticas e teóricas sólidas.

Ao nos referirmos ao governo da extrema direita de Bolsonaro adotaremos a designação de “desgoverno”, pois a marca pessoal do Messias é o seu eterno despreparo e incompetência em administrar, debater, negociar, em assumir-se como líder de um movimento organizado e

¹ Trad. Roberto Raposo. 8. ed São Paulo: Companhia das Letras, 2018, Parte III e Condição Humana. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2009.

planejado a fim de estabelecer uma ordem e uma sequência de políticas públicas, um relacionamento republicano com os demais poderes da nação e com a comunidade internacional.

Jair sabe que é tosco e sente orgulho da sua ignorância, mas o que pode parecer uma fraqueza para a intelectualidade é a qualidade maior que o levou ao poder e à presidência. Analisaremos os motivos desta escolha débil, mas a fraqueza cognitiva não é problema para as elites financeiras e as massas atomizadas, eis que a missão de Bolsonaro, no plano ideológico, é hostilizar as esquerdas e combater o comunismo.

Já na esfera econômica a sua meta é destruir todos os direitos e garantias dos trabalhadores a fim de acelerar a concentração de capitais e implantar a nova razão do neoliberalismo. Alia-se a estes propósitos a implantação de um modo de ver o mundo como um país sem regras e ao dispor das milícias e dos bispos evangélicos milionários.

Ninguém elegeu Bolsonaro para governar, mas para abrir espaços aos donos do capital financeiro, dar cargos aos amigos de caserna e, acima de tudo, proteger a família na sua rotina de falcatruas, tipo as “rachadinhas”. A massa de simpatizantes do Bolsonaro não é iludida ou manipulada, ela sente tesão pelo jeito adverso ao politicamente correto do Messias. Ambos, aficionados e o líder, sentem orgulho da sua estupidez e a repugnância ao que seja pensamento crítico, estudo e empatia ao amor e ao humanismo.

O negacionismo, a idolatria da violência, o reducionismo e a banalização dos discursos, principalmente nas redes sociais, tornaram-se os mecanismos de disseminação do terror em destaque na sociedade, principalmente no campo ideológico e político. Elementos que dificultam o entendimento e o enfrentamento das reais causas problemáticas da sociedade brasileira, em especial, a fome, a miséria e a crescente desigualdade social que atrasa a soberania e a liberdade do povo brasileiro.

Dado que o exercício crítico da reflexão filosófica e política Justificadas são uma das principais virtudes da Filosofia, é uma prática para os intelectuais da filosofia atuarem na formação de sujeitos conscientes, independentes e preocupados com o coletivo social na práxis da cidadania ativa.

Trabalharemos os conceitos da Filósofa Política Hannah Arendt, “Política”, “Poder”, “Totalitarismo”, “Massificação” e “Ideologia”. Abordaremos também os temas do que consiste o fâscio, as milícias a serviço de Bolsonaro que exercem a violência e o terror, tanto nas redes sociais, como nas ações que capturam e usurpam as populações depauperadas.

A questão é saber se estes atos estão coordenados, todos visando minar o campo republicano e democrático para implantarem um modelo neofascista na sociedade brasileira.

Os temas elencados permitem uma melhor compreensão das manifestações discursivas da extrema direita no campo político e ideológico, considerações a serem lançadas para a análise das dimensões ameaçadas pelos exercícios da radicalidade, o Estado de Direito Republicano, as Liberdades e as garantias dos trabalhadores, bem como as possibilidades da Emancipação Humana.

A pesquisa ambiciona interpretar as ações do movimento de extrema direita que assumiu o poder político após as eleições de 2018 no Brasil e as suas implicações nas ações de Estado a fomentar a multiplicação de milícias, todas a instigarem agressões à democracia, ao pensamento, às populações carentes e excluídas, à ciência e à vida. Certo que a crise da democracia brasileira irrompeu na construção e efetivação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2016.

As práticas e narrativas dissimulam-se nas propagandas ideológicas, as quais encobrem o mote deste governo – garantir a concentração do capital e levar em frente a razão neoliberal para destruir todas as prerrogativas da proteção do trabalho construídas na constituição de 1988. A interrogação que buscamos explicitar é se estas intervenções adotam as mesmas estratégias dos movimentos totalitários examinados por Hannah Arendt. Haverá alguma identificação do desgoverno de Bolsonaro com as práticas do fascismo?

O que leva os sujeitos a entrarem em um processo de massificação e a submeterem-se às declarações negacionistas e às ações autoritárias e totalitárias? Como opera-se a incorporação das manifestações de ódio e de violência, da exclusão das minorias, de ataques às instituições republicanas e à democracia?

Por que as massas clamam pela perda das suas próprias liberdades? É possível um movimento neofascista usar dos espaços democráticos para atentar contra as liberdades e o Estado Social Democrático de Direitos e não gerar resistências nas esferas republicanas e democráticas?

Questionamos sob a ótica da filosofia crítica, mais especificamente da Teoria Crítica (Adorno/Horkheimer), Pachukanis, Lukács, Sève, Dardot, Laval, Gramsci e outros pensadores que enfrentaram e sofreram nas mãos do fascismo e das ditaduras militares na América Latina, caso dos professores João Paulo Netto, Ricardo Antunes, Dowbor, Mascaro, e outros intelectuais, escritores, compositores e cantores que atuam no campo da estética revolucionária.

Trabalhando nesta metodologia crítica conceitual, questionamos se a dinâmica das radicalizações com traços dos movimentos opressores nazistas e neofascistas têm uma tendência de se alastrar e perpetuar-se na psique e no modo de ser de algumas parcelas da sociedade brasileira.

O desejo fascista é algo novo ou estava adormecido e mascarado nas mentalidades? Será que, com o avanço da extrema direita, liberaram-se todos os seus preconceitos, ódios, negacionismos, orgulho da ignorância? Enfim, abrimos as portas para um período de idolatria à miséria do pensamento?

Porventura, as intelectualidades abandonaram as armas da crítica? ² O pensador da filosofia pode elucidar este fenômeno da sociedade brasileira? Como desmistificar e apontar as contradições de um sistema exploratório e alienante das massas? Saberemos avançar nas análises políticas filosóficas para instrumentalizarmos uma ação cidadã de resistência e combate às manifestações neofascistas?

Abandonamos o aprendizado com os movimentos do processo histórico? Estamos a tolerar em nome do lucro e da acumulação do capital um novo período de barbárie?

O escopo da pesquisa tem por intuito de operarmos um salto qualitativo para rompermos com as amarras que tornam o homem a pior ameaça de destruição da vida digna, do meio ambiente e das relações de solidariedade e colaboração entre os sujeitos que carregam o potencial de exercerem a solidariedade e a cidadania, bem como de preservar e ampliar o Estado de bem-estar social inaugurado na Constituição de 1988.

Retrocedemos aos momentos de exaltação da violência e da ignorância? Estamos a cultivar imagens da obscuridade? “pessoas nessas condições não pensavam que a realidade fosse senão a sombra dos objetos.” (PLATÃO, 2002, p.211)³

Lograremos despertar, articularmos o real e o saber para recuperarmos a consciência crítica e a promoção da vida de excelência no percurso da emancipação humana?

Entendemos que estes fatos devem ser investigados sob a visão filosófica teleológica, a qual se opõe a uma visão de neutralidade, pessimista e liberal de sociedade, pois, os intelectuais orgânicos⁴, liberais e neoliberais, sob a perspectiva econômica do capitalismo, mascaram e mistificam o injustificável: a manutenção das desigualdades sociais, a exploração

² “A arma da crítica não pode, é claro, substituir a crítica da arma, o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria também se torna força material quando se apodera das massas.” MARX, 2010, p.151.

³ “Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a ideia do Bem; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e, que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para se ser sensato na vida particular e pública.” (PLATÃO, A República, ed. Martin Claret, SP, 2012, P.212/213)

⁴ GRAMSCI, trabalha a questão dos intelectuais orgânicos: Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc.” (GRAMSCI, Os Intelectuais e a Organização da Cultura, ed. Civilização Brasileira, 4ª ed., RJ, 1982, p.3/4)

do criador pela criatura, o pauperismo de vida da maioria da população a fim de manter os privilégios de uma minoria, ou seja, são os agentes da sustentação da hegemonia da classe dominante.

Nesta conceituação Gramsciana, demarcamos que na sociedade de classes há os intelectuais que servem à classe dominante de forma explícita ou de forma velada, geralmente demonstrando pessimismos na mudança das estruturas econômicas e sociais. Mas temos também os intelectuais que buscam organizar a classe dos desvalidos, eis que, em sendo assalariados, identificam-se com os seus pares e contribuem de forma a se elaborar uma hegemonia da classe que se contraponha à exploração do capital.

A nova ordem da racionalidade do neoliberalismo ⁵ aliada aos avanços do sistema financeiro e da tecnologia causaram uma ruptura no campo da organização dos trabalhadores, pois a escassez de trabalho jogou a população ao servilismo em aceitar qualquer tipo de função para manter um mínimo de subsistência. Estes fatos, colocam os sujeitos como concorrentes a dispensarem a solidariedade e a tomada de consciência de classe.

Mas os rebeldes persistem, lutam diariamente para desvendarem o cativo do sistema neoliberal, atuam na formação de novas lideranças esclarecidas, orientadas pela democracia e à utopia de um novo modelo de sociedade.

A dúvida que está a nos demandar é compreender se estamos realizados em sermos apenas uma peça neste sistema opressor a nos contentarmos com uma sobrevivência submissa ou podemos exercer uma ação revolucionária e, não destruindo a máquina, mas colocá-la a serviço das reais necessidades da maioria das populações. Lucien Sève, filósofo francês, na sua obra: *Começar Pelos Fins – A nova questão comunista*, desenvolve o que seria o comunismo:

...a passagem emancipadora do trabalho para um além do trabalho assalariado capitalista, a livre satisfação das necessidades materiais e culturais, o desenvolvimento integral de todos os indivíduos, o definhamento do Estado de classe, a desalienação da consciência social, o apagar da hostilidade entre nações, a universalização das trocas e da própria humanidade, e em consequência o ponto final da exploração do homem pelo homem, a eliminação das desigualdades e opressões de classe, de sexo, de 'raça' e outras, a passagem da contingência à liberdade real, o fim

⁵ Ce fort ouvrage de 500 pages, au contenu dense et à la ligne théorique claire, rédigé par un philosophe - Pierre Dardot - et un sociologue - Christian Laval -, constitue une contribution précieuse à la compréhension des sociétés contemporaines et de leurs fondements. Dans cette perspective, les auteurs soutiennent qu'il *faut prendre au sérieux le néolibéralisme*, qu'il est urgent d'en disséquer la formule et d'en identifier la logique. D'où l'importance de reconstituer *les étapes de la pensée libérale*, de connaître les évolutions propre au *libéralisme* sous l'effet des tensions régnant entre ses différentes variantes, et ainsi saisir combien, loin de l'image caricaturale qui en est faite, cet ensemble de doctrines a connu - et connaît encore - de multiples débats, source d'une « inventivité » conquérante». Comentários de **Jean-Luc Metzger**, « Pierre Dardot, Christian Laval, *La nouvelle raison du monde. Essai sur la société néolibérale* », *Lectures* [En ligne], Les comptes rendus, mis en ligne le 18 janvier 2010, consulté le 09 décembre 2021. URL : <http://journals.openedition.org/lectures/910> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/lectures.910>

da pré-história humana. (SÈVE, 1999, p.503 et seq.)

A omissão na crítica ao modelo social presente causa a desmobilização na organização popular ao enfrentamento do neofascismo e da estagnação à superação dos arquétipos da destruição e da morte, ou seja, banalizam a mediocridade, desprezam a ideia da criação de algo novo, enaltecem um mundo de mortos vivos em nome de uma subserviência idiotizada para usufruírem as migalhas do baile e do banquete da morte promovido pelas elites agrárias, industriais e financeiras da sociedade brasileira.

É a estes senhores que o neofascismo serve. Bolsonaro sempre foi da ralé política e, hoje, com a sua ideologia tenta dissimular um desgoverno com a empreitada de agilizar um mundo sem lei a garantir o acúmulo de riquezas das elites financeiras, nas mãos da sua família e amigos militares corrompidos pelos altos cargos públicos, todos lacaios do grande capital.

Pensamos que estas questões sociais, econômicas e filosóficas, podem e devem ser tratadas como problemas filosóficos urgentes pelos agentes da intelectualidade, em destaque os profissionais das ciências humanas, o filósofo que ousa sonhar e pensar em utopias a serviço da emancipação humana.

A apresentação do trabalho adotará uma estrutura dialética, sendo que, num primeiro movimento será apresentado o momento da afirmação, uma descrição do momento histórico brasileiro de superação da ditadura militar e da afirmação da construção de uma constituição cidadã. Seguimos pelo segundo movimento da negação, o estágio atual do desgoverno de Bolsonaro e da chegada ao poder da extrema direita neofascista. Concluimos com o terceiro movimento, o momento da negação da negação, momento de elucidarmos as hipóteses levantadas nesta pesquisa. Tempo da excelência do pensamento crítico e de resistência ao neofascismo. Exercício e atuação dos conceitos de pensadores da filosofia crítica, os quais ao apontarem as contradições do sistema capitalista e neofascista, permitem uma ação inovadora e criativa.

Logo, apontamos para uma utopia de humanismo sem sermos apenas idealistas, mas sujeitos de seu tempo a vislumbrarem uma conjuntura da maior idade da civilização, a era da emancipação humana.

1.1 Fundamentação Teórica

Vamos expor o pensamento de Hannah Arendt sobre os movimentos totalitários, as características mais expressivas do nazismo, as quais investigamos, se ainda são usadas na estratégia dos movimentos da extrema direita da contemporaneidade, em especial pelo Estado e os seguidores do desgoverno eleito em 2018 no Brasil. Ao lado das reflexões da pensadora, agregamos conceitos da intelectualidade da filosofia crítica, Pachukanis, Adorno, Gramsci, Zizek, Eco, Alysson Mascaro, Lucien Sève, José Paulo Netto, Ricardo Antunes, entre outros.

Assim, pesquisando sobre a materialidade da vida sob o olhar filosófico crítico, o observador está dentro do problema a ser investigado, ele tece as suas proposições sobre as adversidades do neofascismo, fruto do autoritarismo negacionista representados pelos agentes radicais idealizadores do obscurantismo atualmente no poder político do Brasil, retratados pelo títere Jair Bolsonaro.

A justificação investigativa adota o momento presente, eis que pensamos a sociedade como tomada pela historicidade, atuamos na vida inseridos no momento histórico e de acordo com as condições materiais e fáticas impostas pelas relações de produção, o modo de acesso aos bens materiais e culturais entre as classes sociais em conflito.

O filósofo busca uma compreensão teórica conceitual a partir das relações sociais para confrontar às manifestações autoritárias e totalitárias na sociedade em que atuamos. Partimos da premissa de que o que move a sociedade são as relações entre sujeitos e a natureza na satisfação de suas necessidades materiais e espirituais. Destes encadeamentos, as conexões econômicas e a dialética entre as classes em oposição mostram-se como as locomotivas do processo histórico.

Não há que se falar em “economicismo”, pois desde o mundo grego, as pessoas estavam aptas a participarem da vida pública, de exercerem o debate filosófico e democrático sobre as questões sociais, apenas quando já satisfeitas as imposições materiais. Deste modo, nos diferenciamos dos pensadores que preferem idealizar, contemplar e não atuar de forma ativa na solução dos problemas sociais inexoráveis do nosso tempo.

Nesta perspectiva, a atuação do pensador de filosofia é primordial, pois a sua metodologia crítica trabalhará com os problemas que impactam a existência dos seus cômpanes, fatos que lhes possam trazer significações⁶, suportes teóricos e resolutos para atuarem como cidadãos republicanos, democráticos, independentes e críticos na vida pública.

⁶ Segundo Paulo Freire: “Ensinar exige a apreensão da realidade.” “A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a...” (FREIRE, 1996, p.35)

Para Arendt a vida ativa está interligada com as questões do trabalho, eis que é a colaboração com os seus pares que garantem a sobrevivência, “a condição humana do trabalho é a própria vida.” (ARENDR, 2010, p. 8).

Já a ação, advém da pluralidade, das relações entre os homens sem a intermediação das coisas, ela é condição da política, é modo que oportuniza que o sujeito se mostre e revele a sua singularidade pela obra criativa do novo, um toque cognitivo de originalidade, de enfrentamento e superações das contradições que impedem a realização da excelência humana, algo que simboliza consciências e falas na sua construção histórica.

A ação se desenvolve na esfera pública, mas uma das características da ação é a imprevisibilidade e a irreversibilidade, pois ela é fruto da temporalidade, os diagnósticos são cambiantes, exigem que o investigador esteja em constante revisão dos seus conceitos, movimentos próprios da dialética.

Logo, qualquer prognóstico deve afastar-se das abstrações mentais sem amparo fáticos, dos determinismos reducionistas, pois , somos sujeitos históricos, mas o agir dos sujeitos sofrem as barreiras das condições materiais, sociais e intelectuais da sua época, ou seja, tecemos a nossa linha da vida, nem sempre o porvir que desejamos, eis que, de modo geral, “tinha uma pedra no meio do caminho.” (DRUMOND, 2002, p.15)

Conhecemos o que criticamos, sabemos o que não desejamos, eis que jogamos com as peças do xadrez da vida na escuridão e nas imagens míticas da sociedade das explorações.

A superação é um porvir, é um fazer constante pelas ações solidárias, colaborativas e igualitárias. Cada comunidade, cada povo traça a sua historicidade em seu ritmo e de acordo com as possibilidades do seu tempo, basta não ser covarde e ter a ousadia de sonhar e pensar que uma nova sociedade de vida digna é possível de se construir.

2.0 MOVIMENTO DA AFIRMAÇÃO

“Toda a história política tem sido a da luta do homem para realizar, na terra, o grande ideal de igualdade e fraternidade.” (GUIMARÃES, 1991, p.3)

Corroboramos, neste espaço, a nossa metodologia, a qual segue as leis dos movimentos históricos, não lineares, mas concebidos como uma “rede,” uma “teia” e os seus múltiplos caminhos, frutos das relações sociais entre os homens, os quais, como afirma Hannah Arendt, ao tomar a ação como um processo, a qual caracteriza-se pela imprevisibilidade e a irreversibilidade.

Assim, todas as construções teóricas idealistas ou deterministas em nada contribuem para a ação humana na superação dos modelos que escravizam as pessoas materialmente ou ideologicamente.

Lukács, filósofo húngaro, trabalhou em sua obra o tema do trabalho como fundamento do ser social, este ser é histórico, produz as suas condições de vida em colaboração com os seus pares intervindo na natureza para criar, gerar o novo na satisfação das suas necessidades. Lógico, que o próprio pensador afirma que o ser é mais do que trabalho, mas este proporciona uma objetivação nos campos da estética, da ética e do pensar criativo, ou seja, retoma a ideia de que podemos viver além do trabalho exploratório, podemos produzir socialmente e criarmos uma subjetividade de excelência, sendo um compositor, músico, escritor, marceneiro, jardineiro. Enfim, todas as potencialidades do espírito humano atualizadas pela consciência de si e do mundo.

O próprio fato de que as ciências naturais tenham se tornado exclusivamente ciências de processos e, em seu último estágio, ciências de ‘processos sem retorno’, potencialmente irreversíveis e irremediáveis, indica claramente que, seja qual for o poder mental para desencadeá-los, a capacidade humana responsável por esse poder mental – e única força capaz de realizar tais feitos – não é nenhuma capacidade ‘teórica’, não é contemplação e nem razão; é a faculdade humana de agir, de iniciar processos novos e sem precedentes, cujo resultado é incerto e imprevisível, quer sejam desencadeados na esfera humana ou no reino da natureza. (ARENDR, 2007, p. 243)

E mesmo um olhar muito superficial ao ser social mostra a inextricável imbricação em que se encontram suas categorias decisivas, como o trabalho, a linguagem, a cooperação e a divisão do trabalho, e mostra que aí surgem novas relações de consciência com a realidade e, por isso, consigo mesma. (LUKÁCS, 2013, p. 33)

2.1 VOLTAR NO TEMPO PARA ENTENDER O TEMPO PRESENTE

Para expormos o momento atual das expressões autoritárias, este simbolizado, no plano estatal, pelo governo de Jair Bolsonaro e, na esfera social, pelos adeptos do negacionismo, da exploração do trabalho pelo capital e da violência contra as mulheres, negros, índios, pessoas de orientação sexual diversos do gênero heterossexual, racistas, precisamos voltar um pouco no tempo histórico do Brasil, eis que a gestão de Bolsonaro tem a marca da negação de todos os direitos, garantias e liberdades conquistados pelas classes trabalhadoras e confirmados pelos constituintes na Carta Magna de 1988.

O período factual da afirmação, movimento novo, da criação humana e política na construção histórica do povo brasileiro, processo estabelecido com a formatação da social-democracia dos constituintes de 1988.

Inaugurava-se uma nova dinâmica das garantias e das liberdades, dos direitos sociais e as atuações/deveres do Estado como agente promotor das ações de justiça social, este período foi firmado na Constituição Federal de 1988, conhecida como a “Constituição Cidadã”, a sexta constituição da era republicana, a qual contou como maestro o deputado Ulysses Guimarães, sendo promulgada em 22 de setembro de 1988. Proclamada após os longos anos de chumbo da ditadura militar (1964 – 19885), produto da articulação golpista entre as elites financeiras, setores reacionários da classe média e os militares obcecados pela doutrina anticomunista da Escola Superior de Guerra, depuseram o presidente Jango Goulart, pois este pretendia implantar as “Reformas de Base”, mudanças estruturais socioeconômicas, como a reforma agrária e a ação estatal como propulsora da autonomia e da soberania nacional. Vários pontos destas reformas foram adotadas pelos constituintes de 1988, tal como a função social da propriedade.

A “Constituição Cidadã” consagrou alguns pilares essenciais para a construção de uma nova coletividade democrática de Bem-estar social, aquela que prioriza o combate às desigualdades sociais, eis que os contrastes profundos entre as classes sociais são a chaga maior que caracteriza a sociedade brasileira da exclusão e do ranço insuperável da razão escravocrata, a qual permanece latente na mentalidade das elites e da classe média brasileira, mas com a chegada da extrema direita no poder, via Bolsonaro, esta mentalidade autoritária ganhou força e está gerando ódios e maximizações nas discriminações do governo e dos seus sectários contra as minorias e, em especial, contra a classe trabalhadora.

O impasse que se eterniza, uma maioria da população destinada à pobreza e uma minoria elitista concentrando poderes e capitais.

Segundo o relatório do IBGE divulgado em 2020, o Brasil figura entre os dez países com maiores desigualdades sociais,⁷ sendo que o Brasil tem a segunda maior concentração de renda verificada entre 180 países. Algo que revela os descasos dos governos conservadores e liberais com a extrema pobreza do povo brasileiro.

Certamente, estes dados serão negados pelo desgoverno Bolsonaro apenas na retórica, uma vez que, depois da chegada ao poder pela extrema direita, a veracidade dos fatos e a ciência são combatidos com as fake news, dado que a economia é regada pela política neoliberal do Estado mínimo e elege a “corrupção” como o mal principal a ser guerreado.

As bases estabelecidas pela CF/88 foram: Estado como instrumento das ações sociais, expansão dos direitos dos trabalhadores, fortalecimento do Estado de Direito, separação e equiparação dos poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), mas com uma grande e essencial atuação independente do Ministério Público.

Tínhamos em 1988 uma ambição de resgate da dignidade humana e do exercício da cidadania ativa pelo povo brasileiro. As bases foram lançadas, mas no transcorrer do tempo às elites agrárias, industriais (Fiesp) e financeiras, aliadas aos políticos venais, conservadores e liberais, reagiram e começou o desmonte das garantias conquistadas pelos trabalhadores, tudo em nome do capital e da sua acumulação desenfreada.

2.2 CONSTITUIÇÃO CIDADÃ

O grande coordenador e líder maior da Constituição Cidadã foi o deputado Ulysses Guimarães, este traduzia uma tentativa política de superação da ditadura militar corrupta e assassina, face ao golpe militar contra o governo democrático e popular de Jango, João Goulart.

A lei maior da nação foi um movimento na direção dos descamisados, aqueles que, desde o período colonial, principalmente o povo negro, índio, através de uma grande resistência dos trabalhadores, seus sindicatos, dos intelectuais de esquerda e dos políticos comprometidos com uma pátria de justiça social, conseguiram sensibilizar os constituintes.

Assim, Ulysses Guimarães em seu pronunciamento na entrega da carta aos brasileiros resume bem os objetivos da nova constituição de 1988:

⁷ (<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres>)

Hoje. 5 de outubro de 1988, no que tange à Constituição, a Nação mudou. A Constituição mudou na sua elaboração, mudou na definição dos Poderes. Mudou restaurando a federação, mudou quando quer mudar o homem cidadão. E é só cidadão quem ganha justo e suficiente salário, lê e escreve, mora, tem hospital e remédio, lazer quando descansa.⁸

Certo que a ação participativa da cidadania e a campanha do voto direto foram os garantidores da constituição democrática, pois a mobilização popular foi a grande motivação da derrocada da ditadura militar, o povo foi as ruas para clamar pelas “Diretas Já” e enfrentar o ciclo dos presidentes de farda, eleitos indiretamente por um colégio eleitoral corruptível pelos interesses das elites. Os militares golpistas recebiam em troca da bajulação cargos públicos ou empresas para renderem sustentação a uma política de negação aos trabalhadores. Aos que questionavam aquele modelo social eram “convidados” a deixarem o país, era o Brasil do “ame-o ou deixe-o”.

O símbolo da ditadura militar foi a supressão das liberdades, das perseguições políticas, do Estado de terror implementado com as torturas e as mortes dos presos e dos perseguidos políticos. O poder era mascarado por uma representatividade política controlada, havia apenas dois partidos, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) dos governistas e, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), polo que reuniu as oposições ao governo ditatorial. Os meios de comunicação sofriam censura e não podiam divulgar ou dar transparência aos atos corruptos do governo e dos seus aliados, posto que qualquer crítica era interpretada como uma ação “subversiva e comunista” e de ameaça à família, a tradição e a propriedade.

Durante a ditadura militar houve uma época de crescimento, o dito “milagre econômico”, graças ao fortalecimento dos capitalistas nacionais face ao mercado internacional, acumularam riquezas, beneficiados pelas exportações brasileiras, agraciados pelos incentivos do Estado às elites agrárias e a indústria multinacional. Ao povo era exigido a sua cota de sacrifício, pois “o bolo tem que crescer para depois dividi-lo” (Delfim Neto, Ministro da Fazenda dos governos militares). Na verdade, houve uma expansão econômica, o capital se acumulou nas mãos da burguesia, mas não houve desenvolvimento. Crescimento econômico significa o acúmulo de riquezas apenas pelas elites. Já o desenvolvimento implica uma relação substancial não apenas quantitativa, mas principalmente, uma evolução qualitativa que engloba o conjunto da população.

⁸ Discurso de Ulysses Guimarães em 05 de outubro de 1988, data da publicação da Constituição Cidadã. Fonte: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/277285-integra-do-discurso-presidente-da-assembleia-nacional-constituente-dr-ulysses-guimaraes-10-23/>

No período de crescimento econômico a camada média conservadora, após um período de euforia, começou a perder o seu poder de compra, caminhando para engrossar as classes populares, mas, mesmo sofrendo na pele, jamais se identificou com os estratos dos trabalhadores, preferiu e deseja um flerte com as elites do capital a fim de sorver os sobejos que sobram da farra, da ganância e dos lucros a qualquer preço das elites parasitárias.

Mais uma vez o capitalismo cumpre os seus ciclos de crises, era o início da globalização, dos novos movimentos do capital rumo ao neoliberalismo e a sua financeirização, instrumentalização maior do acúmulo de capital.

Diante desta realidade, a classe dominante jamais ambicionou ser uma protagonista no desenvolvimento social e econômico. A elite brasileira sempre preferiu ser uma intermediária submissa ao capital globalizado, fato que matou qualquer pretensão de industrialização das forças produtivas brasileiras.

As grandes multinacionais ganharam subsídios e isenções para instalarem as suas fábricas no Brasil, mas não houve qualquer exigência de contrapartida por parte dos governos. Sempre o imediatismo do lucro fácil e nenhum plano desenvolvimentista ou visão de Nação.

A elite e a classe média no seu grau de incapacidade de protagonismo desenvolvimentista, apenas exerce a gerência no controle e na exploração da mão de obra barata do povo brasileiro. Assim, as ditas “elites” são aquelas a viver da terra, das riquezas naturais, do boi, da soja e do suor da classe trabalhadora.

A classe dominante sempre flertou com um Estado que atenda aos seus interesses através dos balcões de negociatas com os políticos financiados pelo capital. Esta interpretação do Estado como braço servil da burguesia obteve a lucidez máxima nos estudos do filósofo e revolucionário Antonio Gramsci, pois conceituou estes arranjos como “*Estado veilleur de nuit*”, “*Estado guarda-noturno.*” (GRAMSCI, 2007, p.85)

Os governos liberais, autoritários ou ditatoriais, todos a defender a concentração de capitais, a propriedade privada exploratória e a manutenção das desigualdades sociais, eis que, esta fórmula, garante a manutenção do poder em poucas mãos e, no caso do Brasil, uma elite agrária e financeira, pois a desindustrialização nacional cedeu aos interesses dos grandes capitalistas mundiais.

Assim, a essência do Estado é a salvaguarda dos interesses da classe dominante e a doutrinação ideológica via submissão ou de forma violenta das classes trabalhadoras à racionalidade da locupletação de capitais.

Outro fator característico da constituição cidadã foi o enfoque nacionalista na condução da economia. Embora de caráter social liberal, a participação do Estado no fortalecimento da

indústria nacional e do mercado interno via exportação dos excedentes, visavam gerar uma forte industrialização liderada pela burguesia aliada a uma política de pleno emprego aos trabalhadores.

A velha mística de que o capital possa recusar a sua sina da eterna concentração e acumulação para “repartir” os seus lucros com a sociedade, tendo o Estado como “intermediário neutro” e utilizando os impostos arrecadados para subsidiar as políticas públicas de bem-estar social. Ledo engano, independentemente de qualquer juízo moralista, os capitalistas não são donos da sua voluntariedade, mas seguem os ditames das leis de uma sociedade de mercado globalizada, agora sob o domínio do neoliberalismo, ou seja, um mundo da financeirização liderados pelos grandes conglomerados mundiais. O capital ganha vida própria e a vida humana se coisifica.

Aqui, os produtos do cérebro humano, parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias. (MARX, 2015, p.122)

Para concluirmos este primeiro movimento da afirmação, cuja marca é a constituição de 1988, apresentamos a visão dos autores Saad e Morais referindo-se sobre a Constituição de 1988: “a Constituição trouxe avanços sem precedentes para a esquerda com relação à política social, ao mesmo tempo que fortaleceu o monopólio estatal de algumas indústrias de base e protegeu as empresas e os mercados nacionais.” (SAAD; MORAIS, 2018, p. 81/82).

As observações dos autores confirmam a tese de que a “Constituição Cidadã” foi o marco no Brasil de políticas de Estado de Bem-estar social, ou seja, o Estado estava obrigado a desenvolver políticas de justiça social, direitos e garantias à população mais necessitada: trabalho, educação, moradia, aposentadoria, o Sistema Único de Saúde com acesso gratuito a todos, principalmente às classes trabalhadoras mais humildes.

A jornada de trabalho também foi limitada a 44 horas semanais, garantia de seguro-desemprego, salário-mínimo fixado em lei e que atendessem um padrão mínimo de vida, licença remunerada a gestante de 120 dias, liberdades de organização sindical, direito de greve, a Seguridade Social, abrangendo saúde, previdência e assistência social.

Pela análise acima dos direitos e garantias sociais e do estabelecimento de políticas sociais pelo Estado, define-se uma visão de Estado fomentador de ações que visam diminuir as imensas desigualdades sociais, como já salientamos, é a característica primordial da sociedade brasileira.

As elites agrárias e financeiras, garantidas pelos intelectuais orgânicos, saudosos da escravidão e de políticas autoritárias, sempre desprezaram as grandes massas populares e trabalhadores, eis que estes, sempre foram vistos como mera mercadorias a servirem a expansão do lucros e à concentração de capitais.

A construção de uma Educação gratuita, publica e de qualidade, também destacaram a visão social dos constituintes, bem como a participação ativa da população na cidadania com vista a fortalecer a democracia e o Estado de bem-estar-estar social.

Com uma devida honestidade intelectual, estamos certos de que muitos direitos da CF/88 restaram apenas na formalidade, mas eram as condições sociais e materiais possíveis do momento histórico e, acima de tudo, indicavam um norte a ser cumprido pelo Estado com a participação ativa dos cidadãos, seja através dos sindicatos, conselhos municipais ou na cobrança permanente dos seus representantes nos poderes legislativo e executivo.

2.3 GOVERNOS DO NEOLIBERALISMO

Os governos que se sucederam após a CF/88, todos eles, sem exceções, não promoveram a organização das classes trabalhadoras, não produziram políticas de participação ativa da cidadania na construção e na fiscalização de um Estado Social promotor de trabalho e vida digna.

Como exceção ao quadro descrito acima, podemos afirmar que os governos do Partido dos Trabalhadores executou inúmeros programas sociais de inclusão social e retirou muitas populações da situação de extrema miserabilidade.

No caso, tudo sugere que as medidas “assistencialistas” não têm sido inócuas, pois vêm apresentando impacto não desprezível na redução da pobreza e na alteração da distribuição de renda, como se mostrou anteriormente; e estas, ao contrário de barrar o crescimento, têm-se mostrado como fator propulsor. Nessa direção também argumenta Soares (2010), para quem a queda gradual e consistente do coeficiente de Gini entre 1995 e 2006 se deve a uma série de políticas de transferências e também de aumento do salário mínimo, revertendo uma tendência histórica que, se mantida por mais tempo e incrementada por outras medidas, como tributárias, de diminuição das desigualdades raciais, regionais e educacionais, poderiam levar o país a um patamar semelhante a alguns países hoje considerados como de ótimo padrão de distribuição (FONSECA et al., 2013, p.403)

Fato que estimulou às elites a minarem os avanços estabelecidos pela constituição cidadã e a consumir a retomada de governos conservadores e, agora, com Bolsonaro, reacionários e neofascistas, tudo para bloquear o desenvolvimento da organização dos trabalhadores e a sua possível organização visando a assunção ao poder estatal.

O povo, nestas democracias representativas liberais, sempre aparecem como partícipes passivos, dados aos usos demagógicos, regularmente na posição reativa e nunca reconhecidos como agentes da produção de riquezas e da gerência da coisa pública. Somos meros pedintes e observadores da farra das verbas públicas, oriundas dos altos impostos que recaem sobre a classe trabalhadora, entre o poder político e as elites do sistema financeiro.

O começo do desmonte da Constituição Cidadã deu-se pelos governos liberais e conservadores, comprometidos ou comprados pelo poder econômico da classe dominante. Consequentemente, exerceram uma profunda má vontade em cumprir os ideais traçados pelos constituintes progressistas de 1988. O Estado, os governos, cumprem a lei de braço subserviente ao capitalismo predatório e exploratório da classe trabalhadora. Veremos que o governo da extrema direita de Bolsonaro apenas deu continuidade na missão de avançar com os privilégios e a acumulação do capital às elites aniquiladoras dos bens nacionais.

Em síntese, o que pesquisamos sobre a ascensão da extrema direita, a qual envolve o segundo movimento da nossa tríade dialética, o ápice da negação e da destruição dos direitos sociais estabelecidos na Constituição de 1988 (momento da afirmação) revelam que as nossas mazelas de uma sociedade das desigualdades sociais, da exclusão, do individualismo, do paternalismo, do autoritarismo e de uma aversão aos preceitos constitucionais (uma ideia de que a lei não é para todos), são as raízes da formação de uma elite do atraso.⁹

⁹ Souza, Jessé. Em sua obra “A Elite do atraso: Da escravidão à Lava Jato”, editora Leya, RJ, 2017, p. 122, define a elite brasileira como “O objetivo, como sempre, é legitimar o saque da elite do atraso sobre a sociedade como um todo.”

3.0 MOVIMENTO DA NEGAÇÃO – DES/GOVERNO BOLSONARO

“O que havia acontecido? Por que havia acontecido? Como pode ter acontecido”.
(ARENDR, 2012, p. 415)

“Se existe um critério válido para distinguir a elite da ralé na atmosfera pré-totalitária, é aqui que podemos encontrá-lo: o que buscava a ralé e o que Goebbels expressou de modo tão preciso era o acesso a história, mesmo ao preço da destruição”. (ARENDR, 2012, p. 464)

3.1 BOLSONARO O POLÍTICO DO BAIXO CLERO

Com a vitória eleitoral de Jair Messias Bolsonaro nas eleições de 2018, a extrema direita chega ao poder e continua a consolidar as ideias do neoliberalismo no plano econômico e, na esfera ideológica, seu modos operandi, apresenta semelhanças com as práticas do negacionismo e do autoritarismo? Estão a utilizar os mecanismos do chamado neofascismo? Há alguma identificação com a construção conceitual de Hannah Arendt em suas análises sobre o Totalitarismo do século XX?

Certo que, inaugura-se uma crise na democracia representativa brasileira no ano de 2016, entramos em uma fase da aceleração da negação aos direitos e as garantias dos trabalhadores estabelecidas na constituição de 1988 com a derrubada da presidenta Dilma Rousseff pelos grupos políticos do chamado “centrão”, representados por Michel Temer, então, vice-presidente na aliança com o Partido dos Trabalhadores.

Os integrantes do “centrão”, políticos velhacos e oportunistas, destituídos de ideologia, aliam-se com quem concede favores, cargos públicos e verbas públicas para satisfazerem os seus interesses pessoais. Em nome de uma “governabilidade”, os governos eleitos ficam reféns destes grupos. Como não exercemos uma democracia participativa, as populações limitam-se a uma passividade, eis que estão fora da ação da esfera pública.

Assim, o parceiro de hoje, amanhã, é o opositor, mas sempre na salvaguarda das ambições das elites e da acumulação do capital.

Com o impedimento de Dilma, fruto das narrativas contra a corrupção, algo que alimenta o inconsciente coletivo retrógrado e conservador da classe média. Assim, corruptores (elites financeiras) e corruptos, políticos do “centrão”, entabulam uma fala de mudança no sistema, algo que é amplamente difundido pelos meios de comunicação.

Em âmbito doméstico, é melhor que a turba não ouça o conselho dado pelos tribunais às grandes corporações: que elas devem fazer alguns esforços bastante visíveis na prática de boas ações, de modo que uma “população despertada do sono” não perceba os enormes benefícios que o Estado-babá concede aos conglomerados empresariais.[16] De modo mais geral, era recomendável que o povo norte-americano não tomasse ciência de que as “políticas estatais são esmagadoramente regressivas, e assim reforçam e expandem a desigualdade social”, embora formuladas de maneira a levar “as pessoas a pensar que o governo ajuda somente os pobres não merecedores, o que permite aos políticos mobilizar e tirar partido da retórica e dos valores antigovernamentais mesmo quando continuam direcionando apoio a seus eleitores abastados” – cito aqui o mais importante periódico da mídia dominante, a *Foreign Affairs*, não algum jornaleco radical. (CHOMSKY, 2017, p.117)

Este discurso velado contra o sistema e, em oposição ao modelo político, foi muito utilizado pelo então candidato Bolsonaro, uma vez que dizia atacar “a velha política” e defendia uma nova forma de fazer política, mesmo sem nunca afirmar como seria essa “nova política”, mas os seus eleitores aplaudiam, pois estavam cansados das promessas não cumpridas pelos políticos tradicionais, fato que se agravou com as denúncias de corrupção nos governos do Partido dos Trabalhadores, bem como a traição, via impeachment, dos seus parceiros políticos na sabotagem à presidenta Dilma Rousseff.

Necessitamos estabelecer uma diferenciação entre autoritarismo e totalitarismo, pois a pesquisa está centrada nestes conceitos e para o devido aprofundamento teórico na tentativa de responder se a política de extrema direita, eleita com Bolsonaro: representa uma similitude com o totalitarismo estudado pela filósofa Hannah Arendt ou resume-se apenas a uma manifestação de um autoritarismo sempre latente e pronto a emergir nas ações das elites parasitárias das riquezas naturais e da força de trabalho do povo brasileiro?

Assim, como brasileiros, sofremos a experiência de ditaduras, de golpes militares que levaram a períodos de exceção e ruptura democrática. Portanto, definimos o totalitarismo e a sua distinção dos autoritarismos, permitem que possamos conceituar o que é a forma de poder implantada com a ascensão de Jair Bolsonaro.

Encontramos na própria obra de Arendt, *Origens do Totalitarismo*, ela assim aborda o tema:

O que é importante em nosso contexto é que o governo totalitário é diferente das tiranias e das ditaduras; a distinção entre eles não é de modo algum uma questão acadêmica que possa ser deixada, sem riscos, aos cuidados dos ‘teóricos’, porque o domínio total é a única forma de governo com a qual não é possível coexistir. (ARENDR, 2018, p. 420)

Assim, podemos definir que o totalitarismo é a expressão máxima do autoritarismo. No totalitarismo, fascista e nazista, o poder é absoluto e nas mãos de um partido, o qual é comandado de forma unilateral por um líder que é a configuração dos desejos das massas atomizadas, alienadas e dos interesses da classe dominante.

Autoridade no significativo democrático é o poder exercido com legitimidade e que observa os limites ditados por uma Constituição. Caso a autoridade extrapole os limites constitucionais e usurpe o poder, estará no contexto de um autoritarismo ou de uma ditadura. Outra característica do Totalitarismo e do autoritarismo é o uso da força, da violência, estas, geralmente, concretizadas pelas milícias ou pelas forças armadas, as quais adotam a eliminação dos possíveis opositores ao regime.

Quanto as liberdades, no autoritarismo ela ainda persiste de forma mitigada, os partidos são controlados, diferentemente do totalitarismo em que a liberdade é destruída e toda expressão de singularidade, pois há apenas o movimento, a razão do Estado e do líder. A oposição se recolhe ao pensamento, pois há o medo da manifestação política até no âmbito familiar, duvida-se e teme-se a todos, qualquer pessoa mais próxima pode ser um fanatizado do movimento totalitário e denunciar aquele que ousa divergir do movimento.

Na América Latina enfrentamos as ditaduras militares sangrentas, mas todas atuaram na esfera do autoritarismo. Certo que as práticas totalitárias estão sendo gestadas de forma globalizada, fato que ameaça à democracia liberal burguesa com a ascensão dos líderes neofascistas da extrema direita. É o caso do Brasil com a chegada ao poder de Jair Messias Bolsonaro nas eleições de 2018. Esta eleição de um demagogo de direita é um prenúncio de que a violência, o terror e a barbárie vieram para demolir os ideais republicanos democráticos?

Os simpatizantes de Bolsonaro ignoraram que o candidato da extrema direita era um político formado na dita “velha política”, com vinte e sete anos na vida pública, nunca trabalhou, tendo passado por sete partidos¹⁰ diferentes e no seu período de mandato conseguiu transformar em norma jurídica somente cinco projetos de sua autoria.¹¹

Este personagem da ideologia neofascista nunca ganhou a simpatia dos seus pares no parlamento, tanto é, que sempre fez parte da bancada dita do “baixo clero”, deputados insignificantes, destituídos de articulação para compor projetos de interesse coletivo, só atuam em benefícios corporativos, na maioria, da iniciativa privada, desde que haja uma contrapartida

¹⁰ Bolsonaro ingressou no Partido Liberal no dia 30/11/2021, sendo o oitavo partido da sua carreira de político profissional.

¹¹ https://www.camara.leg.br/internet/sileg/Prop_lista.asp?Autor=0&ideCadastro=74847&Limite=N&tipoProp=2

em verbas ou cargos públicos. Estes parlamentares são os ditos integrantes do “centrão.”¹²

Sua base eleitoral foi a dos saudosistas da ditadura, eis que era do exército. Atuava na Câmara dos Deputados como um mero despachante das demandas por privilégios dos militares e policiais. Passado um tempo, para ampliar a sua base eleitoral, aliou-se aos milicianos e aos pastores evangélicos corruptos do Estado do Rio de Janeiro.

3.2 OS MILICIANOS E OS BISPOS ADORADORES DE ARMAS E OURO

Com os currais eleitorais dominados pela milícia e pelos pastores caça-níqueis, a base eleitoral do Messias ampliou-se, algo que proporcionou inserir na política os seus filhos.

Aqui, destacamos a ação milicianiana adotada pelo ex-deputado inexpressivo e de capacidade cognitiva muito rasa, eis que, em troca de favores espúrios, conseguia eleitores e “parceiros” para ampliar o patrimônio familiar.

Na análise do processo histórico, observamos que as milícias e o fascismo têm uma ligação muito estreita, pois esta organização paramilitar integra elementos da tropa ativa, bem como ex-militares e ex-policiais, todos afeitos ao aliciamento na prestação de seus “serviços”, os quais, inicialmente, em nome de combater os traficantes e o crime organizado que assolam as comunidades, realizam extorsões das populações e dos comerciantes em troca de “proteção”, mas, posteriormente, associaram-se ou substituíram a delinquência e passaram a dominar uma rede de atividades clandestinas. Caso for do interesse, torturam ou matam os “indesejáveis” e concorrentes dos poderosos: comerciantes, industriais, políticos e os agentes do sistema financeiro. Respeitadas as devidas proporções, implantou-se no Brasil amplas regiões dominadas pelos milicianos, lugares onde o Estado não entra ou não tem interesse em prestar os serviços públicos essenciais.

Além das extorsões, a milícia ampliou os seus “negócios” para a chantagem das populações das periferias, eis que vendem gás, serviços de internet e tv a cabo, transporte irregular, roubos de cargas, desde eletrodomésticos até as encomendas realizadas pela internet, comércio que multiplicou as suas vendas durante a pandemia¹³.

Os milicianos e os políticos associados atuam também no ramo imobiliário, pois invadem os imóveis construídos com verbas públicas e expulsam os moradores, passam a cobrar

¹² Parlamentares sem uma ideologia definida, pois operam uma intermediação entre os interesses da elite e os poderes da república, sempre em troca de vantagens econômicas ou de cargos públicos.

¹³ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/economia/audio/2021-07/pesquisa-aponta-que-o-brasil-ampliou-compras-online-na-pandemia>

aluguel ou transacionam as moradias. Utilizam-se das invasões das terras públicas e constroem prédios habitacionais, tudo na irregularidade e com a ajuda dos políticos “parceiros” e da “pretensa” fiscalização pública. Assim, as milícias oriundas da banda podre da segurança pública, hoje, abandonaram as lutas internas e aliaram-se aos traficantes e estabeleceram um negócio milionário em parceria com os políticos de práticas nada republicanas.

Acima, citamos a formação da base eleitoral da família Bolsonaro, mas nas eleições presidenciais de 2018, a grande maioria dos votantes em Bolsonaro, certamente foram pessoas que exerceram um voto de protesto contra o Partido dos Trabalhadores, em especial, o governo de Dilma Rousseff.

Bolsonaro, em sendo um ex-militar, foi acusado por “atos de indisciplina e deslealdade” para com o exército, sua culpa foi admitida no inquérito militar, mas foi absolvido no Superior Tribunal Militar¹⁴. Não foi expulso, mas agraciado, reformado aos 33 anos de idade. Antes de tomar posse na presidência, pediu mais uma aposentadoria como ex-deputado federal.

A vida sempre fácil de Bolsonaro, alguém que nunca gostou de trabalhar, seja pela falta de sapiência ou pela notória incapacidade de concentração a qualquer tema que exija um mínimo de estudo, conhecimento teórico e aptidão argumentativa. É alguém que atua no escopo da mediocridade sem vontade de laborar e estudar, é o tradicional dar-se bem sem nenhum esforço, viver na “mamata” das negociatas e praticar o mantra máximo do individualismo egóico da razão neoliberal.

A questão que devemos refletir é de como a maioria dos eleitores escolheu uma pessoa patética, adepto de uma visão miliciana de mundo, admirador de torturadores, ditadores, um ser que despreza o trabalho e o estudo, bem como orientado por uma inépcia de gerenciar, de modo racional, qualquer enfrentamento de problemas na sua complexidade. Em síntese, um insipiente, um tipo sem empatia e que exalta e sente orgulho da sua completa ignorância. Foi eleito e é considerado um “mito” exatamente pelas suas desqualificações. Externa a subjetividade e a mediocridade das elites e da frustrada classe média brasileira.

3.3 GENOCÍDIO DE BOLSONARO NA SINDEMIA

Neste bloco avaliaremos se houve um exercício genocida, uma ação nazifascista de Bolsonaro e os agentes do governo, bem como de empresários ligados ao negacionismo na prática de crimes omissivos ou comissivos na condução da pandemia do covid-19 no Brasil.

¹⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/08/livro-detalha-como-tribunal-absolveu-bolsonaro-e-condenou-a-imprensa.shtml>

A Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou, na pessoa do seu presidente, Tedros Adhanom, em 11/03/2020, que o Covid-19, causado pelo coronavírus, era uma pandemia. A Organização considera que uma pandemia está configurada quando uma epidemia que atinge uma região se espalha por vários continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa. O termo pandemia em seu significado, corresponde a uma enfermidade epidêmica amplamente disseminada.

Reynaldo Nuncio, em seu livro – Sindemia Covid-19, afirma que “o covid-19 anda pelo mundo deixando atrás pobreza, fome, sofrimento, dor e morte.” (NUNCIO, 2020, p.3)

A Sindemia provocada pelo Covid-19 é a catástrofe mais terrível sofrida pela humanidade nos últimos cem anos e se continuar poderá ser a maior tragédia de toda a história.

A tese do autor busca demonstrar que estamos diante de uma sindemia e não apenas de uma pandemia. Caso não conheçamos em profundidade o inimigo que se está enfrentando, correremos o risco de tratar o fenômeno apenas como uma crise sanitária, cujas armas se reduzem as ações da ciência da medicina. A conceituação científica estabelece:

Epidemia = “se dá quando ocorre um aumento no número de casos de uma doença em diversas regiões, estados ou cidades, porém sem atingir níveis globais.”¹⁵

Pandemia = “Uma enfermidade se torna uma pandemia quando atinge níveis mundiais, ou seja, quando determinado agente se dissemina em diversos países ou continentes, usualmente afetando um grande número de pessoas.”¹⁶

Sindemia = “epidemia que faz uma *sinergia* com os *problemas socioeconômicos* e ataca as pessoas de uma grande região ou de todo o mundo.” (NUNCIO, 2020, p.4)

Assim, para o autor, uma Sindemia é uma sinergia biológica e social. A expressão sindemia é um neologismo dos vocábulos sinergia e epidemia. Recorremos a esta conceituação, eis que o pensamento filosófico crítico e revolucionário sai da lógica da razão instrumental, pois um mais um é mais do que dois.

Sindemia, o termo foi cunhado pelo antropólogo e médico norte-americano Merrill Singer¹⁷ nos anos 90.

¹⁵ Fonte: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/entenda-o-que-e-uma-pandemia-e-as-diferencas-entre-surto-epidemia-e-endemia>

¹⁶ Fonte: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/entenda-o-que-e-uma-pandemia-e-as-diferencas-entre-surto-epidemia-e-endemia>

¹⁷ SINGER, Syndemics and Public Health: Reconceptualizing Disease in Bio-Social Context, 2003.

Beyond disease clustering and interaction, the term *syndemic* also points to the importance of social conditions in disease concentrations, interactions and consequences. In syndemics, the interaction of diseases or other health problems (e.g., malnutrition) commonly arises because of adverse social conditions (e.g., poverty, stigmatization, oppressive social relationships) that put socially devalued groups at heightened risk (SINGER, 2003, p.2)

the term *syndemic* refers to two or more epidemics (i.e., notable increases in the rate of specific diseases in a population), interacting synergistically and contributing, as a result of their interaction, to excesso burden of disease in a population (SINGER, 2003, p.4)

Merryl Singer desenvolveu um raciocínio para elucidar uma situação em que “duas ou mais doenças interagem de tal forma que causam devastações maiores do que a mera soma dessas doenças.”(SINGER, 2003, p.2, tradução nossa)

Beyond the notion of disease clustering in a location or population, and processes of biological synergism among co-dwelling pathogens, the term *syndemic* points to the determinant importance of *social conditions* in the health of individuals and populations (SINGER, 2004, p.7)

O doutor Merril em seu livro acima citado propôs levar em conta as condições sociais e ambientais, as quais pelos usos exploratórios tornam essas doenças interligadas e provocam um impacto profundo nas populações já fragilizadas. Salientamos que, na visão filosófica crítica, estas condições são ocasionadas pelas relações de produção e pelos ataques especulativos ao ambiente.

Vejamos que, pela exposição do conceito de sindemia, a estratégia de enfrentamento vai além do mero tratamento clássico da epidemiologia. Então, necessitamos atentar para as questões do modo de produzir, das relações entre capital e trabalho, das formas em que as riquezas são produzidas e distribuídas.

É preciso ter a lealdade intelectual em assumir que o atual modo de relação entre as pessoas e a natureza, a sociedade de mercado, o modelo capitalista faliu. Não atende aos interesses da coletividade globalizada e está a provocar a destruição do ambiente dos humanos e das outras espécies.

Não há como separar a saúde pública da economia, já que a sociedade atual vive pela transformação de tudo em mercadoria e, estas, em uma eterna fonte de lucros sustentadas pela propriedade privada dos meios de produção.

Para reforçar esta tese basta olhar para as crises constantes provocadas pela acumulação do capital, principalmente após 2008, a economia global entrou em recessão, estagnou, e estamos dominados pelos dramas sociais da fome, da extrema pobreza, do desemprego, da vida nua, onde apenas tentamos sobreviver sem jamais pensar em uma ética prioritária do humanismo, ou seja, uma concepção de vida e de mundo em que todas as pessoas merecem

nascer, viver e morrer com dignidade.

Antes da crise de 2008, pela qual foram em ampla medida as principais responsáveis, as novas instituições financeiras pós-era de ouro tinham adquirido um assustador poder econômico, mais que triplicando a sua cota de lucros corporativos. Após o colapso da economia, um sem-número de economistas começou a investigar em termos puramente econômicos a função delas. O prêmio Nobel de Economia Robert Solow conclui que o mais plausível é que o impacto geral seja negativo, porque “os sucessos provavelmente adicionam pouco ou nada à eficiência da economia real, ao passo que os desastres transferem a riqueza dos contribuintes para os financiadores.[30]. (CHOMSKY, 2017, p. 88)

3.4 ENFRENTANDO A SINDEMIA E A BARBÁRIE

Assim, segundo o autor, para o devido enfrentamento da sindemia precisamos unir as inteligências das várias ciências, profissionais da saúde, filósofos, sociólogos, economistas, antropólogos, psicólogos, ou seja, uma confluência de saberes científicos que encarem o problema de frente e proponham um repensar no atual modelo social e econômico, o qual, em sua aceleração constante da acumulação do capital pode torná-lo um similar do vírus, agride a humanidade, a cultura e as civilizações, se multiplica e morre junto com o corpo explorado.

Como pensar criticamente um método de embate e superação do atual paradigma socioeconômico?

Alysson Máscaro, professor da USP, jurista e filósofo brasileiro em seu livro – Crise e Pandemia – nos apresenta um pensamento em que diz: “Pronuncio-me enviando esta reflexão às amigas e aos amigos companheiros, numa hora decisiva das contradições do capitalismo e de nossa sociabilidade. Palavras de ciência, esperança e luta, para quem é de luta.” (MASCARO, 2014, p.2)

Então, na reflexão do professor Mascaro, dirigindo a crítica sobre o capital e as suas crises inerentes, por obviedade não é um pensamento a ser apresentado na FIESP e nem aos ideólogos do liberalismo econômico, mas aos trabalhadores, pois nos estudos do filósofo Antonio Gramsci ele desenvolve o conceito de intelectual orgânico, aquele que está vinculado a uma classe social e defende os interesses deste estrato social.

O pensador orgânico da classe trabalhadora é o intelectual que une a teoria crítica e a prática em prol da emancipação da classe trabalhadora, ele não vem de fora da classe trabalhadora. Somos os trabalhadores formados e constituídos pela consciência de classe, trabalhadores que ousaram estudar para compreender a dinâmica histórica das sociedades e, assim, mais do que interpretá-la, visamos transformá-la.

O professor Alysson, na mesma linha de argumentação dos autores anteriores sobre a pandemia, irá estudar a pandemia não como um acaso da natureza, mas como sendo um produto da crise do sistema capitalista, uma crise social e histórica.

A integração das crises sanitárias aos contextos ambientais e sociais, as quais são dadas pelo modo de produção em que a expropriação, em benefício de uma minoria, dos bens produzidos pela classe trabalhadora gera a exclusão da maioria dos seres humanos ao acesso aos bens e as tecnologias desenvolvidas pelo processo social das relações de trabalho.

Posto que o capital não é formado pela ação individual, mas é um produto da sociedade, é um constructo coletivo, mas é despojado do social para ser usufruído pela minoria que não integra a cadeia produtiva social, ou seja, a elite econômica, por deter os meios de produção, nada manufatura, privatiza os bens e serviços construídos pela classe trabalhadora.

Além da compulsória venda da força de trabalho, somos submetidos pelo protótipo social da mercadoria ao crescente desemprego, miséria, fome e, agora, à morte agonizante pela asfixia, eis que muitos estão a morrer nas filas dos hospitais, decorrência do desmonte do SUS, operado pelo negacionismo e pela omissão dos governos capitalistas neofascistas. A vacina é escassa, o isolamento é pífio. Logo, a doença, a sua proliferação e a morte das populações vulneráveis pela inação do desgoverno Bolsonaro são uma fatalidade, um genocídio.

O Brasil, sob o desgoverno de Bolsonaro, se tornou um covidário, um laboratório a céu aberto para o desenvolvimento de novas cepas mais agressivas do vírus.

As empresas e empresários ligados à ideologia negacionista também patrocinaram ações de barbárie, eis que a CPI da Covid-19, conduzida pelo Senado Federal, comissão investigativa dos crimes cometidos durante o gerenciamento do Covid-19 no Brasil, apurou que a agenciadora de saúde Prevent Sênior aplicou medicamentos sem eficácia no tratamento da doença em seus pacientes, ou seja, os enfermos sob a guarda da operadora serviram de cobaias para o uso de medicamentos não aprovados e que levam a morte nos casos de comorbidades.

Praticaram experiências sem autorização legal, obrigavam os médicos a aplicarem métodos ilegais, tudo visando atender à ideologia negacionista e genocida de Jair Bolsonaro, bem como evitar maiores despesas à operadora com internações nos casos da Covid 19. Condutas criminosas capazes de causar constrangimento ao “Anjo da Morte” de Auschwitz, Josef Mengele.

Em dezembro de 2021, registramos mais de seiscentas mil mortes, eis que Bolsonaro conspira contra a vacina, o uso de máscaras e o distanciamento social, bem como as medidas de prevenção recomendadas pela OMS e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), como a exigência do passaporte vacinal aos estrangeiros que ingressam no território nacional.

Bolsonaro é contra, mas está sendo obrigado a executar a medida por determinação do STF.¹⁸

Os representantes do negacionismo, Bolsonaro e os seus filhos, montaram um gabinete paralelo para administrar políticas contrárias à vacina e para propagar, financiar os medicamentos sem comprovação científica, hidroxicloroquina e azitromicina etc. Médicos e demais consultores terraplanistas¹⁹ de Bolsonaro apostavam que não haveria mais de mil mortes no Brasil, tudo seria resolvido pela “imunização de rebanho.”

Durante a sindemia, nos períodos críticos, pelo boicote de Bolsonaro e seus asseclas a compra de vacinas, fomos um pária mundial, batemos recordes de contágios e mortes²⁰, mais de quatro mil mortes em um só dia. Tudo em nome de um desgoverno negacionista e que está a serviço do liberalismo econômico e da eterna acumulação do capital, eis que, mais do que ideológica, as ações do Bolsonaro visam atender aos interesses do capital, ao lucro fácil e máximo às empresas e empresários que se adaptam naturalmente ao ideário negacionista e neofascista, desde que os seus lucros sejam preservados.

A análise do professor Alysson é de que o capitalismo não pode dar conta das resoluções das crises que ele mesmo cria, tais como o desemprego, a precarização da vida, desmonte da saúde pública, da habitação popular, da educação de qualidade e gratuita e das profundas desigualdades entre as classes sociais.

Não estamos a tratar de uma crise sanitária, este é mais um fenômeno do neocapitalismo, a crise é do capitalismo. O colapso atual é um sintoma do modo de produção centrado na forma de extração de valor da mercadoria.

No neoliberalismo não há nada a ser corrigido ou reformado, não é um desvio da acumulação, mas a sua potencialização, e a Covid 19 é a mostra de que a destruição da natureza e a precarização da vida causam doenças sociais e podem dizimar a população mundial.

Os transtornos do capitalismo nas economias dependentes, caso do Brasil, a situação, que se agrava, é provocada pela omissão deliberada do atual governo de extrema direita. Diante da sindemia, a incapacidade cognitiva e o despreparo gerencial do poder executivo e dos seus ministérios acarretam uma confluência das fragilidades das políticas públicas, materiais e históricas, mas há um fortalecimento das ações governamentais a serviço da acumulação do capital através da privatização dos bens públicos e da precarização das regras protetivas do trabalho.

¹⁸ <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/12/11/barroso-determina-obrigatoriedade-do-passaporte-da-vacina-contr-a-covid-para-quem-chegar-do-exterior.ghtml>

¹⁹ <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/01/15/o-que-esta-por-tras-do-negacionismo.htm>

²⁰ <https://veja.abril.com.br/saude/brasil-bate-recorde-de-mortes-em-2020-com-covid-19/>

Vejamos as afrontas aos direitos e garantias dos trabalhadores erigidos na CF 88, as reformas regressivas e reacionárias, as quais sob a eleição de Jair Messias Bolsonaro, elevou a concentração de capitais nas mãos do sistema financeiro especulativo na mesma ordem da miserabilidade da classe trabalhadora, gerando debilidades nas relações entre capital e trabalho, potencializando os lucros às custas da vida dos trabalhadores. A economista Fattorelli desmistifica o excesso de gastos do governo e a falta de verbas públicas para investimentos sociais, eis que, do orçamento federal, mais de 40% é para rolar e pagar a dívida pública com o sistema financeiro.

A comprovação de que o crescimento da dívida pública federal não está relacionado com os gastos com a manutenção do Estado e/ou serviços públicos prestados à população consta de vários dados oficiais citados a seguir. Durante 20 anos produzimos R\$ 1 trilhão de superávit primário. Isto significa que durante 20 anos gastamos, com toda a manutenção do Estado (todos os poderes Legislativo, Executivo, Judiciário e Ministério Público) e com serviços públicos prestados à população (saúde, previdência, assistência, educação etc.), R\$ 1 trilhão a menos do que arrecadamos em tributos. (Fattorelli, 2020, Fonte: página eletrônica: <https://auditoriacidada.org.br/conteudo/para-que-tem-servido-a-divida-publica-no-brasil-por-maria-lucia-fattorelli/>)

Hoje, somos um viveiro para o vírus da covid-19, uma opera bufa da burguesia parasitária brasileira, celebram os lucros diante da morte. Esta é a verdadeira face da burguesia e a sua impotência para a vida democrática, republicana e solidária.

O desgoverno miliciano de Bolsonaro aliciou a banda podre da política, o centrão. Seduziu a ala gananciosa do exército, seus ex-parceiros de caserna, amasiou-se com os pastores corruptos e com um ideologismo neofascista, todos histericamente a gritar e a orar para que a pátria nunca seja vermelha, mera narrativas para os fanatizados, o mote é o enriquecimento às custas das verbas públicas. As prosas de um juízo fascista, negacionista, manifestam-se apenas como uma cortina de fumaça a encobrir a verdadeira missão dos “bravos patriotas” – garantir a concentração de capital nas mãos das elites financeiras, industriais e agrárias. É a verdadeira face do fascismo, o qual se caracteriza como um braço armado e serviçal do capitalismo.

O professor Alysso Mascaro, identifica no governo da extrema direita do Brasil, na sua incumbência de salvaguardar a acumulação do capital, um enfrentamento pífio ao fenômeno da pandemia, pois a ideologia anticência e o boicote à compra de vacinas, apostando em remédios sem eficácia comprovada, pelo contrário, estes fármacos, tipo da hidroxicloroquina, no tratamento do covid-19, mostra-se como um agente acelerador da morte do paciente.

A questão do isolamento social, também nunca foi implementada com planejamento científico, eis que a racionalidade do neocapitalismo não tolera as quarentenas e estimulam a continuidade da circulação dos trabalhadores, pois o mercado não pode desacelerar a geração

de lucros.

Em 08/10/2021, o Brasil atingiu mais **de 600 mil mortes pela sindemia**, continua o envio dos pobres aos postos de trabalho, pois o capital, assim, como o nazifascismo, atualmente, prima pelo “*viva la muerte*”, é a modalidade de um genocídio silencioso e sem câmaras de gás. A crise se resolve pela omissão dos governantes, todos a rasgar a constituição em seu artigo 196: “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.” (SENADO FEDERAL, 2020 ,p.104)

Logo, para o professor Mascaro - as adversidades no capitalismo se deslindam gerando outra crise, sempre oportunizando uma solução pela concentração do capital em oligopólios, pelas jogatinas especulativas no mercado de ações e pelas compras subfaturadas das empresas públicas através das privatizações com cartas marcadas.

Em nome da eficiência e de baratear os custos dos serviços, os neoliberais na gestão da coisa pública procuram destruir toda a eficiência das instituições, cortam verbas e nomeiam administradores para minarem a imagem dos órgãos perante a opinião pública, tornam os serviços ineficientes. Portanto, a população não reagirá diante das intenções inescrupulosas do governante de plantão em privatizar e colocar os órgãos, as empresas, nas mãos do setor privado, parceiros das negociatas avalizadas pela legislação e pelo poder judiciário.

O resultado é que os lucros são dilatados e os serviços privatizados se tornam mais caros para a população. Agora, no momento, está em pauta uma possível privatização da Eletrobras e da Petrobras, empresas que resistem bravamente, apesar das gestões de boicote do governo. A Petrobras continua a proporcionar lucros milionários, principalmente aos acionistas internacionais. A empresa, neste momento, com Bolsonaro, tem o seu gerenciamento dominado por generais amigos do poder, os quais vinculam os preços dos insumos do petróleo às predileções dos capitais globalizados, ao preço do dólar, fato que causa a subida de preços no mercado interno brasileiro. A cada alta do dólar, o ministro da economia Paulo Guedes, lucra milhões de dólares com a sua fortuna depositada em offshore nos paraísos fiscais.²¹

Só neste ano de 2021, os preços da gasolina já aumentaram mais de 40% e o gás de cozinha em mais de 34%, assim como a carne, também acima de 40%. A população não sabe se compra o gás ou a carne, eis que os dois são uma ficção na mesa do trabalhador brasileiro. Neste mês, outubro de 2021, assistimos nos noticiários que a população está a comprar carcaças

²¹ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/10/como-alta-do-dolar-elevou-fortuna-de-guedes-em-paraiso-fiscal-no-exterior.shtml>

de gado e de galinha para obter um pouco de carne na sua alimentação.²²

A reflexão que se impõe é a reação e a tomada de consciência de classe pelos trabalhadores, mas certo de que não há um determinismo histórico em garantir a revolução e a tomada do poder político e econômico pela classe trabalhadora, ela tem o potencial²³, mas os caminhos para a ação são longos e tortuosos, requerem uma preparação e um amadurecimento, estudos e conhecimentos, frente as questões históricas, sociais e materiais.

A esquerda reflexiva e crítica não pode exercer um raciocínio raso de que da crise do capitalismo surja a evolução natural dos trabalhadores na superação do atual modelo social e econômico. Não, este processo exige maturidade, pensamento e conhecimento para a tomada de consciência da luta de classes, da organização dos trabalhadores, o que implica uma profunda ação e união entre os intelectuais orgânicos oriundos das forças populares, eis que dotados dos suportes teóricos e do vigor da ação da classe trabalhadora. Neste ponto, é crucial a ação do intelectual orgânico das classes exploradas, este busca unir, de modo dialético, o conhecimento teórico com os potenciais revolucionários da classe forjada no aço das pelepas pela sobrevivência.

Temos, enquanto classe, a potencialidade dialética da superação do modo de produção capitalista, mas, no momento, a estagnação no Brasil está sendo gerida pelo neofascismo. Estamos diante de um Darwinismo social, a lógica da sobrevivência dos mais aptos, o descaso com as mortes das pessoas fragilizadas, dos negros, dos índios, dos idosos e dos doentes crônicos, ou seja, a eliminação de todos que não produzem e não participam da sociedade de consumo.

Caso ainda persista alguma ética, uma moral e um senso de justiça no sistema brasileiro, o único lugar a merecer um gestor neofascista seria o tribunal de Haia para ser julgado pelos crimes contra a humanidade²⁴.

Aqui, retornamos ao conceito de intelectual orgânico de Gramsci, pois as contradições do capital e as suas crises podem oportunizar uma janela histórica para um processo de transformações sociais, desde que haja uma integração solidária entre os intelectuais orgânicos e a aptidão revolucionária da classe trabalhadora.

²² Fonte: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2021/10/13/carne-de-ossos-carcaca-temperada-pe-de-galinha-pescoco-e-outros-cortes-de-terceira-tambem-ficaram-mais-caros.ghtml>

²³ Teoria do ato e potência em Aristóteles.

²⁴ Neste momento da pesquisa, a CPI da Pandemia aprova o relatório e incrimina Bolsonaro por crimes contra a humanidade e mais outros crimes: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/20/com-nove-crimes-atribuidos-a-bolsonaro-relatorio-da-cpi-e-oficialmente-apresentado>

O momento atual da sindemia é crucial em atualizar as condições materiais e sociais para uma profunda alomorfia econômica, social e cultural.

3.5 REDESCOBERTA DO COMUNISMO

Slavoj Zizek em sua obra *Pandemia Covid-19 e a reinvenção do comunismo* aponta também que apenas as medidas sanitárias não resolverão o problema, pois trata-se de uma sindemia com implicações econômicas e sociais. Portanto, surge a necessidade da solidariedade incondicional globalizada. De iniciativas estatais locais, de planejamento amplo e de uma ação mundialmente organizada, ou seja, uma nova forma daquilo que se chama comunismo.

Caso contrário, a tragédia de Wuhan poderá a ser a nossa realidade do dia a dia. A premissa do filósofo é de que os fatos calamitosos podem oportunizar consequências positivas.

O combate ao processo sindêmico exige uma resposta coordenada pelo Estado cientificamente organizado, planejado e sistematizando todas as ações de economia, trabalho, saúde, educação, produção, distribuição, pois requerem medidas com custos elevados, mas que, neste momento, não é a hora de se pensar déficit ou em contingência de despesas, visto que se trata de vidas e de um projeto de dimensões globais, ou seja, um Projeto de Nação.

Este argumento é verdadeiro se observarmos as ações dos países que com mais competência enfrentam a sindemia, como Nova Zelândia, Austrália, China, Japão, Coreia do Sul, Israel e os Estados Unidos, não o de Trump, mas a ação de estadista de Joe Biden que coloca o estado a serviço das populações mais vulneráveis e disponibiliza vacinas, verbas públicas e ações sociais para estancar o vírus que progredia no governo negacionista de Trump.

As condições sociais que abriram as portas à crise sindêmica certamente estão centradas no mercado capitalista globalizado, para tanto, uma resistência mundial e ordenada faz-se necessária, uma nova sociedade orientada pela igualdade e a solidariedade.

Certo que o governo neocapitalista brasileiro optou pela omissão, pela aceitação da morte em larga escala na busca de uma imunidade de rebanho. Como é contra qualquer ação de solidariedade na defesa do coletivo, pois identifica nestas políticas públicas uma ação comunista, passou a combater o enfrentamento científico do vírus, agindo contra a vacina, o isolamento social, a proteção do trabalho e o passaporte vacinal, as únicas armas diligentes no combate à pandemia.

Então, no Brasil percebemos uma atuação colaborativa com o vírus, eis que o conhecido gabinete do ódio, operado pelos filhos do presidente, passaram a exercer ações de um poder paralelo, disseminaram os vírus ideológicos, através das milícias digitais, especialistas em fake

news, todas a teorizar conspirações paranoicas e racistas²⁵.

Segundo Zizek, as contrariedades do capital e o descontrole do vírus lançaram um paradoxo, ou seja, o coronavírus pode nos estimular a reinventarmos o comunismo com base na ciência e na fraternidade entre as populações e as nações.

Compartilhamos desta visão, desde que a cogestão dos meios de produção seja exercida, de forma independente do Estado formal, pelos trabalhadores, no plano interno, e de uma nova irmandade global na esfera das relações entre as nações e os povos. Necessitamos de que a ciência, os saberes e o desenvolvimento de novas tecnologias entrem na corrente de interações universais fora da visão mercadológica.

A ciência, o conhecimento e o desenvolvimento baseado em políticas sustentáveis pertencem ao patrimônio da humanidade, para tanto, não podem ser objetos privados que objetivam o lucro e a acumulação de capitais.

Logo, diante da possibilidade do caos, da barbárie e do aniquilamento da humanidade, uma mudança social radical mostra-se imperativa, propiciando uma nova solidariedade global, fundada em bases de igualdade e de fraternidade, para tanto, o controle das economias devem estar nas mãos dos trabalhadores, os quais colocam a produção a serviço das necessidades humanas e não do capital.

A referência ao comunismo de Zizek diz respeito a exigência, diante da situação de sindemia, de haver uma ação estatal coordenada e eficiente. Neste ponto, discordamos do autor, pois não podemos correr o risco de permanecermos no Estado liberal e nem no Estado burocrático centralizador de poderes na posse de uma elite seja, econômica ou partidária.

Além da intervenção estatal, dirigida pelos trabalhadores, em cada país, deve haver um compartilhamento, uma interação comum entre os povos para a superação da crise econômica, social e sanitária. Bem diverso, da perspectiva liberal, eis que defende um protagonismo das ações individuais e de uma sociedade regulada pelo mercado da propriedade privada, ou seja, a não intervenção ou uma atuação mínima de um Estado que não impõe regras gerais, mas segue os ditames do individualismo, cada um decide o que fazer em nome da “liberdade” total de ações, ou seja, podem decidir não aderir ao sistema de proteção vacinal e contaminarem comunidades inteiras.

Para a ação gerencial e planejada do Estado em cogestão popular, não se requerem maiores demonstrações para elucidar a superioridade das ações coletivas frente aos

²⁵ Tipo de que “o vírus chinês” foi criado em laboratório para arrasar as economias capitalistas e democráticas. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/brasileiros-de-ascendencia-asiatica-relatam-ataques-racistas-durante-a-pandemia.shtml>

empreendimentos individualizados, das atitudes de cada um por si, quem tem dinheiro compra a saúde, a vacina e quem não tem aguarda uma bênção divina.

Assim, é evidente que a sobrevivência e a superação desta sindemia passam pelas ações solidárias e coordenadas com planejamento objetivando o coletivo, pela priorização da vida, do social sobre as individualidades, da solidariedade e da colaboração sobre a competição e os egoísmos sustentados pela ganância do lucro e da acumulação do capital, dos mercados parasitários especulativos, das explorações da sociedade de classes com desigualdades, miséria, fome e mortes.

Estamos entre a barbárie do darwinismo social, da submissão às crises do capital e as suas sindemias, da perspectiva da extinção da vida humana, da flora e da fauna, ou alguma forma de reinvenção do comunismo.

4.0 MOVIMENTO DA NEGAÇÃO DA NEGAÇÃO

“Le philosophe est l’ami du concept, il est en puissance de concept.”
(DELEUZE/GAUTARRI, 2013, p. 8)

A racionalidade neoliberal, que transforma tudo e todos em objetos negociáveis, e só se preocupa com o lucro e a acumulação do capital, além de elevar o egoísmo à condição de virtude, produz um fenômeno: a dessimbolização, o desaparecimento dos valores e dos limites que condicionavam a civilização.” (CASARA, 2020, p.52)

“E que ’stè il fiore del partigiano morto per la libertà”²⁶

4.1 UM TEMPO PARA O PENSAMENTO FILOSÓFICO

Chegamos ao terceiro movimento dialético da pesquisa, o momento do deslocamento da problematização para a proposição de possíveis respostas às adversidades impostas pelo segundo movimento, o movimento da negação, da destruição de direitos dos trabalhadores e de ameaças aos princípios democráticos e às instituições republicanas do nosso país.

Este é o momento da produção interdisciplinar da intelectualidade, do pensador iluminado pela sabedoria de Atená²⁷, comprometido com as mudanças sociais na busca da retomada da vida com dignidade, das ações que proponham uma agenda com temas que abordem a proteção do meio ambiente, defesa da Amazônia, dos povos indígenas, da implantação de políticas públicas de enaltecimento aos profissionais da educação, da promoção do ensino público de qualidade e gratuito, da valorização da classe trabalhadora e da superação do racismo estrutural, das políticas neoliberais, as quais, dotadas de contradições inerentes, concentram capitais na elite e provocam o desemprego e a pauperização dos trabalhadores.

A tradição conta também que Atená protege e favorece os heróis, mas estes tinham um significado diferente na antiguidade: não eram os super-homens de hoje, que fazem justiça com as próprias mãos, mas pessoas comuns que lutam pela verdade e pelas leis da ética da vida, que eram simplesmente o direito sagrado de nascer, viver e morrer com dignidade e honra! (SALIS, 2003, p. 39)

De acordo com Gilles Deleuze e Félix Guattari em sua obra – *Qu’est-ce la philosophie?* - a práxis filosófica é a de criar pensamentos, produzir conceitos a partir de um problema apresentado.

²⁶ Letra Bella Ciao, canção hino da resistência italiana ao fascismo. A autoria é desconhecida, mas era uma canção popular entoada pelas mulheres camponesas da Itália no final do século XIX.

²⁷ Deusa da mitologia grega que representa a sabedoria, defensora da verdade e da justiça. Fonte: Livro, Mitologia Viva, Viktor D. Salis, ed. Nova Alexandria, São Paulo, 2003.

Assim, a conceitualidade serve para apresentar uma compreensão do problema, entender a sua lógica interna, as suas contradições e, desses elementos, apresentar possíveis caminhos, todos dentro das perspectivas do pensamento crítico, de enfrentamento histórico e dialético do problema, de opor resistência à negação, de realizar o movimento lógico da negação da negação.

Qual será a narrativa do intelectual face aos movimentos da afirmação e da negação, este representado pelas racionalidades neoliberais e neofascistas do atual momento brasileiro, simbolizado nas mentes e nas ações dos segmentos da extrema direita pelo presidente Jair Bolsonaro?

Certo que a explanação toma o pensamento como articulações filosóficas conceituais aliadas ao contexto social, da dura realidade enfrentada pela classe trabalhadora, pois o personagem da negação, Bolsonaro, elemento simpatizante das práticas totalitárias, sofre de impotência para o pensamento, assim como todos os fanatizados, eis que não transitam pela inteligência do pensamento, mas marcham na única mão que conhecem, a ideologia de contrariar tudo o que seja progressista e revolucionário, eis que este, representa o “raciocínio de esquerda.” E, assim, com esta quase doutrina rasa, o bolsonarismo continua consolidando a realização dos ditames do neoliberalismo na infraestrutura econômica e do neofascismo nas superestruturas ideológicas, a oposição dialética cabe ao pensamento filosófico crítico.

Antes de adentrarmos nas questões centrais das principais indagações da pesquisa, ou seja, a tese, a qual já adiantamos em diversos momentos desta narrativa, saber se há subsídios fortes para identificarmos o governo de extrema direita espelhado em Jair Bolsonaro como um desgoverno fascista. Mas o que vem a ser um movimento totalitário, um sujeito fascista? Para responder, buscamos auxílio teórico e prático nas experiências históricas. Assim, iniciamos a discussão com os conceitos principais da autora sobre o movimento totalitário, o qual é a linha condutora da nossa pesquisa.

4.2 HANNAH ARENDT, PRINCIPAIS CONCEITOS SOBRE O TOTALITARISMO

A pensadora do exercício da liberdade na Filosofia Política, Hannah Arendt nos legou uma obra da teoria política, *Origens do Totalitarismo, Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. O livro escrito logo após a derrota militar das forças do nazifascismo, procura desenvolver um entendimento, as causas que propiciaram o avanço da barbárie, do terror e da destruição das individualidades, do pensamento e da liberdade.

Apreender a interpretar o fato histórico do fascismo faz-se essencial, eis que é uma potência que está a germinar na atualidade de forma global. Mentis autoritárias e negacionistas,

as quais aliadas as pretensões do neoliberalismo, a acumulação de capitais, formam as condições para a escalada de líderes demagogos, autoritários e com possíveis retomadas de governos totalitários.

A democracia está sob risco, entender os fatores que compõe esta ameaça, é a contingência da superação dialética do capitalismo e do fascismo, o caminho da maior idade da civilização, a emancipação humana nos princípios de uma sociedade sem classes e orientada pela igualdade e pela dignidade da vida.

Hannah Arendt em sendo oriunda de uma família judia, sofreu pessoalmente as agruras do nazifascismo, sua obra é repleta das suas experiências pessoais. Lutou toda a sua vida para contrapor a ideia de que a política estivesse reduzida apenas a manutenção da vida física, vida sem dignidade e sem as qualificações da liberdade criativa, da perspectiva da renovação e de condutas originais, vertentes que edificam o espírito das subjetividades emancipadas.

Origens do Totalitarismo se divide em três partes, Antissemitismo, imperialismo e totalitarismo, este último é o cerne da obra, eis que o antissemitismo e o imperialismo são as causas do surgimento dos movimentos totalitários. Assim, como a nossa pesquisa é sobre a ascensão do fascismo, nos deteremos na terceira parte, apresentando os principais elementos conceituais pensados pela autora. “Este livro trata do totalitarismo, suas origens e elementos.” (ARENDR, 2018, p. 430)

A derrota da Alemanha nazista pôs fim a um capítulo da história. O momento parecia apropriado para olhar os eventos contemporâneos com a retrospectiva do historiador e com o zelo analítico do cientista político, a primeira oportunidade para tentar narrar e compreender o que havia acontecido. (ARENDR, 2018, p.415)

A desconstituição das classes em massas é o fermento essencial para o surgimento do Totalitarismo. “A transformação das classes em massas e a concomitante eliminação da solidariedade grupal são condições *sine qua non* do domínio total” (ARENDR, 2018, p. 424)

Os regimes , enquanto no poder, e o líderes totalitários, enquanto vivos, sempre ‘comandam e baseiam-se no apoio das massas.’ A ascensão de Hitler ao poder foi legal dentro do sistema majoritário, e ele não poderia ter mantido a liderança de tão grande população, sobrevivido a tantas crises internas e externas, e enfrentado tantos perigos de lutas intrapartidárias, se não tivesse contado com a confiança das massas. (ARENDR, 2018, p. 435)

A definição das massas é elucidado pela autora:

O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto. (ARENDR, 2018, p. 438)

Arendt traça a principal característica das massas, qual seja, a perda dos interesses individuais, despertencimento social e político, alta disposição em render obediência cega aos ditames ideológicos do líder. Fatores que alavancam a construção de um Estado forte, dirigido por um único partido e seguindo as vontades do líder. Mais do que submissão, os seguidores fanatizados oferecem até a vida em nome do líder e da causa. Quem ousa divergir, não está apenas contra o mandante chefe, mas em direta oposição ao movimento totalitário.

A depreciação pelas instituições e pela hipocrisia da moral burguesa, tornam as massas controladas pela única lei vigente, a vontade do líder. Logo, o aspecto humano nos regimes totalitários são desconsiderados, não há espaço para as individualidades, as liberdades e as opções em que as singularidades, as subjetividades possam se manifestar e afirmar-se como um ser original cognoscível.

Na barbárie do sistema tudo é possível, eis que não há uma doutrina com fundamentos filosóficos lógicos. A ação violenta supera o pensamento, e até a vida é tornada nulificável, fato que se justifica com a configuração da “Solução Final”, o extermínio de etnias, pessoas indesejáveis e com costumes diversos do ser fascista, uma mentalidade rasa e retilínea.

Não acreditam em nada visível, nem na realidade da sua própria experiência; não confiam em seus olhos e ouvidos, mas apenas em sua imaginação, que pode ser seduzida por qualquer coisa ao mesmo tempo universal e congruente em si. O que convence as massas não são os fatos, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência com o sistema do qual esses fatos fazem parte. (ARENDR, 2018, p.485)

Em se caracterizando as massas como a base de sustentação dos totalitarismos, precisamos apontar que a formação deste segmento descolado da realidade e da participação política tem a sua origem na constituição dos imperialismos e da sociedade de mercado, modelo social que prioriza o lucro e a acumulação do capital, instâncias detonadoras da alienação, do fetiche da mercadoria, lugar em que a coisa ganha vida e personalidade própria, enquanto os sujeitos produtores das riquezas entram em um processo de negação da sua essência criativa, o criador se coisifica.

“A verdade é que as massas surgiram dos fragmentos da sociedade atomizada, cuja estrutura competitiva e concomitante solidão do indivíduo eram controladas apenas quando se pertencia a uma classe.” (ARENDR, 2018, p.446)

A sociedade competitiva de consumo criada pela burguesia gerou apatia, até mesmo hostilidade, em relação à vida pública, não apenas entre as camadas sociais exploradas e excluídas da participação ativa no governo do país, mas acima de tudo entre a sua própria classe. (ARENDR, 2018, p. 441)

O fenômeno do nazifascismo como uma ordem inédita de governo necessita de uma definição que o distinga das formas clássicas de governo até então conhecidas, tais como as

elencadas por Aristóteles:

Visto que as palavras constituição e governo significam a mesma coisa, visto que o governo é a autoridade suprema nos Estados e que forçosamente esta autoridade suprema deve repousar nas mãos de um só, ou de vários, ou de uma multidão, segue-se que desde que um só, ou vários, ou a multidão, usem da autoridade com vistas ao interesse geral, a constituição é pura e sã forçosamente; ao contrário, se se governa com vistas ao interesse particular, isto é, ao interesse de um só, ou de vários, ou da multidão, a constituição é viciada e corrompida; porque de duas coisas uma: é preciso declarar que os cidadãos não participam do interesse geral, ou deles participam. (ARISTÓTELES, 2017, p. 87)

Portanto, na concepção de Aristóteles, temos uma constituição e governo virtuosos ou viciados. Entre os primeiros estão a Monarquia, nas mãos de uma só pessoa. A Aristocracia, nas mãos de vários e a República, governo da multidão, todos visando o interesse geral.

Os governos viciados são: a tirania, a oligarquia, para a demagogia para a república. A tirania é uma monarquia que não tem outro objeto além do interesse dos ricos; a demagogia só enxerga o dos pobres. Nenhum desses governos se ocupa do interesse geral. (ARISTÓTELES, 2017, p. 88)

Arendt percebeu a novidade do governo totalitário, eis que as suas características essenciais não se enquadram em nenhuma definição histórica anterior. O domínio do nazifascismo se aproxima da tirania, mas a pensadora cuida logo de distinguir. Anotamos anteriormente no ponto 2.1²⁸, a diferença, mas renovamos visto que estamos a tratar dos principais conceitos da filósofa.

O que é importante em nosso contexto é que o governo totalitário é diferente das tiranias e das ditaduras; a distinção entre eles não é de modo algum uma questão acadêmica que possa ser deixada, sem riscos, aos cuidados dos ‘teóricos’, porque o domínio total é a única forma de governo com a qual não é possível coexistir. (ARENDR, 2018, p. 420)

Arendt destaca o fim de duas ilusões da sociedade capitalista, algo nos alerta, pois os temas e os conceitos estudados e formulados pela pensadora estão atualizados, vivemos momentos de desencanto com a vida pública, principalmente a política que, no neocapitalismo, tornou-se um balcão de negociações entre as elites financeiras e os partidos políticos de “aluguel.” As populações em processo de massificação, de uma vida atomizada e desvalorizada perante o capital gera a extrema decepção com a política, a participação ativa nas soluções coletivas perde terreno para uma fuga e tentativa de salvação egoísta, a palavra dos pastores charlatões vale mais do que a vã promessa do político demagogo, eis que aquele oferece uma vida digna, claro só depois da morte, mas com alguns reais “doados” à igreja, garante-se a vida eterna.

²⁸ 2.1 Bolsonaro o político do baixo clero, p. 21.

O sucesso dos movimentos totalitários entre as massas significou o fim de duas ilusões dos países democráticos em geral, em particular, dos Estados-nações europeus e do seu sistema partidário. A primeira foi a ilusão de que o povo, em sua maioria, participava ativamente do governo e todo indivíduo simpatizava com um partido ou outro. Esses movimentos, pelo contrário, demonstraram que as massas politicamente neutras e indiferentes podiam facilmente constituir a maioria num país de governo democrático....

A segunda ilusão democrática destruída pelos movimentos totalitários, foi a de que essas massas politicamente indiferentes não importavam, que eram realmente neutras e que nada mais constituíam senão um silencioso pano de fundo para a vida política da nação...

Assim, quando os movimentos totalitários invadiram o Parlamento com o seu desprezo pelo governo parlamentar conseguiram convencer o povo em geral de que as maiorias parlamentares eram espúrias e não correspondiam necessariamente à realidade do país, solapando com isso a dignidade e a confiança dos governos na soberania da maioria.” (ARENDDT, 2018, p. 439/440) (grifo nosso)

Ora, este pensamento extremamente preciso de Arendt sobre a compreensão do que é o caldo cultural para a consolidação de um governo totalitário é muito preocupante, pois perdemos a capacidade de revisar e aprender com os movimentos históricos. Quando a autora fala em apatia, desprezo pelos governos liberais democráticos, parece que escreveu seu livro no momento presente.

Presenciamos, recentemente, as tentativas de invasão do Capitólio pelos fanatizados de Trump, bem como no último dia Sete de Setembro de 2021, Bolsonaro chamou os seus seguidores em uma tentativa de golpe contra o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal, ambos os líderes, Trump e Bolsonaro, são os representantes dos anseios da extrema direita de cunho neofascista. Fracassaram em suas tentativas de golpe, mas os intelectuais e as instituições republicanas parecem que não compreenderam que não significam mais nada a uma grande maioria, uma massa ansiosa pela ruptura com a sociedade neoliberal hipócrita e corrompida. Mesmo que a mudança, via golpe, seja para nada mudar, pois a ruptura serve apenas aos ditames do neoliberalismo.

Bolsonaro e Trump são apenas os sintomas de uma sociedade fragilizada e enferma, está à beira de um processamento de massificação, o fermento ideal para uma ruptura com as instituições republicanas e democráticas. Os golpes não surtiram efeitos pela incapacidade cognitiva de liderar de Trump e Bolsonaro, mas o recado está dado, Bolsonaro será descartado pelas elites, mas quem será o novo messias? Alguém aparecerá com um mínimo de habilidades intelectivas para ser o novo líder, alguém com uma capacidade discursiva de atirar as massas contra a República e a Democracia.

Outro conceito trabalhado pela pensadora política é a diferenciação entre ralé e as massas. Como salientamos anteriormente, Bolsonaro é um típico exemplar da ralé. Quando era deputado, a parte o seu idiotismo e a sua declarada ignorância, sempre atuou no chamado “baixo clero”, grupo de políticos sem expressão e que atuam apenas na defesa dos seus interesses escusos, parlamentares venais que trocam de lado de acordo com o tamanho da maleta ofertada pelo poder econômico.

A relação entre a sociedade de classes dominada pela burguesia e as massas que emergiram do seu colapso não é a mesma entre a burguesia e a ralé, que era um subproduto da produção capitalista. As massas têm em comum com a ralé apenas uma característica, ou seja, ambas estão fora de qualquer ramificação social e representação política normal. As massas não herdaram, como o faz a ralé, os padrões e atitudes das classes dominantes, mas refletem, e de certo modo pervertem, os padrões e atitudes de todas as classes em relação aos negócios públicos. (ARENDRT, 2018, p. 442)

O termo ralé, subproduto da produção capitalista, utilizado por Arendt, identifica-se com a análise de Marx e Engels na obra *A Ideologia Alemã*, designam a situação de quem está fora da relação de produção, pois o trabalhador, embora explorado, faz parte do sistema, mas o *lumpemproletariado* está em uma situação inferior, é um ser marginalizado, sofre os efeitos mais drásticos da alienação. Este ser não tem uma consciência de classe, é facilmente seduzido pela ideologia da classe dominante. “Todo líder da ralé é caracterizado pela mera sede de poder e pelo desprezo à ‘tagarelice’ quando se lhe pergunta o que pretende fazer com ele. O verdadeiro objetivo do fascismo era apenas a tomada do poder e a instalação da ‘elite’ fascista no governo.” (ARENDRT, 2018, p. 455)

A débil personalidade de Bolsonaro se enquadra perfeitamente nesta definição, pois não é dotado da oratória, um reduzido vocabulário, algo que expressa um déficit de pensamento. Já assinalamos que a fraqueza cognitiva de Bolsonaro é a sua atração maior para os seus seguidores, eis que identificados com o líder, desprezam o conhecimento, o estudo e a ciência.

Bolsonaro não foi eleito para governar, mas sim para destruir todo o legado dos constituintes de 1988. Alguém que chega ao poder e não sabe o que fazer, apenas nomeia os seus parceiros de caserna e outros fanatizados indicados pelos seus filhos. Se é diminuto intelectualmente, está cotado para qualquer cargo no governo. Logo, general assume o Ministério da Saúde, condenado por crime de improbidade administrativa é guindado ao Ministério do Meio Ambiente, falsificador de currículo é designado para o Ministério da Educação.

“A uniforme perseguição movida contra qualquer atividade intelectual pelos novos líderes da massa deve-se a algo mais que o seu natural ressentimento contra tudo o que não podem compreender.” (ARENDDT, 2018, p. 473)

“O totalitarismo no poder invariavelmente substitui todo talento, quaisquer que sejam as suas simpatias, pelos loucos e insensatos cuja falta de inteligência e criatividade é ainda a melhor garantia de lealdade.” (ARENDDT, 2018, p. 473)

Outros conceitos trabalhados pela pensadora Hannah Arendt é o de isolamento e de solidão. O isolamento é a antessala da solidão, pois no isolamento há o sentimento de impotência, já que os indivíduos estão descolados da sua classe e desconectados dos seus semelhantes.

No isolamento não existe a solução pelo trabalho conjunto na esfera pública, no espaço político, formando uma base aos demagogos totalitários - *“o isolamento e a impotência, isto é, a incapacidade para agir, sempre foram típicos das tiranias.” (ARENDDT, 2012, p. 633).*

Os conceitos não são sinônimos: *“o isolamento é aquele impasse no qual os homens se veem quando a esfera política de suas vidas, onde agem em conjunto na realização de um interesse comum, é destruída.” (ARENDDT, 2012, p. 633).*

A autora afirma que o isolamento atinge o seu ápice quando o ser perde a sua criatividade, ele passa a viver apenas em função da sobrevivência, trabalha apenas para subsistir. Aqui recuperamos o conceito da razão neoliberal, eis que na contemporaneidade a coisificação e a mercantilização dos seres é a marca identificadora da sociedade de consumo. Consume, exaure todas as coisas e sujeitos que possam aprimorar o lucro e a concentração de capitais.

Quanto ao fenômeno da solidão é mais intenso na vida dos indivíduos, pois no isolamento há uma perda do espaço político, já na solidão o sujeito sente-se abandonado e não conta nem com seus pensamentos:

Mas o domínio totalitário como forma de governo é novo no sentido que não se contenta com esse isolamento, e destrói também a vida privada. Baseia-se na solidão, na experiência de não se pertencer ao mundo, que é uma das mais radicais e desesperadas experiências que o homem pode ter. (ARENDDT, 2012, p. 634)

Das classes desestruturadas, face ao desemprego, a debilidade da educação e a vida precária, dá-se a formação da massificação, ou como aponta Arendt, *“a transformação das classes em massas” (ARENDDT, 2012, 424)*

“A ascensão de Hitler ao poder foi legal dentro do sistema majoritário, e ele não poderia ter mantido a liderança de tão grande população, ...se não tivesse contado com a confiança das massas.” (ARENDDT, 2012, p. 435).

Logo, as classes dominantes usualmente recorrem ao autoritarismo, aos movimentos totalitários, sempre que se sentem ameaçadas na preservação da propriedade dos meios de produção.

A tese defendida por esta obra é precisamente que o neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma racionalidade e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados. A racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação. (Dardot et Laval, 2018, p. 15)

Geralmente, apenas a ideologia, a razão liberal, são suficientes para a permanência da alienação das classes exploradas, mas nos períodos de crises do capitalismo, emergem as insatisfações populares devida à generalização da pobreza e da fome. Assim, o braço armado dos neofascismos, os ditadores de plantão, ganham espaço com o apoio dos capitalistas para a manutenção do status quo vigente de exploração e de concentração de capitais.

Em síntese, a racionalidade do neoliberalismo, a qual trata tudo e a todos como mercadorias, apenas como fonte de lucro e da acumulação de capitais chegou ao limite da barbárie. Resta aos pensadores críticos, como também aos intelectuais conservadores e liberais não cínicos analisarem e desmistificarem as contradições do sistema visando a superação desta sociedade exploratória e depredadora da vida digna.

Quanto as condições fomentadoras dos autoritarismo e totalitarismos, assim foi na Alemanha e também no Brasil, guardadas as proporções no exercício da violência contra as liberdades democráticas e a aniquilação dos sujeitos objetos do ódio, os bravos resistentes, principalmente os intelectuais orgânicos das classes trabalhadoras e dos partidos de esquerda divergentes do modo de produção de concentração de capitais e de exclusão das classes populares dos benefícios da geração de riquezas, eis que a classe dominante usurpa todos os direitos a fim de manter a lei maior do sistema, riquezas e poder concentrados pela burguesia as custas da usurpação da vida de miséria dos trabalhadores.

Reforçamos a ideia de que as classes dominantes jamais abandonam a ideia de aliarem-se às tiranias, aos líderes autoritários e neofascistas desde que os seus interesses sejam preservados e até aprimorados com o respaldo dos opressores de plantão.

Arendt desenvolve no livro alguns pontos que explicitam a simpatia das massas aos regimes totalitários, eis que a sociedade de mercado forjou um homem competitivo, individualista e avesso à vida pública.

Esta apatia também se volta para a vida política e torna-se um fator de exploração pelos demagogos, os quais atacam as instituições, o sistema vigente, mas apenas no plano político, as

estruturas econômicas e as relações de exploração, jamais são questionadas.

Segundo Arendt, a propaganda ideológica do movimento totalitário é o elemento alimentador do fanatismo:

Os membros fanatizados são inatingíveis pela experiência e pelo argumento; a identificação com o movimento e o conformismo total parecem ter destruído a própria capacidade de sentir, mesmo que seja algo tão extremo como a tortura ou o medo da morte. (ARENDR, 2018, p. 436)

Arendt elege três pontos a serem destacados na ideologia:

- Desejo de interpretação total dos fatos históricos, não justifica o concreto, usa da motivação ideológica, por exemplo o antissemitismo, como uma explicação que esclarece o passado, o presente e o futuro, ou seja, uma ambição totalizante.

- Descolamento da experiência e da realidade:

A propaganda do movimento totalitário serve também para libertar o pensamento da experiência e da realidade; procura sempre injetar um significado secreto em cada evento público tangível e farejar intenções secretas atrás de cada ato político público. Quando chegam ao poder, os movimentos passam a alterar a realidade segundo as suas afirmações ideológicas. O conceito de inimizade é substituído pelo conceito de conspiração. (ARENDR, 2012, p. 627)

Para Arendt, o real é o que se mostra, ser e aparecer coexistem – o concreto a gente vê, toca, ouve. Já a ideologia é o contrário, é o que não está a mostra, não se sujeita a disposição dos nossos sentidos. Não estando na ordem da materialidade, ela necessitará ser apreendida de outros modos, pela propaganda, pela educação dissimulada e pelo proselitismo ideológico.

Na ideologia sempre há algo velado, necessitando ser interpretado, tipo as divergências são tomadas como conspirações. Como exemplo, citamos um vídeo publicado na conta do twitter do Bolsonaro, o qual era representado por um leão atacado por hienas, estas representavam os partidos, a imprensa e o STF.

Vemos que deliberadamente um presidente provoca um terror oficial, pois se não consegue governar é porque está sendo impedido, está sendo atacado pelas “hienas”, as instituições, o STF, os partidos de oposição. Esta mensagem que atinge a mente e o sentimento das massas na forma subliminar de que esses inimigos devem ser eliminados para que o curso natural dos objetivos ideológicos da extrema direita sejam realizados. Assim, os fracassos da retomada econômica pelos gestores neoliberais são encobertos pelas expressões ideológicas.

Havia uma narrativa de que o Brasil retomaria o desenvolvimento após a reforma trabalhista, esta retirou os direitos dos trabalhadores elencados na CLT e na CF de 1988, mas nada aconteceu. Após, a prosa neoliberal era de que a reforma da previdência iria gerar mais empregos e tiraria o país da estagnação econômica, nada aconteceu de novo! Agora a elite financeira e o governo defendem as reformas administrativas e tributárias, as quais visam

eliminar os serviços públicos, promover a terceirização e a privatização, enfim, o Estado mínimo estará implantado e a economia estará concentrada nas mãos do Capital internacional, restando a alta sociedade nacional a especulação financeira e a exportação das commodities e das produções do agronegócio.

Observamos que a propaganda ideológica necessita de um inimigo oculto ou objetivo a ser eliminado, sejam os judeus, sejam os comunistas, sejam as instituições, como o Congresso Nacional e o STF. Estes fatos são analisados pela filósofa Arendt: “Quando chegam ao poder, os movimentos passam a alterar a realidade segundo as suas afirmações ideológicas.” (Arendt, 2012, p. 627).

O terceiro elemento da ideologia, “peculiar de todos os pensamentos ideológicos”, explica Arendt, dá-se pela impossibilidade da mudança da realidade e da secessão do pensamento da realidade, há a produção de uma lógica interna de argumentação.

O pensamento ideológico arruma os fatos sob a forma de um processo absolutamente lógico, que se inicia a partir de uma premissa aceita axiomáticamente, tudo mais sendo deduzido dela; isto é, age com uma coerência que não existe em parte alguma no terreno da realidade. (ARENDR, 2012, p. 628)

A propaganda ideológica tem essa função de, a partir de uma premissa, inferir outras opiniões afastadas da experiência, segmentadas do real, do tipo da argumentação de uma raça superior, assim as “raças agonizantes”, os judeus, no caso do nazismo de Hitler, levam os seguidores fanatizados a seguirem a lógica ideológica, ou seja, matar as “raças agonizantes” a fim de cumprir a missão do projeto natural da realização dos ideais da raça superior.

A coerência interna da proposição, raça agonizante, justifica a eliminação, nada a fazer, eis que se agoniza, irá morrer de qualquer forma, apenas se acelera e se libera as energias para os verdadeiros fins do movimento nazifascista: a tomada do poder e a condução total dos destinos da nação sob o terror oficializado pelo Estado, nada de doutrina ou programa, apenas uma ideologia de exclusão e apagamento das liberdades e das individualidades.

Na sociedade brasileira, a propaganda ideológica da extrema direita consiste em fazer cumprir a missão que move Bolsonaro e a classe média conservadora simpatizante do neofascismo, a premissa do combate aos partidos de esquerda e aos direitos e garantias da classe trabalhadora consolidados pelos constituintes de 1988.

A supremacia do aparato policial é um fator de destaque nos governos totalitários. É verdade que a ascendência da polícia secreta sobre o aparelho militar é a marca de muitas tiranias, e não somente das tiranias totalitárias; mas no caso do governo totalitário, a preponderância da polícia não apenas atende à necessidade de suprimir a população em casa, como se ajusta à pretensão ideológica de domínio global. (ARENDR, 2018, p. 427/428)

A saída do Ministro da Justiça, Sérgio Moro, do governo Bolsonaro, deu-se pelas ingerências do presidente na Polícia Federal para estancar uma possível prisão dos filhos, eis que, aprenderam com o pai, um modo de desviar dinheiro público com a prática criminosa das “rachadinhas.” Bolsonaro está respondendo a um inquérito²⁹, sob determinação do STF, o qual investiga as investidas de Bolsonaro a fim de aparelhar a Polícia Federal, criando um poder paralelo para atuar na perseguição dos adversários e na proteção dos filhos, eis que estes estão envolvidos em vários delitos, a “rachadinha” é apenas um deles.

Há também a questão da condução do “gabinete do ódio³⁰” pelos seus filhos, aparelho responsável pela divulgação das fake news e da disseminação de hostilidades pelas redes sociais contra os políticos de esquerda e contra os desafetos, principalmente os ex-aliados, os quais passaram a detalhar o modo de operar dos filhos do presidente na gerência do “gabinete do ódio³¹,” fato que também está sendo investigado em outro inquérito perante a condução do STF.

A predileção pelas políticas de terrorismo também são destacadas por Arendt como uma marca essencial do movimento totalitário.

O pronunciado ativismo dos movimentos totalitários, sua preferência pelo terrorismo em relação a qualquer outra forma de atividade política, atraíram da mesma forma a elite de intelectuais e a ralé, precisamente porque esse terrorismo era tão diferente daquele das antigas sociedades revolucionárias. (ARENDR, 2018, p. 463)

“O que era tão atraente é que o terrorismo havia se tornado uma espécie de filosofia através da qual era possível exprimir frustração, ressentimento e ódio cego...” (ARENDR, 2018, p. 464)

A prática do terror pelo movimento nazista não era apenas diante do público interno, mas como o totalitarismo visa a sua expansão global, aos povos considerados inimigos, a mesma política de terror era o modo de operar, não havia prisioneiros de guerra, todos que se rendiam eram executados e enterrados em valas comuns. O mote ideológico era a superioridade da raça ariana. Logo, além do povo judeu, extermínio nos campos de concentração de mais de seis milhões de pessoas, foi o holocausto executado contra o povo judeu, mas também sofreram o terror totalitário outras etnias, como os ciganos, os eslavos, o povo russo, os poloneses, bem como a raça negra, também considerados “subumanos”, todos a merecer a extinção, eis que atrasavam a destinação natural da superioridade da raça ariana.

²⁹ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/11/04/bolsonaro-presta-depoimento-no-inquerito-sobre-tentativa-de-interferencia-na-pf.ghtml>

³⁰ <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-defende-integrantes-do-gabinete-do-odio-diz-que-grupo-gabinete-da-liberdade-1-25004656>

³¹ <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/ex-aliados-de-bolsonaro-detalham-modus-operandi-do-gabinete-do-odio/>

4.3 A LÓGICA DE UMA IDEIA

Continuando a análise do componente conceitual que caracteriza o totalitarismo, a ideologia. Hannah Arendt define ideologia:

uma ideologia é bem literalmente o que o seu nome indica: é a lógica de uma ideia. O seu objeto de estudo é a história, a qual a ideia é aplicada; o resultado dessa aplicação não é um conjunto de postulados acerca de algo que é, mas a revelação de um processo que está em constante mudança. (ARENDR, 2012, p. 624).

Assim, compreendemos que o uso da ideologia pelos movimentos totalitários utiliza-se dessa “lógica” apartada do real para explicar a prática radicalizada, tal como, usar a premissa de que: a corrupção é o mal maior a ser combatido na sociedade, os partidos de esquerda são corruptos, logo, todos os partidos de esquerda devem ser combatidos, quando não eliminados!

“As ideologias pretendem os mistérios de todo o processo histórico – os segredos do passado, as complexidades do presente, as incertezas do futuro – em virtude da lógica inerente de suas respectivas ideias.” (ARENDR, 2012, p. 624).

Vejam que os eleitores de Bolsonaro escolheram a corrupção como o mal maior da nação brasileira, nenhuma referência às desigualdades sociais, à fome, à miséria e ao desemprego. Aqui opera a racionalidade neoliberal e a exaltação do individualismo, nega-se o outro, rejeitam o coletivo, eis que se visualizam soluções apenas para satisfazerem as suas necessidades egoístas e rasteiras.

A ideologia nazista da raça superior, de que os comportamentos estavam vinculados à raça e que a história era a história das lutas entre as raças, certos de que as raças superiores eram as mais dotadas de inteligência, beleza, logo, estas deveriam assumir o comando da evolução histórica.

Segundo a ideologia nazista, a raça superior deveria eliminar as raças inferiores, pois travavam o desenvolvimento da lei natural, a que estabelecia a superioridade da raça ariana.

A aceleração da história, visava cumprir a lei natural de modo mais efetivo, para tanto, a violência e o terror se justificam. É o motor da ideologia valendo-se como explicação do terror, do fim como justificativa dos meios, a fim de cumprir a realização do futuro ideologizado.

Tomadas as devidas proporções, essa é a ideologia de Bolsonaro, um declarado defensor da violência, das milícias e da aplicação do terror para eliminar “as esquerdas comunistas”, esta é a sua missão de vida medíocre, um ser sem prazeres, destituído de gostos culturais e estéticos, reduz-se a viver das migalhas da burguesia, a quem serve fielmente no combate ao comunismo, embora não conheça e não tenha a capacidade de entender as razões do que seja socialismo ou

comunismo. Por óbvio, que nunca leu algum livro, muito menos, uma obra complexa do marxismo.

A doutrina da caserna pensada na Escola Superior de Guerra, de oposição a tudo que pareça “vermelho”, eis que identificam qualquer oposição ao regime da hierarquia, da disciplina, do neoliberalismo (manifestações do autoritarismo), como ações comunistas.

Isto posto, o contraditório é visto como sendo da senha “comunista”, pois as referências teóricas e práticas do comunismo, todas as pessoas que defendem esta ideia de devolver o poder aos reais produtores de valores e bens, a classe trabalhadora, estes sujeitos, para os reacionários, como Bolsonaro e os seus seguidores, atrasam o desenvolvimento da história e do progresso do país, portanto, devem ser combatidas, quando não, presas e torturadas no pau-de-arara, assim liberam o caminho para o avanço dos ideais da sociedade “conservadora nos costumes e liberal na economia.” (definição de Bolsonaro).

Uma contradição gritante essa definição, pois o liberalismo e agora o neoliberalismo, o sistema da economia da financeirização, exige um mercado livre e aberto, sem as amarras dos conservadorismos, sejam de costumes, sejam de protecionismos à burguesia nacional.

Quem acompanha a política conhece a história de Bolsonaro, seus discursos sempre centrados na ideologia da Garantia da Lei e da Ordem (GLO) e de “combate ao comunismo”, assim, enviou um projeto de lei ao congresso que prevê que policiais e militares não sejam punidos por suas condutas, mesmo que estas provoquem a morte, neste caso, eles estariam agindo em “legítima defesa”. Saliente-se que este projeto foi abraçado e defendido pelo, agora desafeto, Sérgio Moro. Sujeito neofascista que usou do judiciário para perseguir aos políticos de esquerda. Sua máscara caiu, foi desmoralizado perante o poder judiciário e, neste momento, luta para ser o candidato da extrema direita nas eleições de 2022, mas não é popular, é mais um destituído de capacidade cognitiva e senso de liderança. Logo, Bolsonaro ainda não pode ser descartado pelas elites financeiras.

Este projeto foi anunciado quando do lançamento do novo partido da extrema direita, o qual não saiu da intenção, “Aliança pelo Brasil”, cujo número é o sugestivo 38, que remete ao revólver calibre 38, é um apologista do uso de armas e o direito de matar quando houver ameaça aos ideais da grande propriedade privada e da lei e da ordem, leis de orientações neofascistas.

E quem são os legítimos portadores das armas? Os afinados com o grupo do presidente e seus filhos, ou seja, a elite branca, ruralista, os integrantes da “bancada da bíblia”, os evangélicos radicais, e a chamada “bancada da bala”.

Já os potenciais alvos desta lei fascista seriam os pobres, negros, “esquerdistas” e as pessoas de orientações sexuais fora do padrão do “*menino veste azul*” e as meninas “*vestem*

rosa” (Damares Alves, Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos).

Estes fatos parecem não abalar a República, pois são tomados como “esquisitices” e “destemperos do presidente”, eis que, após uma repercussão negativa na sociedade, ele retira as declarações ou pede desculpas em seu twitter. Nada a estranhar, pois o governo, mesmo com uma máscara neofascista, está a realizar os ditames da acumulação do capital, destruição dos direitos e garantias dos trabalhadores, liberdades máximas ao setor financeiro especulativo. Em síntese, a classe dominante tapa o nariz para o bolsonarismo, mas usufrui as benesses do neoliberalismo e das ações negacionistas dos direitos e garantias da classe trabalhadora.

4.4 O FASCISMO ETERNO E A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA

Passamos a analisar as características da mente fascista sob a ótica de Umberto Eco³² e Adorno.³³ A obra de Theodor Adorno “*Estudos sobre a Personalidade Autoritária*”, fruto de pesquisas desenvolvidas na década de quarenta nos Estados Unidos na Universidade de Bekerley, no intuito de apurar a potencialidade do fascismo criar corpo na sociedade norte-americana. Adorno estudou os elementos caracterizadores do fascismo, bem como as potencialidades do fascismo ganhar espaço em ambientes democráticos.

Adorno explica o entendimento da personalidade como:

uma organização de forças mais ou menos duradoura no interior do indivíduo. Essas forças persistentes da personalidade ajudam a determinar a resposta em várias situações e, portanto, é em grande medida a elas que se deve atribuir a consistência do comportamento – seja verbal ou físico. (ADORNO, 2019, p.78)

Adotamos como problema filosófico a ser investigado a questão do avanço da ideologia fascista e de uma possível resistência efetiva que reforce os valores republicanos e democráticos, bem como aponte para os caminhos que possam superar o atual modelo social.

A preocupação filosófica se justifica face ao desenvolvimento na sociedade brasileira de uma mentalidade acrítica, anticiência e simpática às práticas autoritárias. Deste modo, estamos a lidar com um pesadelo que insiste em perverter o pensamento e jogá-lo em um eterno torpor totalitário.

A autora se refere aos perigos dos regimes totalitários:

A tentativa totalitária da conquista global e do domínio total constitui a resposta destrutiva encontrada para todos os impasses. Mas a vitória totalitária pode coincidir com a destruição da humanidade, pois onde quer que tenha imperado, minou a essência do homem. Assim, de nada serve ignorar as forças destrutivas de nosso século. (ARENDRT, 2019, p.13)

³² ECO, Umberto. Fascismo Eterno, ed. Record, RJ, SP, 2019.

³³ADORNO, Theodor. Estudos sobre a Personalidade Autoritária, ed. Unesp, SP, 2019.

Os estudos e as pesquisas sobre “*The Authoritarian Personality*” iniciaram-se em 1944, a obra foi publicada em 1950, nos Estados Unidos, os autores como Adorno, Else Frenkel-Brunsvik, Daniel Levinson e Nevitt Sanford, indagavam sobre a racionalidade autoritária e a sua potencialidade na propensão da ideologia fascista conquistar adeptos na sociedade norte-americana. Os estudos basearam-se em questionários e entrevistas, cujos temas eram o Antissemitismo, o Etnocentrismo, o Conservadorismo político econômico e o fascismo. No trabalho atual, nos deteremos sobre o tema específico da personalidade fascista.

A metodologia das pesquisas apresentou um esquema de pontuações a fim de categorizar os entrevistados em uma escala de alto ou baixo escore, no intuito de apurar o grau de preconceito, bem como a potencialidade de vulnerabilidade à ideologia fascista. O público da pesquisa, inicialmente, foram os universitários, mas, em etapas posteriores, estenderam-se para fora do mundo da academia.

Horkheimer no prefácio da obra de Adorno salienta:

O tema central do trabalho é um conceito relativamente novo – o surgimento de uma espécie ‘antropológica’ que chamamos de tipo autoritário de homem. Em contraste com o fanático [bigot] do estilo antigo, ele parece combinar ideias e habilidades típicas de uma sociedade altamente industrializada com crenças irracionais ou antirracionais. Ele é ao mesmo tempo esclarecido e supersticioso, orgulhoso de ser um individualista e com medo constante de não ser como todos os outros, zeloso em sua independência e inclinado a se submeter cegamente ao poder e à autoridade. (ADORNO, 2019, p.29)

Precisamos esclarecer que os estudos de Adorno, apesar de abordar o problema sob uma análise freudiana, não afasta a perspectiva filosófica e sociológica, um entendimento de que os fatos sociais são frutos de uma produção histórica, representam uma materialidade do modo de ser na dialética entre sujeitos, a natureza e a sociedade. Por consequência, o pensamento crítico desta investigação segue os conceitos da filosofia prática, ou seja, constitui-se em um movimento dialético entre o real - o pensar, o compreender, o analisar - e um retorno ao real - no sentido de contribuir com um constructo teórico para atuar na superação das contradições sociais e ao aprimoramento de um saber que possa contrapor, cientificamente, o avanço da racionalidade fascista.

Adorno trabalha as observações da pesquisa, as quais foram centradas a partir da classificação dos grupos. Estes grupos foram selecionados pela alta pontuação em temas que expressam preconceitos, no caso do nosso estudo, a tabela F.

Os denominados como *ingroup*, membros de uma mesma coletividade que exercem preconceitos e agressividades aos “fora do grupo,” os *outgroup*, as minorias sociais, minoria não entendida no sentido quantitativo, mas qualitativo, representando as pessoas em

desigualdades sociais, tais como: judeus, negros, imigrantes, pobres, homossexuais etc.

Apesar da intolerância e dos ataques constituírem-se como latentes, estas forças reprimidas estão prontas a emergir em falas e atos destrutivos: “em situações sociais de crise, os sujeitos podem vir a assumir uma faceta antidemocrática de apoio a atos de violência contra grupos de minorias.”³⁴ Foram estas forças que afloraram na eleição de Bolsonaro.

Os estudos de Adorno na investigação da mentalidade autoritária buscam encontrar um certo padrão.

A pesquisa que será relatada neste volume foi orientada pela seguinte hipótese maior: a de que as convicções políticas, econômicas e sociais de um indivíduo frequentemente formam um padrão amplo e coerente, como se unidas por uma ‘mentalidade’ ou um ‘espírito’, e que esse padrão é uma expressão de tendências profundas em sua personalidade. (ADORNO, 2019, p. 71)

A psicanálise oferece os elementos conceituais que possibilitam uma topografia da personalidade autoritária, eis que nas observações de Levinson “um indivíduo, ao identificar-se socialmente, está determinando não somente sua ideologia, mas também quem ele é como pessoa.” (ADORNO, 2019, p.47)

Assim, o conjunto de juízos no modo de ser capitalista, sempre direcionados para uma vida de aquisição de mercadorias, eis que o maior pavor nesta cultura é ficar fora do circuito consumista. Neste modelo social, o ser realiza os seus desejos e constitui-se como ser integrado ao seu meio de acordo com a sua capacidade de compra de bens ofertados no mercado.

As relações de produção e trocas comerciais são transpostas para o espaço das relações subjetivas, elas se dão no patamar da propriedade privada, mercadorias são correlacionadas aos objetos dos desejos pulsionais, são topicamente inseridas em um prolongamento das energias desejantes dos sujeitos.

Os objetos iniciais de relação e de inserção do ser no mundo, as figuras da família constituem-se como formadores da personalidade. Portanto, a qualidade destas ligações é primordial para os modos como este ser entenderá o mundo e se relacionará com os seus pares na sociedade.

Conforme os estudos de Adorno, os sujeitos diante de pais autoritários e disciplinadores estão mais resignados, estão mais inclinados a uma submissão perante as figuras da autoridade externa, abrindo um caminho para a identificação com os líderes dogmáticos, tornam-se idealizadores dos personagens que estabelecem uma relação de disciplina-punição. A belicosidade como potência aflora diante da figura familiar autoritária.

³⁴ ADORNO, Theodoro. Estudos sobre a Personalidade Autoritária, UNESP, 2019, p. 40

A agressividade, implanta-se como mal resolvida na personalidade do sujeito, fica recalçada no inconsciente e pronta a deslocar-se na forma de admiração ao líder autoritário e como ataques aos grupos minoritários.

Neste processo de formação de mentes acríticas e submetidas às lideranças autoritárias, há uma fissura na internalização do superego, ele mostra-se “externalizado” no grupo dos sujeitos preconceituosos, caracterizam-se como altos pontuadores na escala F, classificação que apura os indivíduos como possíveis simpatizantes do fascismo.

Estes sujeitos dotados da latência fascista revelam traços de personalidade, qual seja, *“o cumprimento de normas e disciplinas meramente formais, medo da autoridade, agressividade inconsciente em relação aos pais e a não aceitação de traços relacionados a fraqueza em si e na alteridade.”* (ADORNO, 2019, p.56)

As marcas no inconsciente dos entrevistados com baixa pontuação nas tabelas que aferiram uma inclinação aos preconceitos e simpatia ao modo de vida fascista, expressaram: *“a possibilidade de compreensão das normas em seus conteúdos e significados, a ausência de medo no enfrentamento da autoridade e dos valores convencionais, a aceitação consciente de defeitos dos pais e o reconhecimento de problemas e conflitos em si mesmo.”* (ADORNO, 2019, p.56)

Os estudos indicaram que os selecionados como solícitos ao fascismo não escondem um sentimento de ódio e nem possíveis agressões aos princípios de igualdade e, não estão descartados o extermínio das minorias e do regime democrático, caso surjam as condições materiais e sociais, tais como as situações de crises no capitalismo. A estrutura do superego nos sujeitos com a animação ao fascismo está externalizada, ou seja, diverge de uma forma racional e equilibrada da internalização desta instância da personalidade.

O manejo das relações entre os componentes da personalidade, nos superegos externalizados, nos tipos de alta dependência de figuras que expressam o poder, elas seguem, como regra, desejos orientados pelo princípio do prazer em afronta ao princípio de realidade³⁵. A fragilidade em si não é admitida, mascara-se como uma proteção antidebilidade compulsiva.

A ausência de responsabilidade assume uma variável da alienação, torna-se um hipócrita grosseiro ou como vislumbramos na sociedade do espetáculo, a arrogância da ignorância.

³⁵ Aqui a construção dos componentes da personalidade, ainda estão na primeira tópica Freudiana. Conceito que sofrerá alterações com os estudos em “Além do Princípio do Prazer.”

Or, en quoi consiste l'aliénation du travail?

D'abord, dans le fait que le travail est extérieur à l'ouvrier, c'est-à-dire qu'il n'appartient pas à son essence, que donc, dans son travail, celui-ci ne s'affirme pas mais se nie, ne se sent pas à l'aise, mais malheureux, ne déploie pas une libre activité physique et intellectuelle, mais mortifie son corps et ruine son esprit. En conséquence, l'ouvrier n'a le sentiment d'être auprès de lui-même 1 qu'en dehors du travail et, dans le travail, il se sent en dehors de soi. Il est comme chez lui. quand il ne travaille pas et, quand il travaille, il ne se sent pas chez lui. Son travail n'est donc pas volontaire, mais contraint, c'est du travail forcé. Il n'est donc pas la satisfaction d'un besoin, mais seulement un moyen de satisfaire des besoins en dehors du travail. Le caractère étranger du travail apparaît nettement dans le fait que, dès qu'il n'existe pas de contrainte physique ou autre, le travail est fui comme la peste. Le travail extérieur, le travail dans lequel l'homme s'aliène, est un travail de sacrifice de soi, de mortification. Enfin, le caractère extérieur à l'ouvrier du travail apparaît dans le fait qu'il n'est pas son bien propre, mais celui d'un autre, qu'il ne lui appartient pas, que dans le travail l'ouvrier ne s'appartient pas lui-même, mais appartient à un autre. De même que, dans la religion, l'activité propre de l'imagination humaine, du cerveau humain et du cœur humain, agit sur l'individu indépendamment de lui, c'est-à-dire comme une activité étrangère divine ou diabolique, de même l'activité de l'ouvrier n'est pas son activité propre. Elle appartient à un autre, elle est la perte de soi-même. (MARX, 1972 , p.59)

Uma das importantes sinalizações da pesquisa indicam que os sujeitos que estão propensos a aceitação acrítica da ideologia fascista compartilham muitos traços, segundo Adorno “eles exibem numerosas características que juntas formam uma ‘síndrome,’” já os que estão no campo oposto, os investigados que menos pontuaram na escala F, são de particularidades bem variadas. Aqui temos a unidade do fascismo versus a pluralidade da democracia.

Outra questão a ser examinada é entender de que maneira a ideologia é captada na forma acrítica pelos sujeitos com tendências a desenvolver uma personalidade autoritária.

“O termo ‘ideologia’ é usado neste livro, como é comum na literatura atual, para representar uma organização de opiniões, atitudes e valores – um modo de pensar sobre o homem e a sociedade.” (ADORNO, 2019, p.73)

Entende-se que este modo de ver a vida e o mundo refletem as contradições materiais da sociedade mercantilizada na subjetividade dos indivíduos, eis que, no mundo da divisão e da fragmentação do trabalho germina a alienação, o sujeito apartado de si mesmo e dos seus pares, é a materialização da coisificação a corroer o espírito humano, nas palavras de Marx, conforme citação acima: *“o trabalhador não pertence a si mesmo.”*

Da lei geral da acumulação capitalista elucidada por Marx na sua obra “O Capital,” apurou que, quanto mais riquezas o trabalhador produz, mais misérias cava para a sua vida de alienação.

a acumulação de riqueza num polo é, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, o suplício do trabalho, a escravidão, a ignorância, a brutalização e a degradação moral no polo oposto, isto é, do lado da classe que produz seu próprio produto como capital. (MARX, 2011, p.472)

Esta é a contradição suprema da sociedade presente, germinou as impossibilidades de correções, a criatura tomou vida própria, visto que, da racionalidade instrumental, da globalização e da concentração do capital está determinada a crescente indignação da classe trabalhadora.

Logo, a leitura do trabalho de Adorno nos prescreve a confirmação de que a ideologia fascista é o braço armado, é a produção histórica e social do próprio capitalismo. Certo que a pesquisa assinala a necessidade de não reduzirmos o fenômeno do fascismo aos aspectos estritamente psicológicos, mas sim, como salientamos na introdução, a construção teórica da filosofia crítica necessita de uma metodologia que interligue as ferramentas conceituais das diversas ciências, transponha dialeticamente os múltiplos saberes: questões históricas, sociais, psicológicas, econômicas, éticas, estéticas...

O exame do material apurado pela pesquisa centrou-se no objeto das opiniões, atitudes e valores dos pesquisados. Daqueles selecionados como altos pontuadores na escala F, estes desvelam as potencialidades à mentalidade fascista.

A predisposição fascista evidenciou-se nas entrevistas com os pesquisados selecionados. A potencialidade fascista é exposta nos discursos de modo latente, assim, este potencial precisa ser avaliado com o cruzamento dos afetos e sentimentos do grupo em relação às minorias e a própria concepção de democracia, tais forças em latência podem acionar os comportamentos agressivos contra as minorias.

Segundo Adorno “*as forças de personalidade não são respostas, mas prontidão para resposta;*” (ADORNO, 2019, p.79) A estrutura da personalidade construída pela teoria freudiana toma as forças da personalidade como “*necessidades (pulsões, desejos, impulsos emocionais), as quais variam de um indivíduo para outro em sua qualidade e intensidade.*” (ADORNO, 2019, p. 79)

As peculiaridades estudadas a fim de objetivar as potencialidades do desenvolvimento de personalidades autoritárias, as quais podem passar do puro preconceito à ação violenta contra os grupos minoritários e a própria democracia serão especificadas a seguir, bem como descrevemos os elementos destacados na pesquisa a fim de aferir os graus de preconceitos dos sujeitos com franca disposição à ideologia fascista.

A primeira característica elencada por Eco é o “*culto da tradição*” – “*Como consequência, não pode existir avanço do saber. A verdade já foi anunciada de uma vez por todas, e só podemos continuar a interpretar sua obscura mensagem.*” (ECO, 2019, p. 24).

Já para Adorno o tema é o *convencionalismo*. Este assunto revela a aderência aos valores e ao modo peculiar de pensar o mundo das classes médias.

O fascismo como sendo um movimento de massa, encontra na classe média a parcela da sociedade mais inclinada a cultuar uma personalidade autoritária.

Gramsci, filósofo e político revolucionário Italiano, sofreu nos cárceres do regime fascista, acabou morrendo em 1937. Na obra escrita em de 1926, antes de ser preso, “*A Questão Meridional*”³⁶ relata como o fascismo começou a ganhar força na Itália: “Por que, na Itália, a crise das classes médias teve consequências mais radicais que nos outros países e fez nascer e levou ao poder de Estado o fascismo?”

Ele responde:

A forma do período que chamamos precisamente de ‘fascista’. Por quê? Porque o fascismo surgiu e se desenvolveu no terreno dessa crise em sua fase incipiente, porque o fascismo lutou contra o proletariado e chegou ao poder explorando e organizando a inconsciência e a cordeirice da pequena burguesia ébria de ódio contra a classe operária, que conseguia, graças a força de sua organização, atenuar os contragolpes da crise capitalista em sua direção. (GRAMSCI, 1987, p. 94)

A relação entre fascismo e a classe média denota que esta ideologia ultrapassa as questões de uma disposição psíquica, não pode ser resolvida no âmbito individual, mas necessita da questão histórica e social para ser entendida na sua totalidade. Gramsci captou a genealogia do fascismo e a sua incorporação pelas classes médias face à crise do capitalismo na década de vinte, bem como a grande diferença econômica e social entre as regiões norte e sul da Itália. A crise levou a uma derrocada dos pequenos e médio comerciantes, jogou-os em uma grande falência.

Quando falamos em tradição na sociedade brasileira o significativo que vem à tona é a formação cultural do brasileiro sob a égide do racismo, patriarcalismo, autoritarismo, machismo e desprezo pelas instituições republicanas, em especial, o respeito à lei, pois, as normas não são para todos, apenas para os mais humildes, já que os ricos contornam as regras e adotam um clientelismo, um servilismo e favorecimento das autoridades aos poderosos, os tradicionais “coronéis” que mandam e desmandam desde os tempos do colonialismo.

Diante dos fatos, esta camada social aderiu à propaganda fascista, a qual apresentava-se como sendo contra o “sistema” e prometia resgatar os valores perdidos pelas classes médias.

³⁶ GRAMSCI, Antonio. *A Questão Meridional*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Deste modo, o conservadorismo e a falta de crítica desta classe, impede que reconheça no próprio sistema econômico as causas da sua derrocada. Não é capaz de constatar no fascismo uma extensão postiça do capitalismo.

O apego ao convencionalismo denota uma ligação aos sentimentos de preconceitos, pois impedidos pela alienação e a falta de capacidade crítica, não observam na lógica capitalista as causas da sua crescente pauperização. E, certamente, não será o fascismo, o braço armado do capital, que afastará a classe média do crescente empobrecimento, ou seja, as mesmas sequelas enfrentadas pela classe trabalhadora.

Para compreendermos melhor o tema peculiar à mentalidade fascista no quesito conservadorismo e convencionalismo, precisamos buscar outra fonte de saber sobre a formação histórica e social no modo de ser do brasileiro, pois as raízes estruturantes que estavam mascaradas em nossas relações sociais, ganharam a rua e até elegeram um presidente que é a legítima expressão de uma subjetividade fascista. Adotaremos os estudos de Sérgio Buarque de Holanda.

4.5 RAÍZES DO BRASIL – FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO BRASILEIRO

Sérgio Buarque de Holanda³⁷, historiador e sociólogo, elaborou um estudo sobre a formação cultural do brasileiro centrada nas singularidades dos colonizadores portugueses e espanhóis, cada qual com as suas idiossincrasias a influenciar o modo de ser e a estruturação da sociedade brasileira.

Pensamos que se faz necessária esta análise do texto de Holanda a fim de compreendermos uma racionalidade que transpassa os tempos e insiste em marcar a singularidade dos brasileiros pelos processos de colonização, qual seja, o modo de pensar de acordo com as elites reacionárias, algo que impede a nossa superação do racismo e a eterna dependência do trabalhador ao senhor, ao coronelismo das regiões interioranas e dos grandes centros.

Recorremos neste conhecimento das nossas raízes ao estudo e as aulas do excelente professor Fernando Américo Teixeira Delavy, titular da cadeira de Filosofia, Cultura e Sustentabilidade da Universidade Federal de Pelotas – UFPel-RS.

³⁷ Sérgio Buarque de Holanda, autor da obra “Raízes do Brasil”, ed. Companhia das Letras, 26 edição, São Paulo, 1995.

O Estudo do passado não é uma mera erudição, um exercício de acúmulo de informações culturais e históricas, mas deve estar voltado para os problemas do presente.” “Se somos formados pelo nosso passado histórico, o nosso presente é histórico, social e cultural, e não meramente um estágio natural. (DELAVY, 2020, aulas de Filosofia, UFPel)

Sérgio Buarque tece críticas às tentativas de explicações do nosso modo de ser pelo naturalismo, eis que encobre as nossas contradições sociais, as desigualdades sociais, a pobreza e fome da população.

Este pensamento, de uma certa naturalização e a-histórico das elites, tenta justificar as questões sociais pelo Darwinismo Social, ou seja, as disfunções sociais seriam algo geneticamente natural e de difícil transformação. Esta razão ainda se reproduz, até na academia, quando os intelectuais orgânicos do neoliberalismo falam de jeito jocoso sobre as nossas qualidades – “*isso é Brasil*”, “*somos assim mesmo, não tem jeito*”, algo que serve ao conservadorismo, mantém as tradições que nos submetem à divisão social entre a Casa Grande e a Senzala.³⁸

Holanda apresenta as suas análises em pares antagônicos de tipos sociais. Em “*Fronteiras da Europa*”, primeiro capítulo de “*Raízes do Brasil*”, o autor aborda a colonização da América, nos fala do personalismo, subjetividades que nos distinguem de outras pessoas. Aqui os elementos de destaque são: atonia das instituições e a precariedade de coesão social, negação da hierarquia e engrandecimento do prestígio pessoal. Estas linhas históricas e formativas irão suscitar ao individualismo e a denegação ao coletivo.

A formação capenga da nossa república frente as soluções autoritárias deram a nossa democracia uma debilidade estrutural, sempre fácil de ser desprezada pelos comandos golpistas e autoritários das classes dominantes.

Um par de conceitos observados pelo historiador é o de *Trabalho – Aventura*. O *Trabalhador* com a característica do esforço manual reiterativo. Já o *aventureiro* é um tipo social que se quer fidalgo e, portanto, avesso ao trabalho. Esta vontade de nobreza é a marca dos povos ibéricos, Portugal e Espanha, os colonizadores da América Latina. Holanda frisa que o espírito aventureiro foi fundamental para as navegações e, em consequência, a descoberta da América.

Fruto da razão aventureira deriva a baixa aptidão técnica na nossa estruturação sociológica. Algo que influenciará o modus operandi da agricultura exploratória desenvolvida

³⁸ Casa Grande & Senzala, ed. Global, São Paulo, 2006. Obra do sociólogo Gilberto Freyre, livro que trata da formação sociocultural do povo brasileiro.

no Brasil pelos portugueses. Uma agricultura básica e com a aplicação dos procedimentos rudimentares dos índios que por aqui habitavam. Outra consequência desta razão aventureira foi a adoção da escravização das populações indígenas e depois dos povos africanos.

No capítulo quarto do livro *Raízes do Brasil*, o autor apresenta outro par de tipos sociais: O *ladrihador*, qualidade dos espanhóis e, o *semeador*, um atributo dos portugueses. Aqui as cidades entram como um componente de dominação sobre o setor agrário. Os espanhóis com construções em bases racionais e o alinhamento é a reta na arquitetura de suas cidades.

Os portugueses como semeadores, com povoações nos litorais e sem muito planejamento, eis que a ideia era a de explorar o máximo, fazer fortuna e retornar à terrinha. Os empreendimentos estão dominados pela ideia de obter a nobreza e, se adquirir riquezas, a aceitação nos espaços da nobreza será mais eficaz.

Sérgio Buarque também apresenta um quadro das elites, o qual ainda permanece nos dias de hoje, ou seja, há um menosprezo pelas coisas do Brasil. Os fatores que constituem esta classe alta são o imediatismo e o individualismo exacerbado.

Caso típico desta classe de ricos é a de colocar uma estátua da liberdade em frente das suas lojas, um desejo de copiar algo que não tem nada a ver com a cultura brasileira, é a bajulação do estrangeiro pelas elites. Este elemento é um dificultador da construção de uma identidade nacional. Segundo Buarque, pelo processo colonizador, não se reverencia uma singularidade brasileira e nem fortalece uma coesão social.

É por demais conhecida a tese de que o brasileiro é um ser “*cordial*.” Holanda tratará deste tema, eis que a ideia de uma hospitalidade da bondade do brasileiro ganharam o mundo. Quando se diz que o brasileiro é da paz, não tem ímpeto guerreiro, o modelo que se deseja manter é o status quo vigente, pois se não há revoltas, nada muda, é o nirvana dos senhores do capital no poder, uma população dócil e subserviente aos interesses das elites.

Esta imagem advém das relações das famílias ditas tradicionais, eis que nelas impera os laços de linhagem, algo que se projeta no mundo social, no espaço público. De certa forma é uma negação das relações impessoais e do império da lei como aplicação para todos. Esta é a ideia do Estado moderno e dos modelos de democracia onde todos são iguais perante o ordenamento jurídico.

Logo, para Holanda, o pensamento do homem cordial com destaque para as relações familiares de acordo com as suas descendências é uma repulsa pela impessoalidade nas relações sociais. No nosso interior é comum as famílias perguntarem a um desconhecido: “você é filho de quem?” Conforme a resposta, o atendimento muda radicalmente, aos renomados tudo será possível. Já ao desprovido de uma linhagem nobre, o zé-ninguém, será tratado nos rigores da

lei, sem a pessoalidade e as benesses das autoridades. Conforme a classe social, o sujeito terá o seu destino traçado desde o berço, o rico será o eterno senhor e patrão e, o pobre, será o bem-mandado e empregado a servir ao proprietário dos meios de produção.

Estas concepções formadoras do sujeito brasileiro centradas no patriarcado, no individualismo e nas relações personalíssimas, dos laços de família, operam um travamento nas relações sociais ditadas pelas normas orientadas pelo espírito republicano e democrático, eis que o individualismo é apontado por Holanda, como desrespeito à lei, pois sempre se busca uma prerrogativa, uma regalia nas demandas ao poder público.

Portanto, os interesses coletivos ficam em segundo plano, não são uma prioridade nas políticas dos governos e nas relações entre os poderosos. Lógico, que opera a exclusão e a segregação das classes humildes e trabalhadoras aos serviços prestados pelos gestores da coisa pública.

Para as elites a visão de bem público é de que tudo pode ser privatizado para proveito de poucos. As elites recebem isenções e incentivos com as verbas públicas, eis que o patrimônio público não é entendido como sendo um bem de todos, como produto do coletivo.

No capítulo sete, Sérgio Buarque, aborda a questão da “*Nossa Revolução.*” Conforme o autor, o Brasil começa a acessar ao momento republicano, passagem de um Brasil colonial, rural e sob as ordens do império para a república e a predominância do urbano, face ao momento histórico de uma transposição do modelo econômico, a industrialização operada nas grandes nações mundiais.

O tradicionalismo esboça uma alteração de paradigma, pois de uma influência ibérica inicial, agora, o novo modelo, é o Norte-Americano, mas ainda permanecem fortes raízes de uma racionalidade rural.

Diante dos fatos e conceitos acima expostos, podemos afirmar que a sociedade brasileira, principalmente a sua classe média, esta camada social, na sua maioria, está constituída, em sua subjetividade, com uma mentalidade conservadora e retrograda, pronta a aderir à propaganda fascista, a qual apresenta-se como sendo contra o “sistema” e promete resgatar os valores perdidos pelas classes médias, eis que a república, mesmo timidamente, estendeu as políticas públicas às classes obreiras, às populações negras e das periferias.

Falamos da formação social e subjetiva da mentalidade média dos brasileiros, mas existe a questão racial que permeia a nossa coletividade, o preconceito contra os povos negros, índios e todas as etnias que não lembrem o homem branco, senhores a decidirem sobre a vida e a morte das classes oprimidas e excluídas pelas políticas públicas.

O estudo de Holanda permite compreender que a formatação social do brasileiro com os componentes do conservadorismo, do personalismo, do autoritarismo, do racismo e da débil consideração pelos princípios republicanos e democráticos, abrem espaços aos governos autoritários, ditatoriais e de cunho neofascistas.

4.6 O RACISMO ESTRUTURAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Para Holanda, a nossa revolução foi inaugurada com a abolição da escravatura, fato que deu início a uma derrocada da sociedade agrária. No entanto, o racismo ainda permanece um flagelo na sociedade brasileira, pois as elites jamais absorveram a perda de usar e abusar dos povos negros como fonte de trabalho e riquezas. Ainda amargamos um racismo estrutural.

Silvio de Almeida, profundo estudioso das questões sociais brasileiras nos apresenta três ideias de racismo: “*individualista, institucional e estrutural.*”³⁹ “*Ao contrário de grande parte da literatura sobre o tema que utiliza os termos indistintamente, diferenciamos o racismo institucional do racismo estrutural. Não são a mesma coisa e descrevem fenômenos distintos.*” (ALMEIDA, 2019, p. 29)

Um racismo *individualista*, segundo Almeida, “*é concebido como uma espécie de ‘patologia’ ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico, de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados;*” (ALMEIDA, 2019, p. 29) Já a visão de um racismo *institucional*: “*o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passa a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégio com base na raça.*” (ALMEIDA, 2019, p. 30)

Um olhar crítico e afeito ao estudo sociológico e filosófico percebe que o Estado e as suas instituições refletem as relações sociais. Logo, a exploração do trabalho pelo capital, o racismo como forma de discriminação das etnias, principalmente das raças negras, nada mais é do que o produto de um modo de produção de um antigo colonialismo, imperialismo e, hoje, sob as ordens do neoliberalismo. Como diz Almeida: “*as instituições são racistas porque a sociedade é racista.*”

Com referência a observação e a denominação de um racismo estrutural, Almeida afirma: “*O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma*

³⁹ Almeida, Silvio. Racismo Estrutural, Feminismos Plurais, ed. Pólen Livros, São Paulo, 2019, p. 28.

patologia social e nem um desarranjo institucional. O Racismo é estrutural.” (ALMEIDA, 2019, p. 40)

Como pensaram e analisaram a sociedade sob o prisma sociológico e filosófico da *totalidade*, Holanda e Almeida, podemos inferir a escravidão como um modo de operação das relações de exploração, inicialmente com o colonialismo, imperialismo e, agora, permanece com a razão neoliberal.

Hoje, ainda percebemos a escravidão encrustada na racionalidade das elites e, por consequência, as demais esferas da população reproduzem, pois as ideias preponderantes de uma época sempre são as concepções de mundo das classes no poder.

O capital se transforma e se adapta as novas técnicas extorsivas. Na sociedade brasileira ainda é frequente o trabalho nos moldes de escravidão, pois milhares de pessoas são submetidas ao trabalho sem nenhuma regulação ou proteção das regras de contratação legais.

Em muitos casos, os trabalhadores ficam à mercê da boa vontade dos patrões e, com frequência, os empregados são subjugados a trabalharem dia e noite, todos os dias do ano, sem descanso e nem férias, sem nenhuma remuneração ou apenas com uma miséria de salário, o qual não serve nem para a subsistência. A fiscalização é pífia e o governo Bolsonaro fecha os olhos para este grau de escravidão ainda operante na sociedade brasileira.

Sérgio Buarque nos apresentou uma tese de como se deu a formação da sociedade, da subjetividade e o modo de ser do brasileiro sob a influência dos povos ibéricos. Regra geral, é um culto ao personalismo e ao egoísmo, fatores que tornam as nossas instituições débeis e não promovem a solidariedade, eis que permanece o desejo de ser Senhor com poderes ilimitados.

Diante destes fatos constituintes da nossa singularidade, o coletivo não prospera, eis que impera o personalismo, o individualismo concorrencial, o qual se expande à esfera pública, ao mundo da política e estimula que floresçam personalidades autoritárias, paternalistas, populistas, racistas, enfim, ditaduras e fascismos a nos governarem.

4.7 PASTORES E MILICIANOS, A BASE ELEITORAL DE BOLSONARO

Bolsonaro amplificou o seu eleitorado junto aos milicianos e aos pastores, adoradores de ouro e de uma vida luxuosa, quando ainda era um deputado sem expressão e integrante do chamado “baixo clero”, componentes do bloco reacionário, conservador e liberal, todos movidos pela ganância de verbas públicas e de cargos nos altos escalões do governo. Havendo dinheiro fácil, acompanham as votações de interesse do capital e do governo de plantão.

O movimento evangélico dos moralistas puritanos, a igreja da “prosperidade”, não pregam o amor, a solidariedade, a humildade, a paz, mas o ódio e o culto ao deus dinheiro.

Estão em ascensão junto às populações desamparadas socialmente pelos governos e, como não têm assistência material, adotam a fé reacionária com cultos de temor ao Deus punitivo e não ao Deus do amor, da paz e do perdão.

Igrejas milionárias e enredadas em um determinismo da crença em uma vida digna somente após a vida terrena, mas para tanto, antes, há a necessidade de ajudar a “prosperar” a igreja e os pastores. A exploração corre solta nestas igrejas, pois o povo humilde é forçado a “doar” dinheiro e bens aos pastores, estes dizem que são “*escolhidos por Deus*” a transmitirem os seus mandamentos junto aos despojados, instruídos na ordem da obediência e do não questionamento das mazelas sociais.

São religiosos ditos “cristãos”, mas não pregam o amor e o perdão, mas o ódio, a discriminação, destilam ataques homofóbicos contra os diferentes, recusam a ética e adotam um moralismo retrógrado.

Os líderes evangélicos pregam uma coisa no ambiente público, mas na esfera privada, adotam práticas de uma vida nababesca. Vejamos os casos de Edir Macedo, Silas Malafaia, da ex-deputada Flordelis, atualmente presa, evangélica que adotou inúmeros filhos, casou-se com um dos seus filhos, organizavam orgias sexuais com os filhos e, quando descobriu que estava sendo traída pelo filho marido e pastor, mandou os outros filhos matá-lo. Esta é a família evangélica e conservadora, apoiadores de Jair Bolsonaro.

Muitos pastores, quase todos bolsonaristas, adotam uma vida mundana e pregam em suas igrejas a “fé”, uma mão na bíblia e na outra uma pistola. São donos de vários meios de comunicação, rádios, televisão, plataformas de internet. São proprietários até de partidos políticos com uma bancada evangélica em ampla ascensão no Congresso Nacional. Todos os governantes fazem vistas grossas, eis que dependem dos seus votos, embora o Estado Brasileiro seja, constitucionalmente, laico.

Esta é a conjugação perfeita de sociedade para Bolsonaro, conviver em uma comunidade sem regras, entre milicianos e pastores corruptos como fonte de sustentação no plano financeiro e ideológico. São crentes reacionários, eis que propagam a homofobia e a submissão das mulheres. Neste mês, dezembro de 2021, Bolsonaro e os bispos conseguiram a aprovação do Senado para nomear mais um bispo evangélico no Supremo Tribunal Federal, este é designado como “*terrivelmente evangélico.*” Provavelmente, livrará a família Bolsonaro dos processos no STF, bem como adotará a doutrina evangélica reacionária em vez dos preceitos constitucionais nas suas decisões de magistrado da Suprema Corte.

Na verdade, há uma grande máfia entre estas igrejas e pastores. Assim, como as milícias, os pastores evangélicos são o carro chefe de apoio a Bolsonaro. No estado do Rio de Janeiro estes grupos extorquem as comunidades das periferias. Nestes locais, só entram e conseguem votos os políticos da extrema direita, desde que, sejam comparsas destas facções. Em parceria com estes grupos, Bolsonaro elevou a sua votação e a de seus filhos. A Frente Parlamentar Evangélica, a chamada “*bancada evangélica*” possui mais de 196 deputados na Câmara.⁴⁰

Apesar do Estado laico ser um dos ditames da nossa Constituição Federal de 1988, o desgoverno da extrema direita está a nomear vários religiosos, todos pastores evangélicos, a maioria vinculados às igrejas que idolatram o capital.

Retomando a análise das características do fascismo elencadas por Eco, outro elemento em destaque é o “*culto da ação pela ação,*” ou seja, aqueles atos praticados pelo ser fascista em que não há nenhum recurso ao pensamento. “*Pensar é uma forma de castração. Por isso a Cultura é suspeita na medida em que é identificada com atitudes críticas.*” (ECO, 2019, p. 26). “*As universidades são um ninho de comunistas*” (ECO, 2019, p. 27). Neste quesito o Bolsonarismo se assemelha ao fascismo, pois o ódio à cultura e aos intelectuais é uma constante nas ações da extrema direita brasileira no poder.

Cabe salientar que chamar de comunista os eruditos das academias é uma contradição de difícil resolução, pois, na maioria das universidades particulares, não cabe espaço aos pensadores comunistas.

Trago uma experiência pessoal como pesquisador, aluno da pós-graduação na PUC-RS e como formado em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), universidade pública de excelente qualidade, mas que está sob ataques do Ministro da Educação com cortes de verbas e tentativas de indicar professores identificados com Bolsonaro para os cargos de direção na Universidade.

Apresentando um trabalho em um seminário, relatava estudos de pensadores do campo das esquerdas sobre a pandemia, intelectuais, com os quais, eu me identifico, eis que tratam a pandemia como sindemia, pois entendemos que a disseminação do vírus do covid-19 não se reduz a uma questão sanitária, mas é mais um sintoma da sociedade capitalista, a qual explora de forma predatória os ecossistemas. Fatos que, aliados às questões sociais e econômicas, estão a germinar a multiplicação e a propagação de novos vírus letais à espécie humana.

É de conhecimento mundial que, na nossa Amazônia, Bolsonaro incentiva as queimadas, o garimpo e a grilagem de terras públicas e indígenas. Em seu governo foram

⁴⁰ Dados de 2019, <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54010>

batidos todos os recordes de queimadas na Amazonia, alterando de forma substancial a vida dos nativos e do clima mundial. Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) os focos de queimadas no Brasil de janeiro a dezembro superam 182 mil pontos de incêndios. Em comparação com outros países que compõe a Amazonia o Brasil supera de longe todos os demais: Bolívia 34.354, Venezuela 16.416, Colômbia 13.055, Peru 10.838.⁴¹

Bem, como afirmamos, neste seminário, a tese apresentada era de que, segundo o filósofo Zizek, diante da pandemia ou sindemia, haveria a necessidade de pensarmos uma nova forma de comunismo, eis que as práticas eficientes adotadas pelos governos que melhor enfrentaram os reflexos do vírus foram aqueles que priorizaram as ações coletivas e adotaram práxis de solidariedade tratando toda a população com igualdade ao acesso e aos benefícios sociais organizados pelo Estado.

O espanto e aversão dos colegas e dos professores condutores do seminário, para minha surpresa, não foram com os números de mortes no Brasil, na época, mais de 400 mil mortes, pela inação de Bolsonaro e do seu general Ministro da saúde em não comprar as vacinas para agilizar a imunização da população, e com um possível genocídio contra os povos indígenas e contras as comunidades carentes, lugares onde os serviços públicos não entram.

A revolta, debochada e agressiva, foi diante da possibilidade de alguma forma de gestão solidária, planejada e de algum novo formato do comunismo a ser adotado como estratégia de mitigação ou superação do capitalismo, suas crises e a nova face exploratória via geração de sindemias.

Logo, a maioria dos intelectuais das universidades particulares adotam o conservadorismo e o liberalismo como doutrinas, ou seja, mostram-se como os intelectuais orgânicos das classes dominantes, não exercem nenhum questionamento ao modo de produção capitalista, quando muito, exercem um pessimismo blasé. ignoram as contradições do sistema que está a provocar doenças, mortes, miséria e fome nas populações das periferias da Américas Latina e Central, bem como na nossa mãe África.

Estes eruditos desestimulam qualquer reação crítica ao neoliberalismo, pois, apesar de assalariados, estão satisfeitos com uma vida boa de classe média.

Neste momento, em que escrevo esse trabalho, a Comissão Parlamentar do Senado Federal⁴², a CPI da Covid 19, depois de mais de seis meses de investigações, aprovou o relatório do Senador Renan Calheiros e pediu o indiciamento de 78 pessoas e de 2 empresas.

⁴¹ <https://queimadas.dgi.inpe.br/queimadas/portal-static/situacao-atual/>

⁴² Fonte: <https://g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/noticia/2021/10/26/cpi-da-covid-aprova-relatorio-atribui-nove-crimes-a-bolsonaro-e-pede-80-indiciamentos.ghtml>

Quanto a Bolsonaro, este foi apontado como tendo cometido nove crimes: Epidemia com resultado morte, infração de medida sanitária preventiva, charlatanismo, incitação ao crime, falsificação de documento particular, emprego irregular de verbas públicas, prevaricação, crimes contra a humanidade e crimes de responsabilidade (violação de direito social e incompatibilidade com dignidade, honra e decoro do cargo).

Em vista disso, a CPI apurou a responsabilidade de Bolsonaro pela maioria das mortes, mais de 600 mil, fatos que serão levados a apuração pelo Procurador-Geral da República e, em caso de indiciamento, será julgado pelo Supremo Tribunal Federal. As práticas de Bolsonaro e do seu desgoverno revelam-se criminosas, não apenas contra o povo brasileiro, mas contra a Humanidade, algo que poderá incriminá-lo no Tribunal Penal Internacional.

O desprestígio de Bolsonaro internacionalmente é quase total, apenas os líderes autoritários e ditadores esboçam alguma relação com o presidente. Na última reunião do G20, grupo de países com as maiores economias, ocorrida na Itália, novembro de 2021, Bolsonaro não conversou com nenhuma liderança de expressão do campo democrático. Quando saía na rua era insultado de “*genocida*” e “*assassino*”, referência às mortes pela Covid-19⁴³.

Internamente ele só se sustenta e não sofre um impeachment porque está liberando verbas públicas aos políticos do “centrão.” Está se constituindo como o pior presidente do Brasil e só é feliz na frente do seu “*cercadinho*” em Brasília, poucos fanatizados que se identificam com o representante do elogio à ignorância.

Um novo atributo dos fascistas segundo Eco é a *não aceitação de nenhuma crítica*. Avesso à contradição lógica e fundamentada é o modo de operar do vivente fascistóide, pois está cego à consciência reflexiva crítica face à propaganda ideológica e as fake news, bem como ao alto grau de recalque de uma negação da metáfora paterna.

objetiva-se fazer uma leitura preliminar dos conceitos lacanianos de metáfora paterna e de forclusão do nome-do-pai. Lacan coloca o Édipo como uma armadura significante mínima que permite a entrada do sujeito no mundo simbólico. Por ser simbólica, é possível operar a função paterna como uma metáfora; assim, o nome-do-pai entra em substituição ao falo como objeto de desejo da mãe. Produzindo o nome-do-pai, a criança nomeará, metaforicamente, o objeto fundamental de seu desejo, embora sem o saber, já que o significante originário foi recalçado. Mas esse processo é passível de falha na estrutura simbólica, e implica na forclusão do nome-do-pai, acidente que ressoa sobre a estrutura imaginária, dissolvendo-a e conduzindo-a à estrutura elementar, o que provoca a desestruturação imaginária, paradigmática da psicose. (RAMIREZ, 2004, p.1)

⁴³ Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/videos-jair-bolsonaro-ouve-gritos-de-genocida-em-nova-york-eduardo-e-vaiado-em-loja/>

Algo que, aliada com uma baixa capacidade cognitiva, arrasta o ente aos atos mais sórdidos e agressivos, basta ser posto em contradição para despertar o agir obtuso paranoico. Este é o ser em eterna vigilância, pois teme/deseja que sempre tenha alguém por trás.

Rubens Casara em sua obra – *Bolsonaro: O Mito e o Sintoma* – elucida e resume bem este conceito psicanalítico da foraclusão:

O mecanismo essencial da psicose, como lembrou Jacques Lacan, é a foraclusão do Nome-do-Pai, ou seja, em apertada síntese: a não inclusão da norma edípica. O 'não', aquilo que figura como limite externo imposto por um terceiro (e os mitos trabalhados por Freud, tanto o do Édipo quanto o do Pai da Horda, são narrativas sobre a existência de limites) deixou de ser introjetado pelo sujeito. (CASARA, 2020, p. 53)

Hannah Arendt situa com muita propriedade a repulsa fascista pelo pensamento e o debate centrado em fatos e argumentos lógicos:

“Do ponto de vista demagógico, a melhor maneira de evitar discussão é tornar o argumento independente de verificação no presente e afirmar que só o futuro lhe reservará os méritos.” (ARENDR, 2018, p.479)

É fato que os bolsonaristas adotam uma mente negacionista, pois nos casos das vacinas contra o Covid-19, em sendo o líder um adversário das vacinas, eis que prefere uma dita “imunidade de rebanho”, algo que levaria a cura pela contaminação, mas a que preço? Quantas vidas seriam necessárias para atingir este objetivo irracional? Nesta linha de comportamento, várias pessoas deram a sua vida para justificar Bolsonaro, não tomaram a vacina, ignoraram o uso de máscara e as regras do isolamento social, foram contaminadas, contaminaram inúmeras outras pessoas e, no fim, morreram acreditando na mentira do Messias.

Arendt segue nesta linha de raciocínio sobre as disposição do ser massificado e atomizado, descrente do real, mesmo que este lhe cause todos os males, prefere ignorar e dar versão ao sistema paranoico fascista:

Uma das principais características das massas modernas. Não acreditam em nada visível, nem na realidade da sua própria experiência, não confiam em seus olhos e ouvidos, mas apenas em sua imaginação, que pode ser seduzida por qualquer coisa ao mesmo tempo universal e congruente em si. O que convence as massas não são os fatos, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência com o sistema do qual esses fatos fazem parte. (ARENDR, 2018, p. 485)

Aliamos a negação à crítica de Eco a conceituação de “*Anti-intracção*” de Adorno. Para Adorno a “*intracção é um termo introduzido por Murray* ⁴⁴ *para exprimir ‘a predominância de sentimentos, fantasias, especulações, aspirações – um perfil humano imaginativo e subjetivo.’* (ADORNO, 2019, P.147)

⁴⁴ MURRAY, Henry. (1893-1988) psicólogo norte-americano, diretor da clínica psicológica de Harvard.

Vislumbramos que este elemento é uma manifestação contrária ao exercício filosófico reflexivo e crítico, do trabalho da articulação de conceitos e premissas com suportes lógicos e realísticos, envolve a criatividade, a expressão verbal, a capacidade de perceber o que está oculto ou mistificado pelo poder. Em contraste com a intracepção estão os modos tendentes as “*condições físicas concretas, claramente observáveis, fatos tangíveis e objetivos.*” Adorno aponta uma característica chave entre os contrários ao pensamento:

O indivíduo extremamente anti-intrceptivo tem medo de pensar sobre os fenômenos humanos porque poderia, por assim dizer, pensar os pensamentos errados; ele tem medo de sentimentos genuínos porque suas emoções podem ficar fora de controle...ele tem medo do que poderia ser revelado. (Adorno, 2020, p. 148)

A quinta natureza catalogada como ponto da mentalidade fascista por Eco é “*a busca pelo consenso*”, o qual revela-se pelo temor à diversidade, “*medo da diferença*” segundo o autor.

Aqui a mente fascista exerce todo o seu potencial agressivo com os “diferentes” do padrão seguro neurotizado, pois escolhem o modo sexual dito “padrão da família”, conservador, machista.

Diante desta posição, destilam todo um ódio contra à comunidade LGBTQIA+, além de manifestarem um profundo desprezo pela mulher. Bolsonaro tem um pavor de deixar vaziar as suas pulsões recalçadas. Assim, ataca o que teme vir à tona em si.

O sexto aspecto em destaque do fascismo para Eco é oriundo das “*frustrações individuais ou sociais.*” Vejamos que a marca anterior, “medo da diferença” está interligada com o ser fascista fracassado, os quais servem como massas disponíveis à captação do regime de terror e violências, geralmente, cooptados entre a classe média, eis que é um grupo social que nega pertencer às classes trabalhadoras e idealiza o modo de vida das elites.

Certo que, dificilmente serão aceitos e integrados às classes dominantes, quanto muito, exercerão um servilismo útil aos interesses do capital. Sua frustração é voltada contra os mais humildes e que se apresentam como diferentes das esferas proprietárias do capital e dos meios de produção. Não identificam a sua miséria de vida pelos fatores inerentes do capital e de uma maneira magica e fantasiosa tentam retornar a um mundo idílico, mesmo que, ninguém estivesse estado lá.

Este lugar seguro só existe em suas imaginações, mas é uma razão que ameniza as aflições e os recalques de um mundo mercantilizado e coisificado. A bolha fascista lhes dá um acolhimento e conforto psicológico, bem como alguma aparência de segurança material, pois em seu mundo não existe a negação, o contraditório e nem uma possível perspectiva de mudança de paradigma.

Leandro Konder também assinala qual segmento social é mais influenciado pela ideologia e o modo de ser fascista:

Qual era a classe social decisiva no desencadeamento do movimento fascista? Não era fácil encontrar uma resposta segura para essa pergunta. Mais fácil era responder uma outra questão: qual era a classe social que proporcionava o contingente mais amplo no *apoio de massas* com que o fascismo contava? Um exame da composição de tais massas levava à conclusão de que nelas o proletariado industrial estava sub-representado e a hegemonia cabia, sem dúvida, à *pequena burguesia*. (Konder, 2009, p. 73)

Na análise deste item sobre os fracassados tornarem-se membros simpatizantes ou integrantes das milícias, digitais ou armadas, constatamos que a classe média⁴⁵ brasileira, foi a base de sustentação da eleição de Jair Bolsonaro, já que, elegem como mal a ser combatido a “*corrupção*” e não as desigualdades sociais.

A sétima característica, arrolada pelo filósofo Eco, é o “*nacionalismo*” doentio e o seu xenofobismo. A narrativa sempre envolve alguma conspiração, tipo a fala de Bolsonaro de que “*Essa é a nossa bandeira e jamais será vermelha.*” Neste mesmo discurso afirmou-se como um “libertador” do povo brasileiro, na sua posse disse que o Brasil: “*começou a se libertar do socialismo, da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto.*”⁴⁶

O Slogan adotado por Bolsonaro para identificar o seu governo – Pátria Amada Brasil – ao primeiro olhar e sem vontade de ver, parece a retomada de um nacionalismo, o qual representaria a valorização dos bens nacionais e do povo brasileiro, mas ledor engano, Bolsonaro é mais uma marionete a serviço do neoliberalismo.

O bordão de Bolsonaro, “*O Brasil acima de tudo. Deus acima de todos*”, se presta a uma propaganda ideológica nos moldes do nazifascismo, eis que tenta impor uma homogeneidade, um ente a ser cultuado acima das individualidades, das divergentes singularidades, não respeita as diferenças, ou seja, uma tentativa de totalidade amorfa, a qual mata todas as diversidades e o debate crítico dos Estados republicanos e democráticos.

Certo que Bolsonaro jamais ambicionou um Estado forte, um pela sua incapacidade cognitiva e, outra, pela sua vassalagem à razão liberal, pois esta não deseja amarras, regulamentações e proteções, pois o capital globalizado necessita de amplos espaços para a continuidade da sua concentração. Neste aspecto, não como a débil e atrasada indústria brasileira competir com os mercados globalizados e de alta tecnologia.

⁴⁵ Classe média aqui empregada não no sentido econômico, mas como parcelas medianas encontradas em todas as classes sociais, mas com maior destaque neste segmento com uma mente retrograda, conservadora, racista, autoritária e que idolatra uma sociedade em que as normas não se destinam a todos, mas apenas as classes trabalhadoras, eis que os privilégios são componentes de poder do segmento bajulador da classe média e da elite.

⁴⁶ Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/bolsonaro-fala-em-libertar-brasil-do-socialismo,9e6c5cebaca4d72144c630c315edcd2a11ub6j2z.html>

Vários governos passados desmontaram o projeto de industrialização nacional a fim de beneficiar os grandes conglomerados globalizados em troca de alguma oferta de emprego para a mão de obra ociosa, mero jogo demagógico dos políticos no governo, pois o capital deprecia a mercadoria trabalhador, oferece apenas um mínimo para a sua subsistência e exige uma alta produtividade no intuito de intensificar os seus lucros e valorizar as suas ações no mercado financeiro.

As causas do fracasso da industrialização do Brasil são muitas, mas a principal está na falta de vontade e competência das elites capitalistas, principalmente do setor agrícola e pecuário, os ditos velhos senhores da “*Política do café com leite*” ou os “*gigolô de vacas*,” expressões das oligarquias, do “coronelismo”, país de manda quem pode e obedece quem quer sobreviver, caso contrário, a lei é feita pelo poder local para manter os privilégios das elites que desejam permanecer a viver das commodity, exportações de produtos primários sem nenhuma tecnologia agregada. Como exemplo do uso da tecnologia a serviço da industrialização, citamos a Alemanha que é o terceiro maior país exportador de café sem ter um pé de café em suas terras.⁴⁷

Sabidamente, o último projeto bem-sucedido de independência econômica, de políticas de substituição das importações, de industrialização e de modernização da economia brasileira foi nos governos de Getúlio Vargas que concebeu a Petrobras, BNDES, Eletrobras, normatização nas leis do trabalho (CLT), IBGE, Companhia Siderúrgica Nacional, Companhia Vale do Rio Doce, Fábrica Nacional de Motores, Hidrelétrica do Vale do Rio São Francisco, criação do Salário-Mínimo.

Getúlio Vargas o “*pai dos pobres*” foi um político populista e até com algumas feições fascistas, mas a sua idealização de um nacionalismo de proteção aos bens naturais e da industrialização nacional, certamente provocaram a ira do capital, inicialmente imperialista e, depois na sua versão Leviatã, o neoliberalismo, o que fez acender a luz amarela do capitalismo globalizado, passando a intervir nas políticas internas dos países da América Latina provendo golpes militares e apoiando ditadores a fim de garantir o fluxo de domínio dos mercados internacionais, não é de interesse do capital internacional a autonomia e a soberania das nações.

Mas, salvo as críticas ao populismo de Getúlio Vargas, suas políticas públicas estão muito longe da mediocridade do desgoverno atual, eis que se diz nacionalista e tenta ser populista, mas não passa de um canastrão bufão, não tem carisma e nem habilidades cognitivas para comandar qualquer coisa que ultrapasse a gerência de “rachadinhas⁴⁸” sob a ótica de um

⁴⁷ <https://revistacafeicultura.com.br/?mat=30741>

⁴⁸ Rachadinha é termo que designa o desvio de verbas públicas pelos políticos corruptos. A prática desenvolve-se

mundo sem lei e afanado pelas milícias e pelos pastores embusteiros.

Logo, o falso nacionalismo e a questão de tentar colocar a pátria amada como símbolo do governo é pura demagogia, eis que o Messias é um títere nas mãos do neocapitalismo globalizado, está disposto a negociar todas as riquezas naturais, bem como as empresas brasileiras de grande porte, entre elas, a Petrobras, a segunda maior empresa do Brasil e a segunda maior do mundo em operação nos mares.⁴⁹

Na prática o que se vê na Administração Pública direta é que todos os gestores e ministros operam para dismantelar as suas pastas, as quais deveriam preservar. Ministro da educação que corta verbas e ameaça servidores, reitores e professores. Ministro do Meio Ambiente pune os agentes que cumprem com o seu dever de vigiar e multar os grileiros, garimpeiros e invasores de terras públicas e indígenas.

Há um incentivo dos incêndios na Amazonia ou, no mínimo, uma desmobilização total no combate as queimadas criminosas. Ministro General da Saúde investe contra as vacinas nos casos da Covid-19, incentivam medicamentos sem eficácia no tratamento dos contagiados com o vírus, tentam montar aparelhos de corrupção dentro do governo na compra de vacinas superfaturadas de grupos sem autorização e competência para vender.

4.8 O QUE DESEJAM OS MILITARES DE BOLSONARO?

Os militares bolsonaristas são efetivamente nacionalistas e colocam a Pátria e o Brasil acima de tudo? Mais de seis mil nomeados na administração federal, estão mais interessados em engordar os seus bolsos com o dinheiro público do que servir e proteger ao povo brasileiro.

A mística das forças armadas como segurança do país é mais um engodo que atende apenas aos desavisados ou aos crentes e fanatizados, os quais vestem verde e amarelo e pedem a intervenção no STF e no Congresso Nacional. A Doutrina de Segurança Nacional que orienta a formação ideológica dos militares serve apenas para proteger o capital e a propriedade privada dos poderosos: sistema financeiro, agronegócio e os magnatas da Fiesp. E, agora com Bolsonaro, acrescente-se os grupos armados de milicianos, madeireiros, grileiros, pecuaristas

com a contratação de servidores “fantasmas”, pois constam na folha de pagamento, mas não trabalham e o dinheiro do salário é repassado ao político. Outra ação fraudulenta é admitir um funcionário, mas não pagar o valor correspondente do cargo, o funcionário fica com uma parte mínima e o político ímprobo fica com a maior parte. Bolsonaro e os seus filhos aparelham a polícia e o judiciário para fugirem das investigações e das apurações das práticas de rachadinha em seus gabinetes políticos. Fato a se estranhar é que a maioria dos imóveis comprados pela família foram pagos com dinheiro vivo. Quem usa dinheiro vivo em mundo da internet?

⁴⁹ <https://www.dw.com/pt-br/petrobras-%C3%A9-a-segunda-maior-do-mundo-em-opera%C3%A7%C3%B5es-no-oceano/a-56212807>

incendiários, garimpeiros (todos agindo na criminalidade e na ilegalidade) e os bispos e políticos das igrejas evangélicas.

A missão dos militares do Brasil é a eterna luta contra o comunismo, estacionaram na história com uma visão míope dos tempos da “Guerra Fria”. As diretrizes doutrinárias nas escolas militares, centros de formação de oficiais, foram geradas na Escola Superior de Guerra (ESG), a qual deu sustentação aos regimes da ditadura militar (1964-1985).

O regime, como se sabe, contou também com uma forte e consistente base civil. O consentimento civil, se estava longe do propalado por Locke no século XVII, não foi desprezível. Setores empresariais e políticos apegaram-se ao setor militar partilhando uma inabalável convicção de que tal aliança era imprescindível para livrar o país da ameaça comunista. Se a presença da esquerda e dos comunistas na vida política nacional não era uma invenção ardilosa dos golpistas, o certo é que foi levada ao paroxismo e serviu de pretexto, em muitos casos, para justificar a caça a inimigos políticos pessoais. (SOARES, 1994, p.9)

A ideologia de preservação do capital e o combate às esquerdas fundamentaram um aparelhamento dos quartéis e departamentos, tais como o Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), todos agindo na clandestinidade para a prática de capturas, torturas, desaparecimentos e assassinatos dos suspeitos de integrarem as fileiras do comunismo, eis que veem o espectro da ameaça comunista em qualquer partido de esquerda ou intelectual com fundamentação crítica ao sistema capitalista.

O anticomunismo domina o pensamento militar brasileiro desde a fracassada revolta comunista de 1935. O clima ideológico da Guerra Fria, por sua vez, contribuiu para exacerbar as posições ideológicas antagônicas. A Guerra Fria era a dimensão central da concepção geopolítica dominante nas forças armadas. (SOARES, 1994, p.31)

As questões do nacionalismo expostas por Eco se identificam com o tema do “*Poder e dureza*” analisado nas pesquisas de Adorno.

“*Poder e dureza*” neste componente ocorre o que Adorno chama de “*complexo do poder*”, o qual ele explica: “*existe uma disposição a ver todas as relações entre as pessoas em termos de categorias como forte-fraco, dominante-submisso, líder-seguidor, 'martelo-bigorna.*” (ADORNO, 2019, p. 152)

Aqui a interpretação dos autores da pesquisa é no sentido de que estes sujeitos desejam estar próximos do poder, mas, “*ao mesmo tempo tem medo de conquistá-lo e exercê-lo.*” (ADORNO, 2019, p.152)

Há uma certa dualidade emocional, admira o poder e desenvolve uma inclinação em obedecer, no entanto revela um desprezo pelo sentimento, eis que expõe uma fraqueza, já que ele pensa estar no polo da potência. Certo que há uma confluência de forças psíquicas recalcadas mal elaboradas, as quais ganham expressão na esfera pública como disposição à submissão à

autoridade que se impõe pela força e pela violência verbal e física.

A marca deste item é “*o complexo de poder contém elementos que são essencialmente contraditórios e devemos esperar que às vezes uma característica, às vezes outra, predomine no nível superficial.*” (ADORNO, 2019 , p.152)

O cerne do conflito de desejos e ordens castradoras é tornar real a dimensão psíquica, sai do simbólico e entra no factual, eis a proximidade da figura amada e odiada ao mesmo tempo⁵⁰ se resolve neuroticamente, onde a essência está na proximidade do sujeito às figuras que representam a autoridade despótica e, ao exercer a sua submissão ao poder, o sentimento é de ser um integrante do poder. Neste ponto, temos uma expressão bem típica da realidade brasileira, é a figura do “*capitão-do-mato,*” geralmente era o laçao dos latifundiários, senhores de terra, os grandes proprietários do Brasil colonial, que utilizam um integrante da raça negra para atuar na perseguição dos negros rebeldes, apesar de ser um negro, não se identificavam com os seus pares. Então, caçavam, torturavam e matavam os escravos fugitivos para sustentarem o regime escravocrata, tudo sob a garantia da Lei.

Marcos Gomes Jardim tinha apenas 22 anos, era solteiro, homem branco, e vivia de ser caixeiro na loja ou casa comercial de seu amo Louzada. Sendo conduzido pelo escrivão até a casa do Juiz Brito, ali foi testemunha de um “Auto de reconhecimento da cabeça de um preto apresentada pelo Capitão de Mato”. Cumpriram aquela lúgubre missão, além do Juiz Brito, o Escrivão Barreto, o caixeiro Jardim, o Capitão de Mato Francisco Gonçalves Pedro e Antonio da Silva Bueno (que pelo jeito estava na casa de comércio de Louzada quando lá chegou o escrivão). Pelo Capitão de Mato foi dito que o morto era escravo de Louzada, morto “no ato de ser apreendido em um quilombo” e Jardim e Bueno reconheceram ser a cabeça de Antonio Banguela. (MOREIRA, CARDOSO, 2013, p.3)

O oitavo sinal em destaque do fascismo para Eco é *a ambiguidade de forças do inimigo*, pois há, ou uma supervalorização da força ou um desprezo pelos potenciais quantitativos e qualitativos.

Neste quesito podemos trabalhar a tentativa da ideologia agressiva da extrema direita em chamar de socialista ou comunista todo e qualquer pensamento divergente, todo e qualquer partido que se diga de esquerda, algo que revela um encolhimento do pensamento escamoteado pela ideologia burguesa da história e da cultura. Tais sujeitos amestrados nunca leram ou estudaram alguma obra marxista, apenas regurgitam frases soltas e prontas contra o que seja o comunismo ou socialismo.

Recentemente, Bolsonaro diante dos seus seguidores no “cercadinho” do Palácio do Alvorada, tentando ironizar o seu ex-aliado e agora concorrente, Sérgio Moro, em que este, ao

⁵⁰ Ver o conceito de Ambivalência em Freud, hostilidade e amor convivem na administração neurótica das pulsões reprimidas. Em Freud, amor e ódio são de valências semelhantes, pois o contrário do amor não é o ódio, odiar é uma maneira neurotizada de também amar. O diverso do amor é a indiferença.

ser perguntado em um programa de entrevista, o que gostava de ler, afirmou que preferia as biografias. Então o entrevistador, “qual foi a última que o senhor leu?” Moro, gaguejou e titubeou, eis que não é um adepto de leituras, fato evidenciado pelo seu raso vocabulário. Bolsonaro riu e debochou de Moro por este não ler nada, mas em seguida afirmou: “*Desculpa, eu não tenho tempo de ler livro. Já tem três anos que eu não leio um livro. Desde que eu assumi a Presidência não li mais nada.*”⁵¹

Bolsonaro em seus ataques ao Supremo Tribunal Federal chegou a chamar os seus ministros de comunistas e, até o governador de São Paulo, um empresário e político adepto do neoliberalismo, foi atacado pelos sectários de Bolsonaro, face as medidas de isolamento social adotadas no auge da propagação do vírus da Covid-19, foi designado como um “*ditador comunista.*” Ora, estes episódios comprovam a debilidade da linguagem dos bolsonaristas, a qual nada mais é do que a exteriorização de uma mentalidade oclusa ao pensamento crítico fundamentado.

A pauperização da vida, das subjetividades, são manifestações da coisificação, da reificação ⁵², produtos da racionalidade neoliberal, a qual na sua lógica de metamorfosear pessoas em mercadorias para agilizar o lucro e a concentração do capital leva ao empobrecimento material e espiritual dos sujeitos presos neste sistema exploratório e auto alienante. *A linguagem empobrecida é o resultado do que se tem chamado de ‘racionalidade neoliberal’, um modo de ver e atuar no mundo que transforma (e trata) a tudo e a todos como mercadorias, como objetos que podem ser negociados e/ou descartados.* (CASARA, 2020, p. 9)

⁵¹ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/12/14/bolsonaro-diz-que-nao-le-livro-ha-3-anos-e-ironiza-moro-por-resposta-a-bial.htm>

⁵² Ver O Fenômeno da reificação em Lukács, História e Consciência de Classe, ed. Martins Fontes, SP, 2003, p.194.

5.0 A VIDA SEMPRE FÁCIL DE BOLSONARO

A nona marca fascista em destaque para Eco é a luta permanente, é a “*vida para a luta.*” Neste tema ousamos afirmar que Bolsonaro e os seus seguidores não demonstram nenhuma aptidão para o combate, a não ser através da redes sociais propagando as suas verborragias e fake news. Bolsonaro é um típico fanfarrão pusilânime.

Passou trinta anos na política como deputado e, em seus pronunciamentos, raros, sempre discorria agressões verbais contra jornalistas, aos integrantes dos partidos de esquerda, em especial, contra as mulheres. Bolsonaro desdenha o sexo feminino, prefere estar entre os seus ex-comparsas de farda a tecerem comentários jocosos contra as mulheres e às pessoas da comunidade LGTBQIA+. Sintomas paranoicos diletos dos sujeitos sexualmente reprimidos. Já que não pode amar e assumir o objeto da atração, desdenha na forma de ódio o objeto de desejo.

O modo de operar do Messias é o realizar ofensas e depois se retratar e pedindo desculpas, tipo, “foi uma canelada.” Em um dos seus pronunciamentos após um de seus verbalismos, disse: “*Desculpem as caneladas, não nasci para ser presidente, e sim militar.*”⁵³ Esta atitude arrivista de Bolsonaro contradiz com alguém que pretenda se constituir como um autêntico líder fascista, pois destroça a aparência de que o líder é indefectível.

Hanna Arendt trabalhou essa questão: “*A principal qualificação de um líder de massas é a sua infinita infalibilidade; jamais pode admitir que errou.*” (ARENDDT, 2018, p. 482).

Logo, Bolsonaro, como ele mesmo admitiu, “*não nasceu para ser presidente,*” não é dotado de capacidade cognitiva para chefiar e ser protagonista de coisa alguma. Assim, no dia em que tentou imitar o seu líder máximo, Donald Trump, ao segui-lo em atacar o STF, nos mesmos moldes em que Trump incentivou a sua trupe a invadir o Capitólio, uma rebelião fracassada, pois somente um pequeno grupo de maníacos negacionistas seguiu as ordens de Trump e não houve apoio entre os comandantes militares.

Trump, assim, como Bolsonaro, quando percebe que os seus projetos deram errado, retiram-se e abandonam os seus liderados. Guardadas as proporções, a cópia malfeita de Trump, Bolsonaro, vejam a grande farsa urdida pelos seus eleitores em 2018, optaram pela pantomina na presidência da república. O golpe e a ditadura militar de 1964 foi a tragédia, Bolsonaro é a farsa.

⁵³ <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/04/05/bolsonaro-desculpem-as-caneladas-nao-nasci-para-ser-presidente-e-sim-militar.htm>

“Em alguma passagem de suas obras, Hegel comenta que todos os grandes fatos e todos os grandes personagens da história mundial são encenados, por assim, dizer, duas vezes. Ele se esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa.”(MARX, 2011, p.75)

Bolsonaro, considerado o autêntico para os seus eleitores, enfim a ralé chega ao poder. O Messias esboçou uma imitação pateta de Trump, mas foi seguido apenas pelo seu “gado”, os quais a cada dia minguem cada vez mais. Lógico que não deu em nada para os fanatizados, não houve invasão do STF, os milicos não saíram dos quartéis. Os seguidores, ficaram mais uma vez abandonados, encenando a farsa. O rebanho, como sempre, com cara de massa de manobra a ser usado pelo “gabinete do ódio”, órgão paralelo e clandestino comandado pelos filhos do presidente, os quais disseminam ataques cibernéticos aos “inimigos.”

E, mais uma vez, o arlequim vem a público pedir desculpas, mas, desta vez, face a reação, dentro dos rigores da lei, pelo Ministro Alexandre de Moraes do STF, Bolsonaro pediu a ajuda do ex-presidente Michel Temer. Temer elaborou uma carta na tentativa de amenizar, mais uma aventura de Bolsonaro.

Outro deputado bolsonarista, também de duvidosa capacidade intelectual, Daniel Silveira, após inúmeras ameaças aos ministros do STF, foi preso e se disse arrependido. Observa-se, que a facção bolsonarista não tem nenhuma disposição para a luta, apenas exercem a balbúrdia e brincam de fazer “arminhas” com as mãos, como de costume, através das redes sociais. No mundo real, diante da possibilidade de sofrerem as penas da lei, recuam como hienas medrosas e acuadas diante de outro animal mais pujante.

Portanto, a “*vida para a luta*” dos fascistas não está no rol das potencialidades de Bolsonaro e dos seus asseclas.

A coragem dos bolsonaristas é a mesma dos militares torturadores nos períodos das ditaduras. Vejamos o caso do Tenente Alfredo Astiz, torturador e assassino da ditadura militar Argentina.

Astiz serviu na Escola Mecânica da Armada (ESMA), referência em torturas, pois dos mais de cinco mil presos deste lugar, mais de 90% foram mortos e os seus corpos desaparecidos. Na guerra das Malvinas, Astiz esqueceu a sua bravura e a coragem que tinha diante dos presos políticos e foi rendido pelos militares ingleses sem dar um tiro, sem esboçar resistência, eis que ele e o seu comandante tinham afixado bandeiras brancas para sinalizar a capitulação⁵⁴.

⁵⁴ Fonte: Livro A Outra Guerra do Fim do Mundo: A Batalha pelas Malvinas e a América Latina), Coggiola, Osvaldo. Ed. Ateliê Editorial, SP, 2014.

O militar e assassino foi condenado pela justiça Argentina pelos seus crimes contra a humanidade, recebeu pena de prisão perpetua. Aqui, o ídolo de Bolsonaro, Coronel Brilhante Ustra, comandou o DOI-CODI, lugar de torturas e mortes, foi o primeiro militar condenado, mas o processo foi extinto em segunda instância.

Estes fenômenos avaliados por Eco encontram algo em comum com os estudos de Adorno sobre a “*Agressão Autoritária.*” A *agressão autoritária*, caracteriza-se pelas vivências marcantes desde a infância de uma vida regrada pelo controle excessivo, o sujeito submetido a este fardo psicológico revela uma personalidade “*sobrecarregada*” e irá procurar um objeto deslocado de si “*em que possa descarregar*” e acusar de ser o portador referencial da autoridade. Nesta dinâmica da personalidade doentia, dois componentes atuam em conjunto, o sadismo e o masoquismo.

Diante da impossibilidade da crítica sensata e lógica, esta pessoa dominada pelo convencionalismo projeta a sua agressão para os grupos acusados pela potência de mando a que estão submetidos. Assim, terá uma forte tendência para “*condenar, rejeitar e punir aqueles que violam os valores*” priorizados pelos agentes do fascismo. Entre os objetos da agressão autoritária estão as minorias: os imigrantes, os negros, os comunistas, os homossexuais, estes, entendidos como transgressores da moralidade convencional.

O décimo traço fascista estabelecido por Eco é o “*elitismo*”, um “*desprezo pelos fracos.*” Conforme salientamos em outro ponto anterior, Bolsonaro, seus filhos e os seus assessores diretos, não estão munidos da capacidade de liderança e nem de compor uma escol a fim de organizar, planejar e assumir o poder total.

Os motivos, além da ínfima atividade intelectual, de um vocabulário paupérrimo e, por consequência, uma linguagem mísera. Certo que Mussolini, líder do fascismo na Itália era uma personalidade bronca e histérica, mas beneficiado com uma oratória que cativava as mentes mais simplistas e orientadas para a ação violenta. Hitler, no mesmo padrão, grande orador e com capacidade de capturar os sentimentos reprimidos e humilhados do povo alemão, face os resultados da primeira grande guerra e das políticas econômicas fracassadas das elites, algo que jogou o povo alemão na massificação da miséria física e espiritual.

Já o Jair, é ridículo como orador, falar de improviso é uma agressão ao vernáculo, o espelho de uma mente obcecada em esgrimir com as esquerdas, mas a sua arma da oralidade é tacanha e muito breve, não consegue manter uma linha de raciocínio por mais de cinco minutos. Fato que se evidenciou na sua investida contra o STF no último Sete de Setembro de 2021, havia uma massa reduzida, mas ansiosa e pronta para ouvir as palavras do seu líder. Bolsonaro o que fez: discursou as suas velhas frases breves e desarticuladas.

Nós devemos, sim, eu falo em nome de vocês, determinar que todos os presos políticos sejam postos em liberdade. Dizer a vocês que qualquer decisão do senhor Alexandre de Moraes, esse presidente não mais cumprirá. A paciência do nosso povo já se esgotou. Ele tem tempo ainda [...] de cuidar da tua vida. Ele, para nós, não existe mais. Liberdade para os presos políticos. Fim da censura. Fim da perseguição àqueles conservadores, àqueles que pensam no Brasil. (BOLSONARO, 2021)⁵⁵

Assim, defendemos a tese de que Bolsonaro, apesar de ser um fascista na esfera privada, não tem a disposição e nem a capacidade para ser um líder populista e neofascista na esfera pública.

Outro fator que o atrapalha em uma possível chefia das massas é que não dispõe de um partido forte e estruturado nacionalmente. Ele já vagou por várias agremiações políticas e, em nenhuma conseguiu se firmar. Ficou sem partido por dois anos.

Agora, Jair corre contra o tempo para se candidatar às próximas eleições de 2022, pois o seu ingresso no Partido Liberal, partido do Valdemar Costa Neto, integrante do centrão, o qual só se move diante da promessa de muitos cargos ou verbas públicas colocadas ao seu dispor. Político venal, Valdemar foi culpado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, pelos crimes no mensalão, foi condenado a sete anos e dez meses, mais multa de 1,6 milhões de reais.

“Hitler foi o primeiro a dizer que cada movimento devia dividir as massas conquistadas pela propaganda em duas categorias: simpatizantes e membros.” (ARENDDT, 2018, p.501)

Uma vantagem definida dessa estrutura é que ela neutraliza o impacto de um dos dogmas básicos do totalitarismo, que afirma ser o mundo dividido em dois gigantescos campos inimigos, um dos quais é o movimento, e que este pode e deve lutar contra o resto do mundo – afirmação que abre o caminho para a indiscriminada agressividade dos regimes totalitários. (ARENDDT, 2018, p. 503)

Bolsonaro, sem liderança, sem um partido fiel e disciplinado, e sem o apoio amplo das massas, não há como gerenciar um movimento fascista. Fica tudo no improviso e nas atuações reativas, sempre a correr atrás dos fatos sociais e das crises geradas pela sua ingerência política e pelas ações ideológicas descomedidas dos seus filhos e sectários.

Diante da fraqueza de Bolsonaro como líder, os promotores da extrema direita internacional com interesses econômicos no Brasil passaram a investir no filho de Bolsonaro, o deputado federal Eduardo, mas este, também não revela dotes mentais para o comando de um movimento de ultradireita.⁵⁶

⁵⁵Fonte: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/07/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-em-sao-paulo-no-7-de-setembro.htm>

⁵⁶ Fonte: <https://istoe.com.br/o-sonho-fascista-de-eduardo/>

Logo, inviabiliza-se a ideia dos seres superiores, nos moldes do fascismo de Mussolini e de Hitler, perante a extrema direita no governo Bolsonaro. Logo, permanece o pífio desejo de transferir aos partidos de esquerda as mazelas sociais, fruto da incompetência gerencial da família Bolsonaro.

Nos partidos fascistas tradicionais há três conjunto de componentes sob o domínio total do líder: Os simpatizantes, a grande massa, os membros do partido e a elite, poucos escolhidos entre os integrantes do partido. “*Seriam inoperantes as mentiras do Líder sem a divisão organizacional do movimento em formações de elite, membros e simpatizantes.*” (ARENDDT, 2019, p.521)

O fato é que Bolsonaro está reduzido ao seu grupo fascista familiar, seus filhos dão a última palavra em termos de opções políticas e das estratégias de disseminação de ódio pelas redes sociais. Nada a dizer no plano de estruturação das massas simpatizantes, membros do partido e nem a composição de uma elite. Assim segue o desarranjo administrativo e governamental de Bolsonaro.

Bolsonaro e filhos estão a perder o seu eleitorado, mas ainda são seguidos por alguns fanatizados e pelos youtubers interessados apenas em monetizar os seus canais e se sustentarem pelo patrocínio dos empresários bolsonaristas. Estes propagadores da cólera, das fake news e da ignorância fascista, alguns já estão presos, outros estão na mira das investigações conduzidas pelo Ministro Alexandre de Moraes do STF.

5.1 “MUERA LA INTELIGÊNCIA! VIVA LA MUERTE”

A décima primeira característica do ser fascista é o “*culto à morte.*” A pulsão de morte é o motor das ações da família Bolsonaro e dos seus seguidores fanatizados, eis que traduzem as suas batalhas psíquicas recalcadas em sintomas de discriminações, agressões e ódios aos objetos que remexem o cerne dos seus desejos mal resolvidos, ou seja, excitações internas, desejanter, mas negadas, pulsões que emergem pelos caminhos das patologias do fascismo.

Para entendermos com profundidade esta questão que move o imaginário dos fascistas, a bandeira do “*Muera la inteligencia! Viva la muerte.*” Necessitamos recorrer aos conceitos da psicanálise, principalmente o de “*pulsão de morte*” elaborado por Freud em sua obra: “*Além do Princípio do Prazer*” de 1920.

Antes, trataremos do grito da barbárie fascista:

¡Muera la inteligencia! ¡Viva la muerte!» Pocos hechos resumen mejor toda la barbarie de la guerra civil española que esta frase famosa de Millán Astray, a la que Unamuno repuso con clarividencia y mesura ejemplares. Por ello la confrontación -- el 12 de octubre de 1936 en el Paraninfo de la universidad de Salamanca- entre el aúñ rector perpetuo y el general fascista cobra valor de símbolo de aquella trágica historia, que encuentra en Carlos Rojas intérprete ideal. A su pasmoso conocimiento de los años de la República y posterior contienda armada une el autor de este libro sus grandes dotes narrativas, y surge un relato tan apasionante como sólidamente documentado. (Rojas, 1997, p.93)

Certo que a obra de Freud, “*Além do Princípio do Prazer*”, marca uma nova postura na condução conceitual, pois até então, o autor na sua tradicional dualidade, entendia a estrutura psíquica como dividida no princípio do prazer e no princípio de realidade. Abre caminhos para uma ordem do id, ego e superego, algo que supera uma antiga visão de inconsciente, pré-consciente e consciente.

Freud entendia que a inquietude das pulsões internalizadas no inconsciente necessitavam uma maneira de dar vazão para liberar esta tensão das pulsões, desejos sexuais e além de sexuais, buscando alguma satisfação. Caso essa pressão interna ganhe proporções maiores e mal resolvidas, ocorre um descompasso no princípio da constância, temos os quadros da neurose e da psicose. Até então, o que movia estas tensões no sujeito era o princípio do prazer.

Freud escreve a obra logo após o encerramento da primeira grande guerra, algo que gerou muitos traumas, neuroses entre os combatentes nas duras batalhas entre trincheiras. Muitos pacientes apresentaram o quadro chamado de neuroses de guerra, as neuroses traumáticas. Esta neurose pode também advir de situações traumáticas, acidentes com graves danos.

Freud começou a observar que os pacientes acometidos dessas neuroses traumáticas tinham uma tendência a repetição do trauma via sonhos e conceitualmente foi denominada de “*compulsão à repetição*.” Então como explicar uma situação repetitória de algo que não proporcionava prazer, mas dor e sofrimento? Deveria haver algo ainda inexplicado para além do princípio do prazer.

No entanto, os sonhos dos neuróticos acidentários, acima mencionados, não se deixam mais classificar sob o ponto de vista da realização de desejo, tampouco os sonhos que ocorrem durante as psicanálises trazendo de volta a lembrança dos traumas psíquicos da infância. Eles obedecem antes à compulsão à repetição, que na análise é de fato apoiada pelo desejo, estimulado pela “sugestão”, de evocar o esquecido e o recalçado. (FREUD,2021, p.62)

Freud, para responder à questão fala em “*especulação psicanalítica*” e traz a ideia de que a repetição do trauma é uma forma de pedir uma maneira de resolução, pois em sendo um choque, um abalo que não encontra uma possível forma de representação, se desprende no recalçado, impossibilitando uma elaboração. Neste momento da produção conceitual, Freud tece considerações sobre as relações entre vida e morte.

Neste ponto se impõe a nós a ideia de que encontramos a pista de um caráter universal dos impulsos, talvez de toda a vida orgânica em geral, até agora não reconhecido claramente – ou pelo menos não expressamente destacado. *Um impulso seria, portanto, uma pressão, inerentes às coisas orgânicas vivas, para reestabelecer um estado anterior* ao qual essas coisas vivas precisaram renunciar sob a influência de forças perturbadoras externas; seria uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quisermos, a expressão da inércia da vida orgânica. (FREUD, 2021, p. 68)

Freud concebe que a morte estaria nos planos da vida. Tirando o excesso de usos da biologia para explicar o fenômeno da pulsão de morte, a vida tenderia a buscar uma tensão mínima, um retorno a um “*estado anterior.*” Aqui, lógico necessitamos distinguir entre a vida da espécie e a vida de uma pessoa, esta inclinar-se-ia à morte.

A morte é antes um dispositivo de conveniência, um fenômeno de adaptação às condições externas de vida, pois, desde a separação das células corporais em soma e plasma germinativo, a duração ilimitada da vida do indivíduo teria se tornado um luxo totalmente inconveniente. (FREUD, 2021, p.81)

Chegamos a um ponto em que o dualismo da teoria freudiana não permite tratar isoladamente as pulsões de morte, algo que tende a uma tensão mínima, resguardando a manutenção da vida.

A pulsão de vida, esta aciona as vertentes da reprodução visando a continuidade da espécie. Aqui estão dois polos que não se separaram, mas que convivem na articulação entre um retorno e uma busca incessante de prazer. Aqui é o ponto que nos serve para entendermos a mente fascista vinculada à morte, esta preferência revela uma contrariedade necessária, ou seja, uma recusa ao prazer, uma negação da solidariedade aos demais da espécie, uma revolta contra a criação de algo novo e inesperado, um doentio desprezo pelas mudanças e idealizações que busquem o prazer físico e espiritual.

Algo que os progressistas chamam de *opção pela vida com dignidade e excelência* e, contra tudo isso, atua o desejo de morte dos fascistas, os recalques e os seus desejos mal resolvidos impulsionam na busca da destruição do outro, o outro que ousa ter prazer e desejar uma vida boa para si e para os seus pares, eis que ninguém vive só, a vida, o trabalho e as realizações da cultura e da civilização, são uma construção coletiva, algo que é comum e repartido entre as potencialidades das subjetividades, desde que dotadas de um equilíbrio e de um mínimo de resoluções na estruturação das suas personalidades para a sociabilidade e a

civilidade.

Esta é a meta dos humanistas, dominar e colocar sob o protagonismo dos sujeitos a produção da vida pelo trabalho compartilhado e que todos os irmãos usufruam dos bens da criação coletiva, ou seja, na polarização entre as instâncias de vida e da morte, vencem as potências da vida, as sublimações pela produção do trabalho e da cultura.

Visamos a opção pela vida digna e pela emancipação da humanidade dos percalços cravados pelo capitalismo opressor, reificante, que aceita a morte do sujeito como coisa a ser negociada em nome do lucro e da acumulação do capital, modos de agir com a natureza e os outros sujeitos, modelos que levam à criação das sindemias e que ameaça a vida de todas as espécies do planeta.

“No entanto, o essencial nos processos pretendidos pelo impulso sexual é a fusão de dois corpos celulares. Apenas por meio dela se assegura a imortalidade da substância viva nos seres vivos superiores.” (FREUD, 2021, p. 94)

Hannah Arendt também colocou a vida e a liberdade com fonte e razão de um enfrentamento ao totalitarismo ou, ao menos, de um retardamento da sua germinação.

Mas pode ser retardado, e é retardado quase inevitavelmente pela liberdade do homem; nem mesmo os governantes totalitários podem negar essa liberdade – por mais irrelevante e arbitrária que lhes pareça -, porque ela equivale ao fato de que os homens nascem e que, portanto, cada um deles é um novo começo e, em certo sentido, o início de um novo mundo. (ARENDR, 2018, p. 620)

Concluindo a análise desse quesito do fascismo apontado por Eco, podemos depreender que Bolsonaro, seus filhos e a horda mais fanatizada, são orientados pelo desejo da destruição e da morte de todos os direitos e garantias dos trabalhadores, de todas as normas e ações protetivas do meio ambiente, ou seja, pela incapacidade de criar e de gerar o novo, de ter prazer no amor e de administrar um Estado com espírito democrático e republicano, eles provocam a morte do desejo de realização e satisfação no outro, daquilo que a sublimação põe a serviço da evolução da civilização, eis que incapacitados de elaborar as suas excitações sexuais recalçadas, destilam o ódio, e o seu único prazer patológico é a anulação e a morte do outro. Esta é a vida fascista, ou, melhor dizendo, é a trajetória da morte em vida do fascista, enfim, uma necropolítica.

Estas verificações factuais e teorizadas sob o olhar da psicanálise e da filosofia crítica se confirmam ao conferirmos o relatório final da CPI da Covid-19 elaborado pelo Senado Federal. Apurou-se e comprovou-se que Bolsonaro foi criminoso e provocou a morte de mais de seiscentas mil pessoas, seja pela sua inação, retardamento ou pelo empreendimento em medicamentos e procedimentos ineficazes contra a covid-19. Foi emblemática a situação em

que, cobrado pela imprensa sobre as milhares de mortes por dia, ele ironizou e desdenhou das pessoas que morriam asfixiadas pela falta de ar, em face das complicações da doença do Covid-19⁵⁷. Caso de um embotamento afetivo, falta de empatia pelo próximo, prazer na dor e no sofrimento do outro. Enfim, um diagnóstico que beira a psicopatia.

Este é o caso típico de um fascista facínora, uma mente desequilibrada, eis que não demonstra a menor empatia com dor e o sofrimento do outro, ainda mais, quando está no cargo máximo da nação e tem o dever constitucional de promover o bem-estar e a saúde da população sob o seu governo.

“O presidente da República disse outro dia que brasileiros mergulham no esgoto e não acontece nada. O que vemos nesse homem é o exercício na necropolítica, uma decisão de morte.” (KRENAK, 2020, p.34)

Esta afirmação do pensador, líder indígena e ambientalista Ailton Krenak resume bem a opção pela destruição da vida operada nas mentalidades fascistas.

Na obra de Adorno referente aos estudos da personalidade autoritária, podemos destacar a questão da agressividade e de um cinismo similar ao que acima foi conceituado por Eco.

A “Destrutividade e cinismo,” composição psíquica e comportamental dos indivíduos antidemocráticos que explicita os seus ataques aos integrantes dos *outgroups*, eis que *“por ter tido que aceitar numerosas restrições impostas externamente sobre a satisfação de suas necessidades, abriga fortes impulsos agressivos subjacentes.”* (ADORNO, 2019, p.154)

A nossa cultura não tolera a demonstração aberta da agressividade, mas o cinismo e a hipocrisia advindos do modo capitalista de ser, principalmente quando encontra figuras autoritárias no poder, que cultuam a violência, há uma certa amenização, uma tolerância impune aos agressores dos grupos minoritários, já que há uma certa desculpa-razão para estes atos agressivos. O Estado, como representação das classes dominantes, alarga os fundamentos socioeconômicos do capitalismo para as demais superestruturas da sociedade, tais como o Direito, a moral, a educação etc.

Logo, toda a violência contra as minorias são institucionalizadas, contra as classes trabalhadoras, jovens, pobres, negros, recebe uma “outorga” do poder, eis que estes são integrantes dos *outgroups*, estão desajustados e “ameaçam” a estabilidade e a harmonia da sociedade mercantil. Vide quando tratamos da questão da escravidão, na época, era consenso que a raça negra era uma coisa, uma ferramenta a ser utilizada pelas elites e, caso, houvesse rebelião ou fuga, a morte do negro infrator era um direito do proprietário.

⁵⁷ <https://noticias.uol.com.br/videos/2021/03/19/bolsonaro-imita-pessoa-com-falta-de-ar-para-criticar-medidas-de-mandetta-quando-era-ministro.htm>

O décimo segundo elemento com realce na figura do fascista é uma *necessidade frenética de revelar-se “machista.”* Segundo Eco, “*O Ur-fascista transfere sua vontade de poder para questões sexuais.*” (ECO, 2019, p.54)

Podemos afirmar que a sociedade brasileira, além de um autoritarismo, de um racismo, da família paternalista, é marcada por um machismo estrutural.

A discriminação e os ataques às mulheres é são práticas permanentes de Bolsonaro, seja por meio de suas declarações ou em atitudes pessoais de governo. Como pessoa e deputado e, agora como presidente, é contra os direitos de igualdade entre mulheres e homens. Elevou para o cargo de ministra uma mulher reacionária e machista, Damares Alves, pastora evangélica, que se diz “terrivelmente cristã,” defende que: “*menino veste azul e menina vestem rosa.*”⁵⁸

Há uma necessidade do machista em colocar-se como sendo superior à mulher. Além da filosofia, da sociologia, a psicanálise permite elucidar este comportamento, eis que pode derivar de uma raiva recalcada contra o sexo feminino e uma homossexualidade latente reprimida, bem como uma demonstração de baixa estima pessoal, eis que não revela competência em conquistar uma mulher pelo seu caráter, deve impor a força física ou a força econômica.

Esta condição de proceder de Bolsonaro e da sua mente fascista está enraizado na sua formação ideológica, pois sendo um adepto do modo de vida miliciano e da crença nos pastores evangélicos reacionários, todos com aberta marginalização contra as mulheres, geram e alimentam a constituição de mentes retrógradas e fascistas entre os poderes da república e, principalmente, abrem as portas para a franca discriminação na sociedade civil.

Quanto ao anseio de mostra-se como homem forte e macho, está na defesa do porte de armas pela população. Nada a ver com a segurança e a defesa das pessoas, eis que esta é um dever do Estado e não cabe transferir ao cidadão a obrigação de enfrentar situações adversas com o uso da violência e de armas de fogo.

A insegurança da masculinidade é uma tentativa compensada pela ostentação do símbolo fálico. É metafórico as aparições nas redes sociais dos bolsonaristas portando armas. Estes objetos figurativos significam um órgão masculino ereto, um suporte para quem duvida da sua condição sexual, revela-se como um substituto imaginário de alguma impotência psíquica ou intelectual. Logo, a intenção é a demonstração de uma virilidade, de potência, de força e de ostentação de poder.

Recentemente veio a público a informação de que a ex-mulher do mito o traia com um militar bombeiro, o qual era um “*segurança*” da família⁵⁹. Perante o caso, Jair retirou a ex-

⁵⁸ Fonte: <https://exame.com/brasil/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares-em-video/>

⁵⁹ Fonte: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/bolsonaro-passou-comando-da-rachadinha->

mulher da administração das “rachadinhas” em seu gabinete de deputado, passou o comando ao seu filho Carlos. Diante do machismo estrutural da sociedade brasileira, ser corno, traído sexualmente, é uma ofensa e uma degradação diante dos outros machos. Certamente, com estes episódios de infidelidade conjugal, o mito brochou em número de adeptos e de eleitores corroídos pelo machismo.

Podemos trazer ao estudo das questões sexuais no fascismo a *projetividade*, a qual nos conhecimentos e pesquisas de Adorno a “Projetividade,” é um conceito da psicologia freudiana e está vinculada a “*agressão autoritária*.”

De acordo com Adorno, a projetividade expressa “*os impulsos suprimidos do caráter autoritário tende a ser projetados em outras pessoas que são, então, culpadas sem que nem se pense a respeito*.” (ADORNO, 2019, p. 156)

A projeção das patologias psíquicas não resolvidas são deslocadas, em forma de agressão, ao outro. Diante da recusa pela instância egóica aos anseios pulsionais, esta energia é projetada aos *outgroups*, é uma pífia tentativa de legitimar a não resolução de um desejo amordaçado, mas não calado, apenas abafado.

A projeção revela uma predileção e, cabe indagar, o porquê deste alvo, no caso do ódio aos grupos LGTB (lésbicas, gays, transgêneros, bissexuais), o que estes grupos têm que incomodam os pretensos “*protetores da propriedade, da família tradicional, da moral e dos costumes?*” A psicanálise entende que o contrário do amor não é o ódio, mas sim, a indiferença. O objeto do ódio mantém uma ligação, é alimentado por cargas de energias psíquicas que consomem a mente do agressor frustrado. O ódio apresenta-se como um amor “*mal resolvido*,” mas tenta escapar pela ação patológica da ira e da agressão ao objeto de desejo, o qual não é suportado pelas instâncias de censura e realidade, superego e ego. Já a indiferença, não porta qualquer quantidade de energia, eis que afastada da percepção de “*eros*”⁶⁰ do sujeito.

Freud apresenta as pulsões sexuais e as de autoconservação como representantes de Eros, e o ódio como o representante da pulsão de morte. O teórico descreve, ainda, como muitas vezes a pulsão de vida faz uso da pulsão de morte a fim de preservar a vida e de conseguir a realização do desejo; como a ambivalência amor e ódio pode unir, assim como pode ser usado a fim de dominar e até mesmo aniquilar o outro. (LEMOS, 2019, p. 10)

A variável da projetividade está interligada com os fatores da sexualidade mal resolvida entre os adeptos do fascismo. Este padrão da dominância do sexo foi examinado na pesquisa de Adorno. Para o autor: “*A preocupação com a sexualidade desprendida está representada na*

para-flavio-e-carlos-apos-descobrir-traicao-de-ana-cristina-diz-ex-empregado

⁶⁰ BRANDÃO, Junito de Souza. “Eros é o amor personificado”, “o desejo incoercível dos sentidos”, Mitologia Grega, vol. II, Petrópolis, RJ, Vozes, 2012, p. 219.

escala F por quatro itens, dois dos quais aparecem em conexão com a agressão autoritária e um outro como uma expressão de projetividade.” (ADORNO, 2020, p. 158)

Nas personalidades tendenciosas ao modo de vida fascista, a questão sexual apresenta-se como extremamente recalcada, re/contida em suas instâncias psíquicas, há um eterno medo da perda do domínio sobre estas pulsões irresolvidas.

Logo, estas energias jogam-se na punição do outro, dos grupos minoritários, sempre vistos como “*transgressores dos costumes sexuais,*” a repreensão dá-se pela projeção, a qual segundo Adorno:

“pode ser um indicativo de uma tendência geral a distorcer a realidade por meio da projeção, mas o conteúdo sexual dificilmente seria projetado a menos que o sujeito tivesse impulsos dessa mesma espécie que estariam inconscientes e fortemente ativos.” (ADORNO, 2020, p. 158)

Portanto, o conjunto dos nove componentes da escala F de Adorno, revelam as características sintomáticas do modo de ser fascista. Sintoma, entendido como a vazão da denúncia dos desejos não satisfeitos e, podem, a qualquer momento, eclodir em discursos e atos físicos de ataques às minorias.

As expressões em destaque das personalidades altamente preconceituosas, tornam estes sujeitos presas fáceis dos agentes políticos demagogos, da ideologia do fascismo para agirem como milícias portadoras do ódio em relação aos grupos minoritários, fator que pode desestruturar e minar os regimes democráticos.

Assim, conhecer estes dados científicos realizados pelos estudos da equipe de Adorno proporcionam ao filósofo da teoria crítica fortes argumentos conceituais para a construção de uma resistência que não se limita aos muros da academia, mas que possa ganhar uma ação prática e efetiva na defesa das liberdades e da democracia, bem como da consciência de classe, daí a importância do estudo e do conhecimento estrutural da sociedade capitalista, para tanto usamos o método sob a visão do “*materialismo histórico.*”

A tarefa mais importante do materialismo histórico é formular um juízo preciso sobre a ordem social capitalista e desvelar a sua essência.” “O materialismo histórico não era é um fim em si mesmo, era um meio que permitia ao proletariado esclarecer uma situação e, nessa situação claramente conhecida, agir corretamente de acordo com sua situação de classe. (LUKÁCS, 2003, p.415)

Portanto, o conhecimento é a chave das transformações. Como afirma, em seus seminários, o professor José Paulo Netto, conhecer Marx é essencial para se compreender o capitalismo, mas não basta estudar somente Marx, necessitamos ampliar e articularmos os saberes, conhecer conceitos de outras ciências, somente assim, estaremos aptos para a transformação ou a revolução social.

A ênfase no estudo da psicanálise para compreendermos a mente preconceituosa e portadora de negações do pensamento e da ciência são essenciais, mas não podemos desvincular das questões socioeconômicas, sob o risco de adotarmos uma visão positivista e redutora, cujos sintomas dos comportamentos fascistas cairiam em uma concepção comportamental e estritamente individualizada, perdendo o seu componente histórico, social e econômico.

O décimo terceiro fator saliente do fascismo em Eco é o “*populismo qualitativo.*” Em nosso futuro desenha-se um populismo qualitativo de tv ou internet, no qual a resposta emocional de um grupo selecionado de cidadãos pode ser apresentada e aceita como a “*voz do povo.*” (ECO, 2019, p. 56)

Quando o líder autoritário e populista fala “*povo*”, entenda-se interesses das elites. A tese que defendemos é a de que Bolsonaro, através do fascismo personalizado e não de governo, exerce um ataque aos direitos e as garantias dos trabalhadores em nome da acumulação de capitais pelas elites do sistema financeiro globalizado. Assim, desregulamentam-se as normas trabalhistas e, ideologicamente, a justificativa é de que, em tempos de crise e de escassez de trabalho é preciso “*modernizar*” e “*desburocratizar*” as normas protetivas do trabalho para que o capital possa contratar mais trabalhadores. Nas entrelinhas os teóricos do neoliberalismo pensam e afirmam que as regras que defendem o trabalho “*atrapalham*” a contratação de mão de obra pelos empresários.

Alguns pontos da pesquisa de Adorno para identificar os sujeitos suscetíveis às motivações fascistas e que não encontram uma correspondência na obra de Umberto Eco são à “*submissão à autoridade*” e a “*superstição e estereotipia.*”

O tópico em destaque das investigações de Adorno é a submissão à autoridade. “*A submissão à autoridade, o desejo de um líder forte, a subserviência do indivíduo ao Estado*” (ADORNO, 2020, p. 141) é, segundo Adorno, um componente dos programas totalitários, nazismo e o fascismo.

Os sujeitos com alta pontuação nesta questão expressaram comportamentos de subjugação: “*A submissão autoritária foi concebida como uma atitude muito geral que seria evocada em relação a uma variedade de figuras de autoridade – pais, pessoas mais velhas, líderes, poder sobrenatural.*” (ADORNO, 2020, p. 141)

Desta forma, a análise psicológica deste tema da submissão expõe a personalidade destes sujeitos como carentes de uma internalização da autoridade. Estes indivíduos revelam um “*sentimento de ambivalência*” no tópico da autoridade, conflitam pulsões agressivas com as pulsões insurgentes aliadas ao componente do medo. Adorno frisa que “*a submissão autoritária por si só contribui em grande parte para o potencial antidemocrático ao tornar o*

indivíduo particularmente receptivo à manipulação pelos poderes externos mais fortes.”

(ADORNO, 2020, p. 141)

Logo, a agressividade reprimida contra a figura autoritária familiar é projetada nos *outgroups*, estes associados como portadores de “*ditadura, plutocracia, desejo de controle.*” Este potencial fascista estará bastante interligado ao próximo tema em destaque da pesquisa, a agressão autoritária.

Já o elemento com alta pontuação entre os entrevistados mais sugestionados ao fascismo está a “*superstição e estereotipia,*” a qual revela credos “místicos ou fantásticos”, retirando a historicidade das mãos do indivíduo para jogá-la no acaso e na fatalidade.

Este modo de enfrentar a vida anuncia a fixação aos preconceitos e a justificação dos fatos em uma redução simplista, este proceder afasta o que seja uma emotividade, uma empatia ao outro.

Aqui, mais uma vez, apenas a psicologia não resolve o problema pela concepção da clínica freudiana, mas exige a análise na totalidade dos contextos sociais e econômicos, pois o capitalismo nos ditames da divisão do trabalho e da lógica da mercadoria como fonte permanente da acumulação do capital, tornou os sujeitos em coisas negociáveis, em mercadorias.

Por conseguinte, os efeitos da *reificação* e da *alienação* tornam o indivíduo apartado da sua produção material e da sua singularidade, perde totalmente o controle sobre a sua vida, fato que o aproxima de uma sublimação pela superstição e pela crença de uma vida plena, somente após a sua morte, bom como uma conformidade com a ideologia das classes dominantes. Enfim, germinam sujeitos a-históricos e avessos às transformações sociais.

5.2 BOLSONARO E O SEU DESGOVERNO SÃO FASCISTAS?

Após avaliarmos os quatorze itens destacados pelo pensador Umberto Eco e os nove pontos em evidência na pesquisa de Adorno sobre a personalidade autoritária, precisamos responder ao questionamento proposto pela pesquisa – *Bolsonaro, como representante da extrema direita no Brasil, ele e o seu desgoverno são fascistas ou não?*

Referente ao questionamento sobre as ações do desgoverno e da camarilha de Bolsonaro serem de cunho nazifascista e se os seus métodos se equiparam as condições experimentadas e investigadas pela pensadora política Hannah Arendt, respondemos que, em parte, sim e, em outra, não.

Para elucidar estas interrogações necessitamos aprofundar o estudo sobre o que seja o fascismo, sua origem e os seus métodos. Chamamos ao estudo o jurista soviético Evguiéni Pachukanis, o qual, em sua obra – Fascismo⁶¹ – aborda em quatro artigos a temática do fascismo e a sua composição com as ferramentas de jurista e da filosofia crítica.

É preciso salientar que, nesta obra sobre o Fascismo, Pachukanis cita o Brasil para revelar as inconsistências, as contradições do capitalismo, eis que jogam fora ou queimam produtos, tudo para maximizarem-se a valorização de produtos na caça pelo aumento de lucros

Quando no Brasil jogam-se milhões de quilos de café no mar, em países coloniais como a Índia, a Indonésia e o Ceilão, suspende-se a colheita de chá, na ilha de Cuba extingue-se o estoque de açúcar (nos Estados Unidos, de modo absolutamente sério, coloca-se a questão: o que é mais lucrativo, alimentar as locomotivas com carvão ou com pão?) ... (PACHUKANIS, 2010, p. 84)

O primeiro artigo do jurista foi publicado em 1926, “*Para uma Caracterização de uma Ditadura Fascista.*” O autor caracteriza a ditadura de Mussolini como sendo “*uma ditadura dos grandes industriais e do capital financeiro*” (PACHUKANIS, 2020, p.14) Vejam, que naquela época, 1926, o capital financeiro já tendia a assumir o controle do capitalismo e, por consequência, o domínio dos desejos e dos costumes da classe dirigente.

Assim, a proposição que expomos durante a pesquisa, o fenômeno do fascismo emergir na sociedade brasileira, de nos defrontarmos diariamente com condutas do neofascismo, afirmamos que, apesar do alto grau ideológico negacionista, repugnante e reacionário para os intelectuais progressistas, defensores dos princípios republicanos e democráticos, todo este aparato de procedimentos, são uma forma das elites econômicas preservarem o seu poder diante das revoltas e organizações populares ante os sofrimentos com as explorações do capital sobre o trabalho. O fascismo se coloca como uma opção frente à perspectiva do comunismo.

A classe dominante lança mão de ações golpistas, violentas e de políticas de terror para ameaçar e conter uma possível ruptura social que extermine o modelo econômico da máxima obtenção de lucros pela transformação de tudo que possa gerar valor em mercadoria, estas riquezas são expropriadas da classe trabalhadora e acumuladas, na forma de capital, nas mãos das elites financeiras. Em termos mais específicos, o fascismo é uma reação direta ao potencial poder político, cultural e econômico das classes populares.

Segundo Pachukanis, uma das características do fascismo é o “*primitivismo*”, ou seja, a falta de uma doutrina que subsidie a forma e o conteúdo do Estado fascista. Há uma verdadeira aversão ao estudo e às referências filosóficas, sociológicas e políticas. Desta forma, muitos

⁶¹ Pachukanis, Evguiéni. Fascismo, ed. Boitempo, São Paulo, 2020.

elementos do fascismo foram imitados do comunismo, claro que em uma versão decaída, como o nome do partido de Hitler, Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães.

O pensador e filósofo italiano Umberto Eco, assim como Antonio Gramsci, sentiram na pele as agruras do fascismo e produziram um intenso material sobre o que seja o fascismo.

Eco também atribui ao fascismo uma fraqueza doutrinária: “*O fascismo italiano não tinha uma filosofia própria,*” “*Mussolini não tinha qualquer filosofia, tinha apenas uma retórica.*” (ECO, 2019, p.16).

“*O Fascismo italiano convenceu muitos líderes liberais europeus de que o novo regime estava realizando interessantes reformas sociais, capazes de fornecer uma alternativa moderadamente revolucionária à ameaça comunista*”.(ECO, 2019, p. 17)

Nestes termos, afirmamos que o modo de ser do desgoverno Bolsonaro se identifica, neste quesito, pois a falta de cultura e o empobrecimento verbal e intelectual dos “bolsonaristas” é evidente, o pensamento raso e simplista é a marca maior de todas as suas manifestações.⁶² Daí, a aversão ao diálogo, ao debate e a opção pelo misticismo alienante e exploratório, pela violência e o terror como formas de dominação ideológica dos seus seguidores, via postagens de fake news repletas de pós-verdades:

“*A principal força da propaganda bolsonarista, nem ao estilo alt-right norte americana, reside na utilização sem limites éticos ou jurídicos das redes sociais*” (CASARA, 2020, p.41)

“*Uma eleição, por exemplo, pode ser decidida a partir da manipulação da opinião pública (com fake news, distorções de notícias etc.)*” (CASARA, 2020, p. 42)

Quanto às observações realizadas pelo pensador crítico Casara, discordamos apenas no ponto referente à manipulação da opinião pública, pois como já expomos anteriormente, a nossa premissa é a de que os seguidores de Bolsonaro, a maior parte, não foi enganada pela propaganda ideológica da extrema direita, mas sim, apenas despertou e deu vazão a uma racionalidade recalcada, constituída pela formação do autoritarismo, do egoísmo e do racismo estrutural das elites brasileiras.

Logo, defendemos que *Bolsonaro é apenas o sintoma*, um personagem que encampou todos os preconceitos e negacionismos das elites e da classe média. Bolsonaro não foi eleito para governar, mas, apenas, para atacar e destruir o pensamento, todos os direitos das minorias e da classe trabalhadora. Portanto o “gado” encontrou uma porteira aberta pela extrema direita

⁶² A falta de doutrina também é vislumbrada na ausência de pensadores a dar sustentação ao governo Bolsonaro, eis que a sua principal fonte ideológica é uma pessoa negacionista, distante da filosofia e próxima do charlatanismo, apresenta-se com um astrólogo, usuário de linguagem chula e anticiência. Outro ideólogo, não menos embusteiro e criminoso, Steve Bannon, ex-estrategista de Trump, acusado de fraude na gestão de verbas da campanha de Trump, é um vigarista atrás de lucros fáceis na gestão de candidatos da extrema-direita.

a fim de atender uma demanda do sentimento de soberba e de orgulho da ignorância.

Assim, feliz a designação, deste pessoal, como sendo “o gado de Bolsonaro.” Esta alcunha foi utilizada pelo filho do presidente Carlos Bolsonaro em uma de suas publicações, sempre frases curtas e desconectas de um juízo crítico sustentado, disse ele na postagem: “Obrigado pela confiança no Presidente, gado.”⁶³

Umberto Eco elenca quatorze características do fascismo na obra já citada – Fascismo Eterno – A marca de Eco que se identifica ao “*primitivismo*” de Pathukanis é ser “*contrário à modernidade,*” eis que o fascismo de Mussolini e, hoje, o neofascismo, adotam uma postura contra a razão, uma eterna mágoa ao pensamento crítico do iluminismo. “*O iluminismo e a idade da razão eram vistos como o início da depravação moderna. Nesse sentido, o Ur-fascismo poder ser definido como ‘irracionalismo’.*” (ECO, 2019, p. 26)

Com estas conceituações dos autores acima, podemos constatar que o Bolsonarismo está de acordo com o primitivismo fascista, visto que o desarrazoado e estapafúrdio pensamento menor de Bolsonaro e dos seus sectários, dado o nível da linguagem, expressam uma mentalidade abaixo da mediocridade, extremamente carente de um vocabulário lógico, algo que espelha que odeiam o saber e sentem orgulho da ignorância.

Bolsonaro em uma de suas “lives” associou a contaminação da AIDS à vacina contra o Covid-19. Fato que revela o grau de idiotia em não conferir e disseminar as fake news produzidas pelo chamado “gabinete do ódio” comandado pelos seus filhos.

A aversão ao intelectual como uma peculiaridade do nazifascismo é tratada por Arend quando cita: “*A uniforme perseguição movida contra qualquer forma de atividade intelectual pelos novos líderes da massa deve-se a algo mais que o seu natural ressentimento contra tudo o que não podem compreender.*” (ARENDR, 2018, p. 473).

Esta elucidação do modo de ser fascista diante do pensamento intelectual nos ajuda a entender o rancor do bolsonarismo contra tudo que não conseguem alcançar cognitivamente, principalmente, advindo do meio da cultura erudita. Daí o corte nas verbas destinadas às universidades públicas e a pesquisa, eis que, para os negacionistas, a não adesão dos estabelecimentos de ensino à ideologia neofascista foi tomada como “um antro de esquerdistas comunistas”.⁶⁴

No quesito ideologia como instrumento de mistificação e oposição ao pensamento lógico e crítico utilizada pelo nazifascismo é esclarecido pela pensadora Hannah Arendt:

Ela escreve: “*A “ideia” de uma ideologia não é a essência eterna de Platão, vislumbrada pelos*

⁶³ Fonte: <https://www.brasil247.com/brasil/carlos-bolsonaro-chama-eleitores-e-apoiadores-de-bolsonaro-de-gado>

⁶⁴ Fonte: <https://revistacult.uol.com.br/home/universidade-punida-ideologia/>

olhos da mente, nem o princípio regulador da razão, de Kant, mas passa a ser instrumento de explicação.” (ARENDT, 2018, p.625)

Neste aspecto a mente fascista é destituída de crítica, eis que a explicação do pretenso líder, no caso Bolsonaro, não há uma exigência de uma confrontação com o real, basta ser enunciada e é tomada como verdade absoluta e que a tudo explica, desde o entendimento sobre os medicamentos contra a Covid-19 até às causas das queimadas na Amazonia e do aquecimento global. Dados da imprensa anotam que Bolsonaro profere em média quatro mentiras por dia, com mais de 1.682 falsidades ditas em um ano.⁶⁵

Seguindo essa linha de raciocínio de negação ao pensamento e a verdade dos fatos pelos fascistas, Pachukanis aponta que “*lugar de destaque na ideologia fascista ocupam o poder forte, a disciplina e a ordem.*” (PACHUKANIS, 2020, p. 34)

A questão do poder forte no Estado e no governo fascista, tal como foi o domínio de Mussolini e Hitler, não identificamos esta aptidão e capacidade de gerir um Estado potente pelo grupo da ultradireita de Bolsonaro. Como já realçamos, estas pessoas são destituídas de competência e inteligência para administrar qualquer coisa, principalmente um país continental como o Brasil. A missão de Bolsonaro é a destruição, a negação do Estado projetado pela constituição cidadã de 1988, a desconstrução das garantias e dos direitos da classe trabalhadora, tudo para acelerar a concentração de capitais.

Quanto a ser fascista, Bolsonaro, seus filhos e os gestores imediatos, respondemos que sim, mas no plano estritamente subjetivo. Das quatorze características, Bolsonaro e a sua facção no governo adotam a maioria das manifestações consideradas por Eco como de cunho fascista. O mesmo, podemos dizer, em referência aos elementos em destaque nos estudos de Adorno.

Isto posto, Jair Bolsonaro, seus filhos e os seus aliados diretos são totalmente identificados com a mentalidade fascista, ou melhor, neofascistas, eis que as práticas atuais divergem do fascismo inicial de Mussolini e do nazismo de Hitler. As justificativas, estamos a expressar desde o início do trabalho, a deficiência cognitiva, algo que não permite efetivar o desejo fascista personalista para a esfera pública, para a construção de um Estado forte e gerenciado de forma personalíssima pelo líder.

Bolsonaro apresenta uma formação voltada à idolatria da tradição, ao convencionalismo, Eis que se diz com a missão de *derrotar as esquerdas e o pensamento comunista*, fruto de uma mente estruturada pelo autoritarismo da caserna e pela negação do contraditório.

⁶⁵ Fonte: <https://www.istoedinheiro.com.br/bolsonaro-1682-mentiras-em-um-ano/>

Frisamos que o governo de Bolsonaro não segue os padrões de uma ditadura fascista de Estado e, o principal motivo, algo já salientado neste trabalho, é a substancial incapacidade cognitiva de Bolsonaro, não consegue estudar e entender as questões sociais e problemáticas medianas, o que dizer dos fatores que exigem um alto grau de planejamento, interpretação e de formulações propositivas complexas.

Algo que afasta Bolsonaro de ser um governo ou desgoverno orientado nas práticas fascistas é a sua obediência cega ao projeto do neoliberalismo, eis que este rejeita qualquer ideia de um Estado forte e protagonista, sob o comando de um único partido.

Desta forma, apenas no plano privado e ideológico ele marcha na cartilha do fascismo. Já na esfera pública, política e econômica, as suas práticas, são todas para favorecer o neoliberalismo e a acumulação do capital. Ora, um Estado forte e agente fomentador das principais linhas condutoras da sociedade, está longe da aptidão mental de Bolsonaro.

Como afirmamos no transcórre da exposição da pesquisa, *ele não foi eleito para governar*, todos sabiam da sua ignorância e da sua falta de erudição. O Estado não está aparelhado com um programa delineado no fascismo, pois todos os seus assessores diretos, os militares, os pastores, sem exceção, padecem dos mesmos atributos de Bolsonaro, uma completa falta de inteligência e habilidades para gerenciar um movimento com um mínimo de logicidade. Assim, o que se percebe, é que o governo de Bolsonaro é regido pela imobilidade.

O bolsonarismo pode ser definido como um sistema de pensamento paranoico, em que certezas delirantes como o terraplanismo, o marxismo cultural e o complô comunista se misturam com senso comum, preconceitos e xingamentos para justificar e reforçar a ignorância e o culto à violência dos seus discípulos e seguidores.
(CASARA, 2020, p. 65)

Bolsonaro, como afirmou no título da sua obra, o pensador Rubens Casara, é apenas um sintoma. Consideramos que a sua afirmação como político oriundo da ralé se deu em um despertar dessas características arraigadas na alma das elites e da classe média. A sociedade brasileira está consolidada, erigida, em bases autoritárias, machistas, conservadoras, escravistas, individualistas, egoístas, irracionais, desrespeitosas com as normas e as instituições republicanas e democráticas.

Como afirmamos durante a exposição desta pesquisa, *o seu projeto é a agressão às esquerdas, às minorias e aos direitos e garantias dos trabalhadores, bem como acelerar a destruturação do Estado e das riquezas da Nação via concentração do capital nas mãos das elites globalizadas*. Bolsonaro e os seus escolhidos para integrarem o seu desgoverno, todos eles, fascistas de espírito e, não é a pátria a sua amada maior, eles desejam se locupletar nos

cargos e nas verbas públicas, exercendo o que sabem melhor, a subserviência às elites brasileiras e ao neocapitalismo no plano internacional.

Não por acaso, Bolsonaro elegeu Paulo Guedes o seu “superministro”, este um expert em negociações e especulações no mercado financeiro global.

5.3 A RACIONALIDADE NEOLIBERAL

No trajeto deste trabalho atestamos várias referências ao neoliberalismo, mas precisamos explicitá-lo na ótica da filosofia crítica, eis que é mais que um sistema econômico, pois a ordenação capitalista usa de todas as armas técnicas e ideológicas a fim de mascarar a sua essência, a exploração do trabalhador e a eterna acumulação de capital.

A Racionalidade neoliberal é estudada pelos pensadores críticos e desmistificadores deste modelo, o qual está a impregnar as subjetividades de forma globalizada. Assim, trabalharemos os conceitos de Pierre Dardot e Christian Laval, autores da obra – *A Nova Razão do Mundo, Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal* – editora Boitempo, São Paulo, 2018.

Os autores são a expressão da excelência do pensamento crítico. Pensam a concretude da vida com as ferramentas da filosofia crítica a fim de contribuírem para as transformações socioeconômicas. Estudam o tema que está a provocar uma nova mentalidade, fruto de uma repaginação no modo de produção capitalista.

Este fenômeno não se reduz apenas as questões da economia, as políticas neoliberais, mas é algo que afeta a subjetividade dos sujeitos, fatores que se insuflaram em uma nova lógica social e estão a engendrarem pessoas que se encaram como uma empresa, agem e pensam como um ser movido apenas pelos seus interesses imediatos, um tipo de homem econômico, individualista, egoísta e extremamente calculista. não estamos diante de uma nova produção ideológica, mas da germinação de uma nova racionalidade.

Assim, segundo os autores, estamos diante de um ser, não mais instigado pela moral cristã, virtuoso, mas transita na moral e na imoralidade sem nenhuma dificuldade que abale a sua ética da maximização da satisfação dos seus interesses particulares. Nesta perspectiva, o outro é apenas um meio de realização das suas ambições.

Para situarmos a timeline do neoliberalismo, apontamos o final dos anos 70, inicia-se no Chile, nas experiências advindas da escola de Chicago, sob a ditadura facínora de Pinochet. E quem esteve por lá? nada menos que o megaespeculador dos mercados financeiros, Paulo Guedes, atual “superministro” de Bolsonaro, foi um estagiário de Pinochet. Nada a estranhar este ser que nunca trabalhou ou escreveu um livro, enriqueceu agiotando nas bolsas de valores

globalizadas. Recentemente apurou-se que é dono de offshore em paraísos fiscais⁶⁶.

Guedes é proprietário de oito milhões de dólares e ganha fortunas sem mexer um dedo a cada alta do dólar no mercado interno brasileiro, e quem controla essas políticas vinculadas ao dólar? Paulo Guedes e o Presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, outro que também é dono de offshore em paraísos fiscais. Logo, eles gerenciam, não a economia do país, mas os seus próprios interesses. Guedes, também é investigado no Tribunal de Contas da União sobre possíveis fraudes nos fundos de pensões⁶⁷.

O neocapitalismo, precisamente nas décadas de 80, 90, impulsionou uma virada no modo de conduzir a economia. As figuras políticas nessa reordenação foram Reagan e Thatcher, abriam-se as portas à globalização e a financeirização da economia.

Estes fatos viabilizavam a formação não apenas de uma otimização do liberalismo, não era apenas uma política de governos, com normas e legislações a sustentar a concentração de capitais, mas a gestação de uma nova sociedade, uma nova subjetividade e uma nova racionalidade.

Assim, estamos diante de uma sociedade em que a economia está imbricada no corpo social e na cultura, uma racionalidade que extrapola as relações econômicas, insere-se nas subjetividades e em todas as relações sociais.

Dardot e Laval apontam duas propriedades – nesta racionalidade neoliberal:

1. todas as relações sociais são regidas pelo princípio da *concorrência* – o sujeito precisa ser competitivo –
2. passa a operar nos sujeitos um *modo de agir como uma empresa*, indivíduos empreendedores de si mesmo, algo que Foucault já tinha trabalhado em sua biopolítica – o ser passa a tratar-se como uma forma de acumular valor – a autovalorização de si mesmo.

Há muito se usa o conceito de capital humano no meio intelectual, eis que assim como nas universidades, nós acumulamos créditos, algo que poderá ser altamente lucrativo em nossas formações visando ao mercado de trabalho e a promoção pessoal.

Citamos aqui, que o preceito da concorrência está normatizado pelo Estado, é a ordem liberal – logo, perpassa a atividade legislativa, o Estado está a forjar um sujeito individualista, mercadológico na sua essência. Portanto, com esta atuação primordial do estamento estatal em forjar essa nova mentalidade, afasta-se a ideia de um Estado mínimo, apenas justificado pelos

⁶⁶ <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/economia/paulo-guedes-lucra-r-14-mil-por-dia-como-ministro-com-offshore-1.700975>

⁶⁷ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/04/tcu-investiga-negocios-de-guedes-com-fundos-de-pensao.shtml>

intelectuais orgânicos das classes dominantes. No mundo real o Estado está a gerir e abrir os caminhos para a acumulação do capital.

Por certo que o projeto neoliberal está globalizado, foi incrementado em cada país de acordo com as suas especificidades, mas, em geral, aplicam-se as eliminações de restrições de normas, exigências jurídicas e políticas institucionais, a fim de liberar as relações entre capital e trabalho e objetivar a aceleração da acumulação de capitais.

“Por isso é necessário um ‘Estado forte’, capaz de resistir a todos os grupos de pressão, livre dos dogmas ‘machesterianos’ do Estado mínimo.” (DARDOT, 2018, LAVAL, p.114)

O neoliberalismo é uma racionalidade que associa aspectos particulares, embora conduzida pelo Estado, este se transforma para atender aos interesses desta nova racionalidade. O Estado tem a forma e a função de generalizar o funcionamento da concorrência. O espírito da empresa privada passa a ser adotado nas gestões públicas, em todas as suas instituições.

Nesta perspectiva, o Estado abandona os princípios da solidariedade, da coesão social, de promotor do bem-estar público, passa a ser um agente da transformação social e dos indivíduos atomizados, adota-se uma nova subjetividade capitalista e os sujeitos não precisam de mais de uma repressão ou vigilância constante, eis que adotam por moto próprio o senso da concorrência, do individualismo e a procura pelo lucro a qualquer preço no mercado.

Na França, quando os franceses elegeram o presidente Macron, ele falava na superação das diferenças entre direita e esquerda, sair do velho mundo para chegar ao novo mundo, ele escreveu um livro chamado – Revolução – ou seja, um período do aprimoramento da implementação da mentalidade neoliberal na França, objetivando a transformação do Estado e dos sujeitos – Macron utilizou o termo revolução cultural – os sujeitos, pelas ações do Estado e da razão neoliberal passam a ser empreendedores, inovadores, abandonam a sua constituição como pessoa física e adotam uma configuração de pessoa jurídica.

No âmbito do Estado desenvolvem-se o chamado *“tripé macroeconômico”* do neoliberalismo, políticas monetaristas de câmbio flutuante, superavit primário e controle da inflação.

O *“tripé macroeconômico”* liberal implantado no Brasil em 1999 é apenas semelhante ao novo-desenvolvimentismo quando defende um superavit primário e, portanto, responsabilidade fiscal. Meta de inflação significa para esse regime macroeconômico um nível elevado da taxa de juros, e câmbio flutuante, uma taxa de câmbio cronicamente sobreapreciada, elevados déficits em conta corrente, e, portanto, irresponsabilidade cambial. (PEREIRA, 2013, p. 3)

Esta nova razão impõe ao Estado adotar políticas fiscais desiguais, desregulações de normas protetivas do trabalho, sempre a beneficiarem as elites financeiras, aos grandes conglomerados, as classes dominantes e os seus grupos globalizados a catar vantagens em todas

as partes do mundo, aprofundando as desigualdades sociais nos países periféricos e patrocinando governos autoritários e neofascistas.

Dardot e Laval indicam que houve resistências, na França, contrariaram e denunciaram o sistema. No campo religioso, a igreja católica; na política, o espírito republicano, os socialistas, intelectuais da filosofia, da sociologia; no sistema escolar, que sempre primou por subsídios à educação para formar cidadãos orientados para a solidariedade e a capacidade de retornar conhecimentos em prol das suas comunidades.

A nova lógica do neoliberalismo visa quebrar, a romper com todas as defesas da promoção de políticas públicas em prol dos coletivos que sofrem as consequências da concentração e da acumulação do capital, as quais instituem profundas desigualdades sociais. Não há investimentos culturais e educacionais, algo que a sociedade até então tinha, minimamente, mantido sob o manto do Estado de bem-estar social.

Agora, com este novo Estado e sociedade, ganham uma marca do autoritarismo e do neofascismo, pois inicia-se o desmonte do Estado e das políticas sociais protetivas e inclusivas.

Em vários países, principalmente, aqui no Brasil, várias reformas na lei ordinária e na Constituição, as quais, em nome de uma pretensa modernização, acabam com as garantias e as normas protetoras trabalhistas.

A democracia passa a ser minimizada e, hoje, estamos a assistir uma democracia e os princípios republicanos sendo ameaçados sob o governo da extrema direita, é o momento fascista do neoliberalismo a impor a pós-democracia no mundo.

O neoliberalismo sempre foi avesso as pretensões de uma democracia participativa popular, a soberania popular é vista como ameaçadora aos interesses da acumulação de capitais.

Na nova racionalidade do capitalismo, impera as políticas de exclusão, eis que as classes populares estão fora da nova ordem da concorrência e são acionadas apenas como legitimadoras do sistema de produção de valor e para manter a farsa da legitimação das elites nas eleições financiadas pelos conglomerados financeiros.

A democracia para as classes dominantes é boa apenas para elegermos os representantes, os quais, por óbvio, estão amancebados com o capital. Os modelos de democracia atuam apenas no plano procedimental, atem-se ao formalismo e encaram as classes populares como fonte ameaçadora na escolha dos seus representantes, jamais permitem formarmos uma intelectualidade orgânica, bem como uma eleição dos legítimos delegados oriundos da classe popular no parlamento e nos conselhos que estabelecem as diretrizes orçamentárias e as políticas públicas.

Na democracia representativa, impera as mesmas leis da mercadoria, ou seja, somos consumidores a optarmos pela melhor propaganda do produto político, zero de conteúdo programáticos e de políticas que visem a superação das desigualdades sociais.

O mote político sedutor das elites e da classe média é a corrupção no Estado, mas esquecem que elas mesmas são os agentes corruptores na busca de prioridades nas vantagens com as negociatas com os agentes públicos, no restante, deve reinar uma apatia pela política e pela participação cidadã.

“Todo dia ela faz tudo sempre igual/ Me sacode às seis horas da manhã/ Me sorri um sorriso pontual/ E me beija com a boca de hortelã/...Todo dia eu só penso em poder parar? Meio-dia eu só penso em dizer não/ Depois penso na vida pra levar/ E me calo com a boca de feijão” (BUARQUE, 1971)⁶⁸

Deste modo, germina-se o sujeito apolítico e massificado, alguém que não ousa pensar diferente e propor um novo modelo social, eis que trata os seus pares como competidores, isola-se e descarta a solidariedade, bem como as soluções coletivas, pois está impregnado de uma racionalidade de valorização egocêntrica, atua pela preservação dos seus interesses privados, busca o lucro e a valorização pessoal, vê-se como uma empresa a gerar ganhos e a evitar perdas.

Nesta visão de mundo, o estudo e o conhecimento são apenas instrumentos ao alpinismo social. as questões nunca são sociais, mas reduzidas à individualidade. Não somos produtos do meio, e qualquer ingerência na precarização da vida, do aumento das desigualdades sociais, tudo é consequência do empreendedorismo pessoal, ou seja, se somos bem-sucedidos é pelo nosso mérito e esperteza. Caso estejamos excluídos do mercado consumidor, desempregados e sem capacidade de manter uma subsistência, este fracasso também é particularizado.

Assim, devemos agradecer em nos submetemos ao *privilégio da servidão* – livro do prof. Ricardo Antunes – vida sem dignidade, mas empregado para garantir uma mínima sobrevivência na ponta de baixo, já na classe média e na elite, uma eterna tesão pela acumulação material, nada de desenvolvimento dos potenciais humanos, pois tudo vira mercadoria para se consumir e descartar.

Portanto, a sociedade, as instituições da república e a classe política, em sintonia com a nova razão neoliberal estão a desregular as normas limitadoras do mercado.

Os ataques contra os direitos e as garantias nas relações de trabalho visam subtrair os salários, precarizar a organização sindical e instituir a competição entre os trabalhadores.

⁶⁸ A letra e a música do compositor Chico Buarque, Cotidiano, expressa a rotina do trabalhador, eis que não trabalha para viver, mas vive para trabalhar.

Diante das incapacidades do sistema em gerar trabalho para todos, a minoria que consegue uma vaga, enxerga em seu colega, não um parceiro de classe e lutas, mas um possível adversário a ser eliminado na concorrência da vaga de trabalho. Esta mecânica, aliada a intensificação da produtividade ⁶⁹ pela tecnologia, pela era digital do trabalho, acelera a acumulação do capital e fragiliza a classe trabalhadora e os seus sindicatos.

As desigualdades sociais, a pobreza e a fome são a dura realidade da maioria da população brasileira. Fato em que 6 famílias no Brasil possuem mais renda do que 100 milhões de trabalhadores. Os 5% mais ricos detêm a mesma renda dos outros 95%. dados da Oxfam⁷⁰.

Há algo de podre neste reino da mercadoria, uma lógica que não serve aos interesses da humanidade, da dignidade e do valor trabalho como fonte de realização dos potenciais e das virtudes humanas. Estamos a nos satisfazer com a banalização da mediocridade, perdemos a capacidade de indignação, de sonhar, de pensar em utopias e ideais que promovam a valorização da vida e a emancipação da humanidade.

Compreendemos o porquê as elites financeiras escolheram Pinochet para realizar um experimento da razão neoliberal na América Latina na década de 70. Pinochet estava sobe as ordens do mercado livre e de um Estado servil as propensões do capital, mas militarizado e ditatorial a fim de garantir a nova ordem social do capital.

A dita alta sociedade e uma classe média identificada com os ideais das elites, ambas, sustentam as políticas autoritárias na América Latina. Não percebem que tecem a corda que as sufoca, pois, a racionalidade neoliberal em ação, está a pauperizar a classe média e jogá-la no mundo das classes pobres, mas em nenhum momento se veem como pertencente a camada social dos trabalhadores, embora também tenham que vender a sua força trabalho, geralmente, um trabalho não manual, mas operando no esforço mental. Sente frisson em ser um gerente, um contratado das classes no poder, incorpora o capitão do mato das elites a fim de comandar e a exigir uma continua ampliação da produção, mesmo em sacrifício da saúde física e mental.

A propensão da tendência antidemocrática da razão neoliberal está a apostar em governos avessos aos ideais da república, da democracia, e de poder como soberania do povo, logo entramos em um mundo da pós-democracia. Os ideais da democracia como exercício da cidadania são exterminados para liberarem a acumulação de capitais via mercado livre, leve e solto.

Rubens Casara, juiz e intelectual, em sua obra *Estado pós-democrático: Neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*, elucida bem o conceito de pós-democracia.

⁶⁹ Mais Valia absoluta.

⁷⁰ <https://www.oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/a-distancia-que-nos-une/>

Segundo o autor, as elites não contentes na metamorfose da democracia em mercadoria, agora estão a gestar a sua limitação máxima, eis que as políticas do estado de bem-estar social, as políticas que visam a redução das desigualdades sociais impedem a incrementação dos lucros e a livre circulação dos capitais. faz-se necessário descartar as regulações de proteção social, principalmente as normas trabalhistas, previdenciárias, administrativas e tributárias.

Certo que a pós-democracia está se configurando como uma realidade global. O reconhecimento e a aproximação entre o poder econômico e o poder político, Estado a manufaturar mentes e subjetividades, neste teatro dantesco, ninguém assume o trono sem a benção do capital.

Assim, a nova racionalidade operada pelas classes dominantes e o Estado, jogam no cassino das fraudes, efetivando os saques nas riquezas naturais, bem como implementando uma apropriação dos bens e serviços produzidos pelas classes trabalhadoras. Emerge o cotidiano das especulações financeiras com a moeda/trabalhador, surge o dilema – resistir ou conformar-se, uma vez que a razão histórica da emancipação humana perdeu a sua causa, caso contrário, na tentativa de insubordinar-se, o sujeito se torna dispensável. Necessária a tomada de consciência e a luta coletiva para a emancipação da classe trabalhadora.

À vista disso, os indesejados pelo capital, segundo a sua lógica, as classes populares e trabalhadoras devem limitarem-se a entrar na dança da racionalidade neoliberal e jamais ambicionarem o poder ou tecer reivindicações nas relações entre trabalho e capital.

Neste aspecto, o Estado liberal burguês, além de guarda noturno do capital, conceito de Gramsci sobre o Estado a serviço das elites financeiras, passa a operar na formação de uma nova subjetividade, esta regulada pela competição e o sujeito - empresa de si – deixamos de ser trabalhadores, agora somos “*colaboradores*” e acionistas da empresa.

Diante disso, o desejo do empregador será o meu desejo. Estamos todos submetidos aos ditames da lei de mercado, ela poderá nos querer, eis que deixamos de ser sujeito para nos tornarmos predicado da mercadoria.

Nesta nova razão do mundo derrogam-se os valores éticos, jurídicos e democráticos. Os direitos fundamentais que foram erigidos após a segunda guerra mundial, serviam de limitadores à barbárie e aos abusos de poder, mas agora, são identificados pelo neoliberalismo como embaraços à prosperidade do mercado.

A maximização dos lucros deve se intensificar e o Estado fica como ‘guarda noturno’ na missão de eliminar os inconvenientes que esboçam alguma revolta e pensamento diverso da nova mentalidade. A pena capital é ficar fora do mercado de trabalho e do mundo mercantil de consumo.

Os governos autoritários com feições neofascistas, Trump, Victor Orban, Bolsonaro, neles temos as políticas neoliberais, a desregulamentação financeira, a desregulamentação das normas protetivas do meio ambiente, as medidas fiscais favoráveis aos mais ricos, bem como a destruição dos Projetos de Nação.

As medidas extremadas, face a lei do mais forte, tornam as relações comerciais mais agressivas, as quais inviabilizam e desprestigiam as ideias de uma cooperação internacional e de uma maior assistência aos povos e nações espoliados nas mãos das ditaduras sanguinárias, populações inteiras são forçadas a deixarem a sua terra natal para vagarem pelo mundo na cata de um país com boa vontade para acolhê-los e integrá-los em suas culturas, mas, regra geral, são usados como mão de obra barata, sempre vistos como párias.

A razão neoliberal jamais descarta a solução pela força e pelas armas, desde que as classes pauperizadas não despertem e comecem a organização de uma resistência.

Impossível que 95% da população fique submetida a uma lógica que tenta travar a história e que atenda apenas aos interesses de 5%. Um Estado militarista e policialesco, sob a doutrina da segurança nacional, sempre será abençoado pelo neoliberalismo. As ditaduras militares e as políticas neofascistas sempre são uma carta na manga do poder neoliberal.

Após esta breve explanação do que seja o neoliberalismo e a sua nova razão, retornamos a examinar as questões das reformas impulsionadas pelo capital e a sua nascente mentalidade.

As manobras políticas, desde o governo golpista de Michel Temer, são para acelerar as ditas “reformas” trabalhista, previdenciária, administrativa e tributária. Bolsonaro, assim como Temer, associaram-se aos políticos do “centrão” para evitar o andamento dos pedidos de impeachment. Estão parados para análise do presidente da Câmara dos Deputados, Artur Lira, mais de 140 pedidos de impeachment. Certamente não irão prosperar, eis que Lira é aliado de Bolsonaro e administrando o milionário “orçamento secreto”⁷¹ não tem interesse em movimentar os processos de impedimento do presidente.

A Reforma Administrativa visa “combater os privilégios” do serviço público e através de uma PEC, proposta de emenda constitucional, poderá alterar a prestação de serviços essenciais à população. O Governo não busca eficiência e qualidade na gestão pública, mas sim, um desmonte do serviço público com flexibilizações, serviços terceirizados, fim da

⁷¹ Orçamento secreto, instrumento de manobra e sustentação do governo Bolsonaro. Verbas públicas são destinadas aos deputados e senadores que apoiam Bolsonaro, não há critérios na distribuição das verbas e nem transparência. A pedido dos partidos de oposição a Ministra Rosa Weber mandou suspender as emendas que beneficiam os políticos e Bolsonaro. A Polícia Federal encaminhou pedido ao STF para investigar as manobras deste orçamento secreto e clandestino. <https://www.istoedinheiro.com.br/pf-pede-ao-supremo-abertura-de-inquerito-para-apurar-orcamento-secreto/>

estabilidade, possibilidades de o governo extinguir cargos e funções de acordo com os interesses dos gestores de plantão. Em síntese, o que se propõe é o fim dos serviços públicos, principalmente os essenciais, como água, saneamento básico, saúde e energia elétrica.

Assim, Bolsonaro implantará de vez a racionalidade neoliberal e a abertura para as privatizações das principais empresas públicas brasileiras, a Petrobras, a Eletrobras e a Caixa Econômica Federal a estão na mira das negociatas. Todos os serviços ficarão nas mãos dos empresários, os quais compram as empresas por preços subfaturados e passam a impor tarifas para aumentarem os seus lucros. Não há preocupação com a qualidade e a ampliação dos serviços, principalmente nas comunidades da periferia dos grandes centros urbanos.

A terceirização dos serviços serve para as manobras de negociatas com os empresários financiadores das campanhas políticas. Já, o fim da estabilidade dos servidores públicos visa acabar com os concursos públicos e a segurança e a independência dos servidores, pois estarão reféns dos gestores de plantão, caso não comunguem das práticas nocivas e que lesam as verbas públicas, estarão sujeitos a serem dispensados. É o modo miliciano de gerenciar através da privatização do Estado e a legalização das exclusões, da pobreza e da fome da imensa maioria do povo brasileiro, algo que torna facilita a adesão a nova razão liberal, pois ter um emprego, mesmo que precário e exploratório, ainda será uma fonte mínima para garantir a subsistência.

Quanto à Reforma Tributária, segundo a análise da economista Maria Lucia Fattorelli,⁷² a qual realiza um trabalho de excelência através do seu canal “*Auditoria Cidadã*.” A economista atribui a carga tributária do Brasil “*como uma das mais injustas do mundo*.” (FATTORELLI, 2020), mas a pretensa simplificação dos tributos efetivada pela reforma, nada mais é do que a transferência do dinheiro público ao mercado financeiro.

Outro objetivo de diminuir ou extinguir o pagamento de imposto dos empresários e deixando toda a carga tributária sobre o consumo, o que eleva os preços dos produtos e deixa nas costas dos trabalhadores a maior parte dos impostos. Os trabalhadores, estes, na real, os únicos que pagam imposto no Brasil, pois os ricos não sofrem tributação sobre os lucros e dividendos auferidos mediante a exploração do trabalho e as especulações nas bolsas de valores.

A lógica perversa na administração dos tributos é de que o governo arrecada muito e dá um retorno pífio em serviços públicos à população. A maior parte da arrecadação e das receitas públicas destinam-se ao sistema financeiro para a amortização da dívida pública. Os juros que o governo paga pelo serviço de rolagem da dívida são os maiores do mundo e, mesmo assim, o governo não esboça nenhum interesse em renegociar ou, o mais justo e correto, seria auditar

⁷² <https://auditoriacidada.org.br/conteudo/qual-reforma-tributaria-queremos-por-maria-lucia-fattorelli/>

esta dívida gigantesca e sem fim, pois certamente, face aos juros altíssimos, a dívida já foi paga, mas continua a sangrar quase a metade do orçamento público, fato que deixa a população trabalhadora na precariedade dos serviços públicos.

Segundo Fattorelli as isenções tributárias no Brasil “*são absurdas*”, pois “*quem tem carro paga os seus tributos, mas quem tem jatos e iates não pagam imposto.*” (FATTORELLI, 2020) Esta lógica serve ao neoliberalismo, eis que acelera a concentração de renda e aumenta as desigualdades sociais.

Para a estudiosa da dívida pública brasileira: “*O centro da questão está no enfrentamento da matriz tributária, ou seja, a incidência sobre as principais bases tributadas: consumo, renda e patrimônio.*” (FATTORELLI, 2020)⁷³ Ela continua em sua análise:

Essas questões preliminares visam apoiar a análise das propostas de reforma tributária em andamento no Congresso Nacional e verificar se elas caminham no sentido de corrigir distorções e promover maior distribuição de renda, ou o inverso: estariam agravando ainda mais as desigualdades sociais e a concentração de renda e riqueza no Brasil.⁷⁴

Conforme dados da ONU ⁷⁵ o Brasil revela-se como o segundo país com mais concentração de renda do planeta. Fattorelli identifica as causas das desigualdades sociais no modelo econômico adotado pelo Brasil: “*A concentração de renda e a consequente desigualdade social existente na 9ª maior economia mundial, ao mesmo tempo 79º IDH do mundo, não é obra do acaso, mas decorre do modelo econômico projetado para isso.*” (FATTORELLI, 2020)

Há diversos modelos de tributação e a base poderá ser sobre o patrimônio, os ganhos financeiros, renda ou consumo.

O Brasil adota o sistema perverso de tributar em cima do consumo. Logo, o trabalhador ao comprar um pacote de macarrão paga o mesmo imposto que o capitalista, mas o comprometimento nas rendas é inversamente proporcional. Com Bolsonaro, temos a política do Robin Hood ao avesso, afana o pobre para dar aos ricos.

Conforme a economista:

Esse tipo de tributação é considerado ruim, porque não obedece ao princípio da capacidade contributiva, ou seja, ao tributar um pacote de macarrão por exemplo, o milionário e o mendigo que comprarem aquele macarrão irão pagar o mesmo tributo embutido no preço do produto, independentemente da imensa disparidade da capacidade contributiva de cada um. (FATTORELLI, 2020)

⁷³ <https://auditoriacidada.org.br/conteudo/qual-reforma-tributaria-queremos-por-maria-lucia-fattorelli/>

⁷⁴ <https://auditoriacidada.org.br/conteudo/qual-reforma-tributaria-queremos-por-maria-lucia-fattorelli/>

⁷⁵ Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/09/brasil-tem-segunda-maior-concentracao-de-renda-do-mundo-diz-relatorio-da-onu.ghtml>

A Constituição tem previsão de cobrar imposto sobre as grandes fortunas, mas nada ocorreu para que fosse regulamentado. Outra regalia concedida aos grandes especuladores do sistema financeiro é a isenção de lucros repassados aos sócios. Apenas dois países praticam essa servidão ao capital, Brasil e Estônia.

As facilidades ao capital, isenção na remessa de lucros ao exterior, isenções sobre as exportações, contrastam com a alta carga tributária imposta ao trabalhador. Nada a estranhar, pois a missão de Bolsonaro é resguardar os interesses do neoliberalismo e submeter a população à fome, miséria e desemprego.

Quando Bolsonaro e os seus políticos do centrão falam em povo, podemos ouvir com a crítica de que: “*O povo é, assim, uma ficção teatral.*” (ECO, 2019, p. 56)

E para completar o quadro das quatorze características nomeadas por Eco, chegamos ao último quadro fascista, qual seja, um *vocabulário extremamente raso*, algo que explica a deficiência cognitiva e o desprezo pelo estudo, pela leitura e a compreensão de situações complexas.

“*Todos os textos escolares nazistas ou fascistas se baseavam em um léxico pobre e em uma sintaxe elementar, com o fim de limitar os instrumentos para um raciocínio complexo e crítico.*” (ECO, 2019, p. 58).

Como já salientamos anteriormente, a baixa capacidade cognitiva de Bolsonaro não surpreende a ninguém, nem a ele mesmo, que se reconhece um tosco, mas diz ser sincero e “falar a língua do povo.” Desta maneira ele sempre foge dos questionamentos elaborados, pois não compreende, principalmente as questões econômicas, ele diz: “pergunta ao Paulo Guedes.”⁷⁶

Bolsonaro ao falar de improviso repete um vocabulário curto, rústico e agressivo. Seu melhor lugar é entre os seus adeptos no “*cercadinho*,” na frente do Palácio da Alvorada. Pode proferir as piores mentiras e palavras de baixo calão que é saudado como mito. Há uma identificação entre líder e seguidores, um orgulho e exaltação da ignorância.

Analisada a obra de Adorno, “*Estudos sobre a personalidade fascista*,” podemos compreender que o fenômeno social do fascismo não se resume no diagnóstico e tratamento da conflitualidade dos indivíduos, eis que elas reproduzem nas subjetividades as contradições da sociedade da acumulação de capital, expressam a permanente luta de classes entre donos dos meios de produção e a classe submetida à exploração e obrigada a vender a sua força de trabalho a fim de garantir um mínimo de subsistência.

⁷⁶ Ministro da Economia de Bolsonaro. Nunca trabalhou na vida e enriqueceu como especulador nos mercados financeiros.

Diante deste quadro histórico e social, urge a necessidade de uma confluência de saberes para darmos conta de um poder que está sendo gestado, a mentalidade e o Estado fascista. O enfrentamento e a resistência do fenômeno começa pela compreensão da sua dinâmica na totalidade das suas causas formadoras e dos seus elementos em manifestações nas subjetividades mais afeitas ao modo de visão do mundo sob o domínio do autoritarismo, da negação do pensamento e das ações solidárias e coletivas.

5.4 AS CONDIÇÕES HISTÓRICAS DO FASCISMO

Hannah Arendt abre a parte III do seu livro, *Origens do totalitarismo*, com o questionamento de como foi possível um movimento de terror do nazismo obter o apoio das massas para impor políticas militaristas, racistas e de destruição da vida humana.

As políticas de ódio implantadas pelo regime totalitário de Hitler, o qual causou milhões de mortes e vítimas perseguidas, como tais fatos puderam ocorrer? Qualquer análise necessita percorrer um caminho para além da banalidade do mal.

Arendt, Hannah, em sua obra: “Eichmann em Jerusalém, conceitua a banalidade do mal através da figura patética do nazista assumido Eichmann, julgado e condenado em Jerusalém. Segundo a autora: “*O problema com Eichmann é que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais.*” (ARENDR, 2013, p.166)

Assim, pessoas ditas comuns na sociedade caracterizam-se por uma vida vazia, ligam-se em explicações sem nexos sobre a vida e as demais relações humanas e, nesta perspectiva ideológica e psíquica, são capazes das maiores atrocidades sem sofrer qualquer abalo de consciência ou moral. Tipo dos nazistas, fascistas e dos torturadores, eis que após passarem o dia ou a noite torturando, chegam em casa, beijam a mulher e os filhos e passa a tecer comentários banais sobre o seu dia de “trabalho”. Este é o caso dos bolsonaristas de hoje, em plena pandemia, com mais de seiscentas mil mortes, satirizam a morte e tentam justificar as ações genocidas do seu líder inexpressivo e sem a mínima capacidade cognitiva de gerenciar algo. É a exaltação e o orgulho da ignorância em desprezo pela ciência e ao pensamento crítico reflexivo.

Guardadas as proporções das políticas de assolamento dos regimes nazifascistas, o neofascismo da nossa época, século XXI, ano de 2021, opera uma das indagações principais da presente pesquisa, pois os métodos e práticas analisados por Hannah Arendt, as condições sociais e históricas para a implementação do totalitarismo nazista serão as mesmas do período

em que vivemos atualmente? Precisamos de subsídios conceituais psicanalíticos a juntarem-se aos conhecimentos filosóficos, econômicos e sociológicos?

As condições pré-totalitárias que favoreceram o apoio das massas ao regime totalitário nazista, uma Alemanha derrotada na primeira guerra mundial, crise econômica e o povo sem perspectivas de um futuro, “*a transformação das classes em massas e a concomitantemente eliminação da solidariedade grupal, são condições sine qua non do domínio total.*” (ARENDR, 2012, p. 424).

O conceito de massa é fundamental para compreendermos a formação de um terreno fértil para o surgimento dos regimes totalitários. A formação das massas tem as suas origens no desenvolvimento do imperialismo, tornou-se exacerbada com o capitalismo, principalmente nos países emergentes, pois caracteriza-se em ser uma sociedade antagônica de classes e espoliativa nas relações entre capital e trabalho.

De um lado, uma minoria que é proprietária do capital e dos meios de produção e, do outro lado, a imensa maioria da população, os proletários, que só podem oferecer a sua mão de obra, a força de trabalho como mercadoria em troca da subsistência.

No Brasil, como já salientamos anteriormente, os estudos da Oxfam apontam que as seis famílias mais ricas detêm uma renda equivalente aos 100 milhões dos mais pobres. Os dados também indicam que 5% dos ricos possuem a mesma proporção de renda do que os 95% da população.⁷⁷

Diante destes elementos, verifica-se que o modelo neocapitalista não serve para a maioria das populações e não há nada a remediar, o sistema funciona e opera nesta lógica de concentração de riquezas em mãos de uma minoria.

Não há nenhum julgamento moralista nestas análises, pois, como afirmamos, a sociedade segregada em classes sociais leva ao regime da extorsão da mão de obra dos trabalhadores. É a razão neoliberal dos nossos tempos. Contradições insuperáveis dentro do próprio sistema que gera uma profunda desigualdade social e uma mercantilização da dignidade e da vida daqueles que realmente produzem as riquezas sociais, mas nada usufruem, apenas sofrem na pele as consequências da exploração pelo capital.

Da coisificação da vida produzida pelo modelo capitalista temos a formação de uma condição pronta para a implantação de regimes autoritários e totalitários, eis que as classes sociais se dizimam na transformação em massas, viram pessoas acrílicas e bestializadas, coordenadas pelo desejo de consumo de mercadorias, bens e serviços de modo desenfreado.

⁷⁷ Fonte: <https://www.infomoney.com.br/carreira/6-brasileiros-tem-a-mesma-riqueza-que-os-100-milhoes-mais-pobres-do-pais-diz-oxfam/>

Com o devido respeito aos bovinos, estas figuras fanatizadas são os mortos vivos, zumbis que se comportam como gado⁷⁸ na direção do matadouro, qualquer semelhança às vítimas dos campos de concentração não é mera coincidência, eis que o poder totalitário se atualizou e não necessita de violências e nem de campos de extermínios, pois o ser sob a razão neoliberal, por ele mesmo, vive sem razão, produz riquezas ao capitalista e caminha passivamente por uma vida degradada em direção à morte espiritual e física.

Há soldados armados, amados ou não
 Quase todos perdidos de armas na mão
 Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
 De morrer pela pátria e viver sem razão. (VANDRÉ, 1968)⁷⁹

Neste discernimento, os apreciadores de Bolsonaro não seriam “gado”, mas um burro que empaca e não sai do lugar. Como afirmou Casara: “*O burro defende o indefensável porque é incapaz de entender as consequências dessa defesa, inclusive para ele próprio.*” (CASARA, 2020, p. 76)

Assim, as condições pré-existentes na sociedade para a formação de movimentos autoritários ou totalitários, tais como a atomização dos indivíduos, pessoas que se descolam das suas classes, não se sentem pertencentes a um grupo social e passam a agir com um extremo individualismo, pensam somente na sua forma de sobreviver, logo, não exercem a cidadania de uma democracia ativa e participativa, mas a plenitude do homem individualista burguês, que elege o mercado como o seu deus ou um Messias para solucionar os seus problemas.

O indivíduo atomizado, sem as esperanças de progredir na vida através dos seus talentos ou astúcias, ele está só, vive para a subsistência e todo o seu descaso com o social, com a política, inviabiliza qualquer alternativa que provenha da esfera pública.

Essas análises da sociedade moderna, dos efeitos da sociedade de mercado, ao exaltar o individualismo e, em situações de crises econômicas e de perdas de valores morais e éticos que unam as classes de um povo, geram as sequelas na psique dos indivíduos, começam a preparar o terreno para o Totalitarismo e não atingem só as classes populares, mas, pelo contrário, ganham a simpatia de uma classe média em processo de pauperização e da elite que enxerga nas políticas extremistas uma forma de garantir os seus privilégios, passam a conspirar contra

⁷⁸ “Gado”, designação jocosa dos seguidores fanatizados de Bolsonaro.

⁷⁹ parte da letra da canção “Pra dizer que não falei de flores” de Geraldo Vandré, cantor, compositor e poeta, apresentada em 1968 no Festival Internacional da Canção, música que se tornou um hino de resistência à ditadura militar.

a República e o Estado Democrático de Direitos.

A diferença da crítica ao sistema liberal produzida pelos socialistas e comunistas das efetivadas pelos totalitários, está na função do Estado e da propriedade dos meios de produção. O Socialismo visa ter os meios de produção sob o controle do Estado, este gerencia e torna a economia planificada. Já o comunismo, busca superar a ideia de Estado e os meios de produção são gerenciados pelo coletivo dos trabalhadores, seja em cooperativas ou na forma de cogestão.

Os regimes autoritários e totalitários também tornam o Estado, o partido no comando, como condutor da economia, mas apenas na regulamentação, pois os meios de produção continuam nas mãos dos capitalistas. Logo, o nazifascismo é uma alternativa das elites para preservarem os seus interesses, cedem uma parte do poder ao líder totalitário.

5.5 NARRATIVAS E DISCURSOS DE ÓDIO

Estas ações, fruto das estratégias autoritárias e totalitárias, dos discursos do ódio contra: o pobre, o trabalhador, os imigrantes, os refugiados, os negros, os índios, as mulheres, as pessoas de orientação sexual diverso do heterossexual, provocam uma desconfiguração das capacidades de reação e de enfrentamento pelas vias do pensamento crítico, dos argumentos fundamentados centrados no saber histórico e na ciência centrada na visão social e humanista, pois as falas apologéticas da exclusão estão sedimentadas nas subjetividades, estão ideologizadas, carentes de argumentações éticas e lógicas, tecem embates que beiram a ridicularização, a infantilização, campos de batalhas bizarros e estranhos ao domínio da ciência política e da filosofia.

O discurso do ódio, o desprezo ao ser político, faz com que a esfera pública deixe de existir nas perspectivas das pessoas massificadas, não há como contrapor argumentos científicos e racionais aos fanatizados.

Arendt, identifica na massificação o solo fértil para a propagação dos movimentos totalitários. Estes regimes são alavancados pelos líderes demagogos, quase sempre, oriundos da ralé (conceito de Arendt). Este é o caso do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro fazia parte do chamado “baixo clero” e caracteriza-se como destituído de capacidade cognitiva, talvez o seu ódio à ciência e à cultura justifiquem o seu desprezo aos saberes, já que a sua marca é o linguajar chulo quando ouve uma referência ao conhecimento erudito.

Bolsonaro, caso fosse um apreciador da história conheceria a célebre frase “*Quando ouço alguém falar em cultura, saco o meu revólver*”⁸⁰ e, certamente, diria o mesmo, fazendo “arminhas” com as mãos. A ralé adora um líder tosco e histriônico, eis que tudo se reduz ao modo simplista e imediatista de encarar os problemas, as narrativas atem-se ao imaginário e desdenham as perspectivas de um mundo emblemático, lógico e articulado em múltiplas ações, eis que exigem a reflexão, o estudo e um pensamento crítico que ultrapassa o mundo sensível e mistificado em aparências ilusórias, pois mascaram o real e escondem as verdadeiras relações de classe e poder.

Aqui, cabe a pergunta – como pode um movimento de expressões neofascistas estar atuando na impunidade contra a democracia no espaço democrático?

Os meios de comunicação e as elites do capital se calam, tapam o nariz, pois o extremista aplica os ditames neoliberais enquanto agride os direitos dos trabalhadores, mas realiza o potencial máximo do neoliberalismo, oportuniza a culminância do lucro, da acumulação e da concentração de riquezas, ou seja, implanta o mundo da especulação e da globalização da financeirização no território brasileiro.

Bolsonaro destaca-se pela sua verborragia agressiva contra as esquerdas, as mulheres, os negros e os homossexuais. Desdenha o mundo do trabalho, não exerce a empatia, eis que exige uma transposição para a solidariedade e o enfrentamento das problemáticas causadas pela relação de opressão e exploração aos trabalhadores. Sintonia com o comum exige amor e criação de vida digna e emancipada, já a visão idiotizada e egóica, apenas alimenta-se do ódio, da destruição e da morte.

Podemos citar o exemplo destes ódios neofascistas e o desprezo pelo outro, na psique perturbada de Bolsonaro, quando atacou a deputada Maria do Rosário do PT e falou que: “*não a estupraria porque ela não merece.*” Fato pelo qual foi condenado pela justiça a pagar uma indenização por danos morais à deputada ofendida e realizar uma retratação pública (decisão do Ministro Marco Aurélio ao negar um recurso de Bolsonaro).⁸¹

Estas agressões e demonstrações de raiva contra alguns segmentos da sociedade, são a marca do neofascismo representado por Jair Bolsonaro, o discurso do ódio, a deficiência cognitiva programada, eis que as incitações disparadas pelas milícias digitais influenciam os seus seguidores, os quais passam a disseminar as mesmas agressões pelos meios eletrônicos,

⁸⁰ Frase de uma peça antinazista de Hanns Jost, representada em 1933, ano em que o nazismo conquistou o poder. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1702200410.htm>

⁸¹ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/02/19/ministro-do-stf-mantem-decisao-que-mandou-bolsonaro-indenizar-maria-do-rosario.ghtml>

mas, em muitos casos, deixam o simbólico e invadem o real, alastram-se para os ataques físicos. Há, aqui, o que Arendt chama de “*identificação das massas com o líder*”, o ser neofascista, este se orgulha dos seus crimes, chama para si os sentimentos mais baixos, os ataques contra a democracia e as instituições republicanas, vide as exaltações de Bolsonaro ao militar torturador chefe do DOI-CODI Brilhante Ustra.⁸² O rancor fascista mascara a alma conflituosa, a vida imbecil e frustrada. Prefere entrar para a história como um ser violento e destrutivo do que revelar a essência de uma intelecto raso, paranoico, lerdo e ignorante.

5.6 UM PORVIR DE SOLIDARIEDADE AINDA É POSSÍVEL?

Dados os fatos, os momentos da afirmação e da negação, chega o momento de negar a negação, um movimento de superação das contradições anteriores, o qual só pode prosperar pelo diálogo lógico, pelos operadores do pensamento reflexivo e crítico, desde os saudosistas do liberalismo econômico, passando pelos progressistas sociais democráticos até os pensadores da filosofia crítica, os que adotam uma compreensão da totalidade e da historicidade como produto da práxis do homem. Estes são os radicais, pois vão à raiz do problema.

Estes intelectuais usam as armas da crítica⁸³, ousam pensar uma nova sociedade que supere o atual modelo do neoliberalismo e a sua racionalidade mercadológica, que empreende a coisificação dos seres, a redução de sujeitos em mercadorias e a elevação da mercancia como um ser de vida própria⁸⁴.

A suplantação do movimento neofascista e do neoliberalismo passa pelo debate nos movimentos progressistas culturais, econômicos e políticos do Brasil. A filosofia crítica tem as melhores ferramentas para denunciar as contradições do capitalismo, indica uma superação no caminho da emancipação dos sujeitos para trilhar ao momento da maior idade histórica, dado que o capitalismo atrasa a evolução humana e joga a civilização na barbárie.

A retomada da cidadania ativa na re/construção das políticas de um Estado de bem-estar social, as quais passam pelo protagonismo do cidadão participativo e crítico, visando à construção de um Estado democrático de orientação popular, não populista, pois o cidadão toma em suas mãos a edificação de uma sociedade que valoriza o trabalho como fonte das riquezas e a justa distribuição entre os reais produtores, ou seja, viabiliza a todos o direito de nascer,

⁸² <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-afirma-que-torturador-brilhante-ustra-e-um-heroi-nacional/>

⁸³ Referência à obra organizada por Ivana Jinkings e Emir Sader, *As Armas da Crítica*, coletânea de textos do pensamento marxista, Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Luxemburgo e Gramsci. Editora Boitempo.

⁸⁴ Fetiche da mercadoria.

viver e morrer com dignidade.

A sociedade igualitária e livre, privilegia a produção e a distribuição das riquezas, constructos sociais, trabalho e cultura como pilares de sustentação e de potencialização das capacidades intelectivas e criativas dos sujeitos⁸⁵.

Sabemos que o capitalismo cumpriu o seu ciclo histórico, cabe, agora, ao trabalhador assumir a produção coletiva dos bens na superação e no fim da máquina do Estado, caso contrário, uma nova elite burocrática se estabelece e torna-se o novo senhor a explorar o escravo trabalhador.

Este movimento da negação da negação só terá sucesso caso haja uma união dos trabalhadores e se internacionalize, torne as nações uma comunidade global na defesa da paz, de uma economia sustentável, de saberes compartilhados e da fraternidade mundial.

A prioridade é a superação das desigualdades sociais, esta nova dinâmica libera o trabalhador e o capitalista, senhor e escravo⁸⁶, eis que empreende na desalienação de ambos, inverte a lógica da produção alienante, pois a mercadoria perde a sua independência e volta a atender as necessidades do produtor e criador dos bens e recursos, atenderá não ao lucro, mas as possibilidades de uma vida boa, do meio ambiente saudável, das demandas coletivas e da realização das potencialidades dos sujeitos.

O momento da emancipação humana exige a colaboração, a solidariedade, onde cada qual contribui de acordo com as suas habilidades e incrementa os seus talentos, dado que a educação, a tecnologia e a cultura são erigidas como vetores do desenvolvimento humano, econômico e político, ou seja, há um equilíbrio entre as liberdades e as igualdades sociais.

A função social do intelectual da filosofia é a construção de conceitos advindos das problemáticas reais da humanidade, é o tornar-se um artesão na edificação de uma nova e possível sociedade solidária.

O labor do profissional da filosofia é, também, trabalhar com os seus pares fora do ambiente acadêmico no exercício da práxis cidadã, é tomar as ferramentas da filosofia crítica para o desenvolvimento de pessoas conscientes, livres, independentes, reflexivas e ativas, na preservação de um meio ambiente sadio, na estruturação da emancipação humana e da fraternidade universal.

⁸⁵ Teoria Aristotélica do Ato e Potência.

⁸⁶ Dialética do Senhor e do Escravo em Hegel. O senhor só vive em função do escravo, este faz a vida do senhor, já que o senhor nada produz. Só o escravo pode se libertar e viver sem a opressão do senhor.

5.7 RESPOSTAS AOS QUESTIONAMENTOS

Passamos a responder aos questionamentos concebidos pela pesquisa. Neste bloco investigativo teórico, concluímos e respondemos aos problemas propostos a esta pesquisa e estudo. Referente ao último tópico abordado no estudo sobre a atuação do governo de extrema direita de Bolsonaro frente a sindemia – Estamos a vivenciar um genocídio no Brasil?

Sim, os fatos, as ações e as omissões deliberadas do governo Bolsonaro confirmam a tese do genocídio, principalmente contra as populações fragilizadas, contra a classe trabalhadora e os povos indígenas. As investigações da CPI do Senado Federal corroboram o argumento da mortandade das populações carentes e sem assistência de saúde adequada do governo federal, pois, intencionalmente, Bolsonaro e os seus asseclas conspiraram contra a vacina e as medidas protetivas, atrasaram a compra das vacinas e investiram em medicamentos comprovadamente sem eficácia no tratamento do corona vírus.

Certo que não houve apenas um jogo ideológico, mas muita verba pública foi desviada do centro do problema para os agenciadores militares e os laboratórios contratados a peso de ouro a fim de produzir medicamentos inócuos em menosprezo às vacinas e a sua eficácia comprovada cientificamente. As vacinas foram recomendadas pela OMS e aprovadas pela ANVISA, mesmo assim, Bolsonaro conspirou, atacou e atrasou a compra das vacinas, provocando uma mortandade sem precedentes na história, apenas equiparada aos genocídios do nazifascismo.

Bolsonaro e a sua camarilha são provocadores da ralé, ameaçam as instituições e a democracia. Os seus seguidores pedem o fechamento do Congresso e do Supremo Tribunal Federal, clamam por um golpe de estado apoiado pelas Forças Armadas, mas o líder é patético e não tem a mínima habilidade em liderar e manter uma ruptura institucional.

Um golpe de Estado visa uma cessação total e a assunção ao controle do Estado e da sociedade civil, geralmente, por uma classe que está fora do poder. Não é o caso, pois a elite agrária e financeira capitalista está no poder, comanda a economia e todas as suas demandas são atendidas pelo Congresso Nacional.

Caso os militares dessem um golpe, o primeiro a ser afastado seria o próprio Bolsonaro, eis que não passa de um bobo da corte. Outro impedimento, é o de que não há interesse dos militares, eis que já ocupam milhares de cargos com altos salários e tudo isso, sem dar um tiro, não há necessidade da força, a imobilidade é a segurança da locupletação. A classe dominante também surfa em uma legislação que resguarda todos os interesses da manutenção da sua supremacia. Portanto, golpe para quê?

A burguesia ainda não necessita lançar o financiamento e o apoio para a configuração de um Estado de terror e violências, dado que os governos vêm dando conta de todas as pretensões da acumulação de capitais com políticas e normas desreguladoras. Não há, no momento, nenhuma atemorização ao curso normal do modo de produção neocapitalista no Brasil.

Avançando no estudo conclusivo das características do fascismo, chamamos à análise as atividades das milícias como uma ação efetivamente de um Estado fascista. A violência no fascismo é manipulada pelos grupos paramilitares.

Há, no governo Bolsonaro um grande incentivo à ação miliciana, facilitação da compra de armas e a retirada do rastreamento das munições. Sejam as milícias armadas, organizadas inicialmente para combaterem o crime de forma clandestina, mas que, com o tempo, buscam o apoio no crime organizado para extorquirem os comerciantes em troca de uma “proteção” contra as “potenciais” agressões aos seus estabelecimentos e negócios nas comunidades do Rio de Janeiro, mas que se expandiram em todo o território nacional como uma organização criminosa. Como frisamos no desenvolvimento da pesquisa, estes grupos agregam a banda podre das forças de segurança dos Estados. Há uma promiscuidade entre o falso agente do estado e o miliciano criminoso, algo que oportuniza a perda do controle, destes agentes, pelos governos dos estados.

Temos também, a ação miliciana digital propagadora de fake news, efetivamente, está incorporada aos gabinetes paralelos no governo Bolsonaro.

O “modelo Bannon” de campanha política, com manipulação de preconceitos, divulgação de fake news e desinformação foi fundamental à implantação do projeto neoliberal ultra autoritário do governo Bolsonaro.” (CASARA, 2020, p. 37)

A atuação miliciana é estudada por Pachukanis ao apontar na dinâmica do fascismo italiano de Mussolini

...a milícia partidária, ainda que na aparência, a um órgão de Estado, permanecendo na essência uma força à disposição exclusiva do fascismo. O decreto de 23 janeiro de 1921 tornou a milícia uma instituição pública, ela teve de prestar juramento ao rei, mas estava subordinada ao presidente, ou seja, a Mussolini, e era composta exclusivamente por fascistas. (PACHUKANIS, 2010, p. 51)

Assim, percebemos que o governo paralelo de Bolsonaro, através do “*gabinete do ódio*” usa das mesmas estratégias do fascismo, embora limitadas, por enquanto, às ações das facções digitais.

O Bolsonarismo se propunha a engatar essa marcha a ré com a ajuda das novas ferramentas digitais. As campanhas virais que impulsionariam o impeachment de Dilma Rousseff no Brasil e o sucesso eleitoral de Trump seriam a inspiração da campanha digital que elegeu Bolsonaro presidente. (MANSO, 2020, p.282)

Esta leitura sobre as milícias digitais de Bruno Paes Manso é notável, pois sua pesquisa obteve como fonte depoimentos dos próprio milicianos, apurou a evolução dos esquadrões da morte para os grupos organizados de milicianos associados ao crime e aos políticos de ações nada republicanas.

Papa não era policial, era justiceiro. Não deixava roubar no bairro. Uma vez, quando eu tinha uns oito anos, estava sentado no bar e vi dois negros passarem pela avenida. Na época, a gente ainda não via fuzil, as armas mais pesadas eram calibre 12. Papa estava passando de carro, parou e matou os dois. Depois, entrou no bar, pediu uma cerveja, uma coca para mim e ficou lá sentado. (MANSO, 2020, p. 10)

Assim, o belo Rio de Janeiro, passou do domínio dos esquadrões da morte às milícias e, hoje, assumiram o controle de quase a totalidade do Estado. Nas comunidades de comando das milícias, político só se elege com a aval e a parceria com os milicianos.

Deste modo, esta é a visão de mundo da família Bolsonaro, entendimento de que tudo se resolve pelos caminhos mais fáceis da violência e do terror, das ações transgressoras e de que a lei não é para todos, apenas se aplica aos inimigos que atrapalham os lucros imediatos.

A fachada da ideologia serve apenas como cortina de fumaça, pois os incautos logo caem nas armadilhas e passam a tecer comentários moralistas, mas esquecem a base estrutural da delinquência política, a ganância e o poder como objetivos maior através do servilismo ao grande capital financeiro.

É a parceria perfeita para o enriquecimento, políticos corruptos, crime organizado, milícias e o descaso da segurança pública e da justiça. O bode expiatório são as populações reféns dos milicianos e dos agentes públicos ímprobos. Claro, a polícia e a justiça caçam os negros e pobres das comunidades, alguém tem que legitimar a impunidade da República das Milícias.

A fidelidade dos seguidores da ideologia fascista surpreende, pois são avessos a qualquer racionalidade e ao pensamento crítico. Pachukanis constata essa marca entre os fascistas:

“É característico também o juramento que deve prestar qualquer fascista ingressante (artigo 27 do estatuto⁸⁷): ‘Juro cumprir incondicionalmente todas as ordens do líder e servir à causa da revolução fascista com todas as minhas forças, e, se necessário, com o meu sangue’.”
(PACHUKANIS, 2020, p. 64)

⁸⁷ Estatuto do Partido Fascista, publicado em 1926. Pachukanis, 2020, p. 62. A redação do estatuto constou da edição do Jornal *Popolo d'Italia* em 12 de outubro de 1926.

No movimento bolsonarista neofascista não há a exigência de juramento, eis que a lealdade é intrínseca, pois Bolsonaro é visto mais do que um líder, é venerado como um “mito”, um ser que ousou expressar todos os sentimentos de uma raça racista, preconceituosa e individualista. Até Bolsonaro começar a ser conhecido nacionalmente, essa racionalidade do ódio e da exclusão estavam mascaradas nos comportamentos e nas falas, mas o que atraiu os simpatizantes e eleitores do Bolsonaro é a sua descompostura com a moral conservadora, ele é o avesso do politicamente correto e sente orgulho do seu rancor às minorias e do seu linguajar chulo e ignorante. Este foi o seu trunfo para ser eleito presidente do Brasil em 2018.

Hoje, vislumbramos que a maioria dos pacientes internados pelo covid-19 são pessoas que não se vacinaram, muitos seguiram tratamento dito “precoce”, a base de fármacos sem comprovação de eficácia no tratamento da doença, adotaram tais práticas negacionistas em função da mera opinião do “mito”. Muitos dos que adoeceram chegaram a óbito, acreditaram na própria mentira. Faleceram em homenagem ao líder, enfim, mesmo sem juramento, serviram a causa com o próprio sangue.

Entre os fanatizados, está o empresário Luciano Hang, bolsonarista e financiador dos sites produtores de fake news. Em depoimento à CPI da Covid-19, admitiu que a própria mãe foi submetida ao tratamento com medicamentos sem efeito, eis que estes fármacos não foram atestados pelos órgãos técnicos, pelo contrário, foi recomendado o não uso no tratamento do Covid-19.

Hang, para apoiar e, em deferência ao líder, concordou com a falsificação da certidão de óbito da própria mãe.⁸⁸

A Pensadora Hannah Arendt também fez referências ao modo irracional das mentes fanatizadas, eis que não há possibilidade de diálogo e convencimento pelo pensamento. Agem com uma fé cega, colocam a própria segurança e a vida em risco. Vejamos quantos bolsonaristas estão sendo presos em função dos ataques de ódio nos meios das plataformas digitais.⁸⁹ Alguns ministros do STF, saíram da letargia, resolveram agir e aplicar a lei aos protegidos milicianos digitais da família Bolsonaro.

“Os membros fanatizados são inatingíveis pela experiência e pelo argumento; a identificação com o movimento e o conformismo total parecem ter destruído a própria capacidade de sentir, mesmo que seja algo tão extremo como a tortura ou o medo da morte” ARENDT (2018, p.

⁸⁸ <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/29/equipe-de-luciano-hang-sabia-desde-abril-que-covid-nao-constava-no-atestado-de-obito-da-mae-do-empresario.ghtml>

⁸⁹ <https://www.cartacapital.com.br/politica/no-mesmo-dia-moraes-mantem-presos-os-bolsonaristas-roberto-jefferson-e-daniel-silveira2/>

436)

Como afirmamos na introdução deste trabalho, Bolsonaro e os “novos políticos”, os quais surgiram com Bolsonaro e na onda neofascista, sempre pertenceram a ralé, foram fracassados em suas vidas profissionais. Bolsonaro foi um militar frustrado antes de entrar na política. Arendt estudou estes personagens:

...Suas carreiras lembram a dos primeiros líderes da ralé: fracasso na vida profissional e social, perversão e desastre na vida privada. O fato de que as suas vidas, antes do seu ingresso na carreira política, haviam sido um fracasso... era o ponto alto da sua atração para as massas. (ARENDR, 2018, p.442)

Portanto, a eleição de Bolsonaro mais do que um voto de protesto contra o Partido dos Trabalhadores, foi a vazão dos sentimentos elitistas, racistas, autoritários, homofóbicos e de ódio aos pobres. Não foram iludidos ou manipulados como muitas leituras dos cientistas políticos, mas apostaram no capitão por ele ser inculto e não ligar para a falsa moralidade das elites e da classe média. Qual o desejo dos fanatizados por Bolsonaro?

“O que buscava a ralé e o que Goebbels expressou de modo tão preciso era o acesso à história, mesmo ao preço da destruição.” (ARENDR, 2018, p.464).

Conseguiram, entrarão para a história por terem elegido o pior presidente do Brasil e que gerenciou um genocídio de mais de 600 mil pessoas.

Muitas das questões e problemas levantados já respondemos no curso das temáticas destacadas, mas vamos retomar as teses e relacioná-las com os suportes teóricos apresentados na exposição deste trabalho.

Uma pergunta inicial foi a inquirição sobre o que leva a desintegração das classes sociais em massas, bem como tornarem-se presas das ações autoritárias e totalitárias.

Hannah Arendt através das suas experiências de vida frente ao nazifascismo e dos seus estudos sobre a formação dos movimentos totalitários nos ensinou que os líderes autoritários e totalitários, geralmente, chegam ao poder de forma legal, através do sistema eleitoral e contam com grande apoio das massas.

Os líderes demagogos sabem como ninguém explorar os preconceitos e as carências das massas. Defendemos a tese de que a ascensão do nazifascista Bolsonaro não foi uma obra da propaganda ideológica ou de uma manipulação das massas a fim de chegar ao poder. Não, as massas não são enganadas, eis que tornam realidade as suas frustrações, adotando um modo doentio e alienado de agredir o outro pelos seus males, ou seja, *“l’e enfer, c’est les Autres.”*⁹⁰

⁹⁰ fala de um personagem Garcin, p.93, da peça teatral Huis Clos, de Sartre, traduzida no Brasil “Entre Quatro Paredes.”

“Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder do voto.” (ARENDDT, 2018, p. 439)

Vinculamos este conceito de massa da pensadora política a formação dos sujeitos na sociedade onde tudo se transforma em mercadoria, tudo é negociável, desde que traga lucros, até mesmo a vida e a dignidade das pessoas podem ser descartadas em nome da locupletação do capital frente ao trabalho.

A verdade é que as massas surgiram dos fragmentos da sociedade atomizada, cuja estrutura competitiva e concomitante solidão do indivíduo eram controladas apenas quando se pertencia a uma classe. A principal característica do homem da massa não é a brutalidade e nem a rudeza, mas o seu isolamento e a sua falta de relações sociais normais. (ARENDDT, 2018, p.446)

Outra dúvida levantada é a maneira como operam as manifestações de ódio ao diferente, contra as minorias e as instituições da república. Os efeitos da alienação e da coisificação dos sujeitos diante das relações sociais no capitalismo é a pauperização, a miséria da vida material e espiritual. Algo que se reflete no modo de pensar e de se expressar, há uma penúria nos símbolos de comunicação dos indivíduos. Casara busca elucidar esse tema: *“Nesse sentido, pode-se falar que o empobrecimento da linguagem gera o ódio direcionado a quem contraria essas certezas e desvela os correlatos preconceitos.”* (CASARA, 2020, p.10)

Assim, o ódio ganhou as ruas e as mentes dos fanatizados bolsonaristas. Durante a campanha presidencial de 2018, as redes sociais foram invadidas pelas fake news e pelas tentativas de destruir a reputação dos adversários. Após as eleições, com a ajuda do aparelhamento do Estado formalizou-se um poder paralelo no governo, o chamado “Gabinete do Ódio”, comandado pelos filhos do presidente.

A temática do uso das liberdades democráticas pelos fascistas a fim de suprimi-las foi abordada no corpo da exposição. Afirmamos que sim, os adeptos da ultradireita e seguidores do capitão, com muita frequência, vão às redes sociais e às passeatas para pedirem a volta da ditadura, o fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal, pois não atribuem aos desgoverno de Bolsonaro a crise econômica e social gerada amorfismo do governo, bem como pelo negacionismo, passam a colocar no outro, geralmente ao anterior governo de esquerda, as causas da fome, da miséria crescente, do desemprego e até da pandemia.

As instituições, antes da reação do STF, principalmente, os ministros Alexandre de Moraes e Luís Roberto Barroso, ficavam estagnadas a cada agressão do Bolsonaro, tomavam as manifestações fascistas do presidente como apenas *“um destempero”*, fato que apenas

estimulava a crescente investida autoritária pelos bolsonaristas. Estes fatos só tiveram uma cessação quando o Ministro Alexandre de Moraes determinou a abertura de investigações contra os atos atentatórios à democracia e aos poderes da república. Muitos bolsonaristas foram presos e o próprio presidente está respondendo à várias investigações da Polícia Federal.

A população, apesar da alta disseminação do vírus da covid-19 foi às ruas para protestar contra o desgoverno e as atitudes genocidas e fascistas de Bolsonaro.

A resistência está em curso e está na mesa do presidente da Câmara dos Deputados mais de cento e quarenta pedidos de impeachment de Bolsonaro por uma variedade de crimes, atentados à democracia e as instituições da república, bem como o aparelhamento do estado para beneficiar e livrar os filhos das investigações criminais.

Levamos a hipótese de haver uma intensificação de uma racionalidade autoritária e fascista nas subjetividades de algumas parcelas da população. Sim, os fatos históricos e a situação presente, apoiam a afirmação de que a nossa formação sob a influência ibérica segundo os estudos do historiador Sérgio Buarque de Holanda, somos um povo em que as elites e a classe média exercem uma subjetividade: autoritária, machista, conservadora, escravista, individualista, egoísta, irracional, desrespeitosas com as normas e as instituições republicanas e democráticas, bem como avessos ao conhecimento, estudo e saber.

Portanto, a eleição de Bolsonaro trouxe à tona uma mentalidade que estava abafada, latente e ganhou espaço com o caráter autoritário e fascista de Bolsonaro. As massas seguidoras identificam-se com o líder, passamos a viver uma sociedade de raiva e negação do pensamento, um período em que há um orgulho em ser ignorante.

Logo, as manifestações fascistas não são algo novo na mentalidade de algumas classes sociais em processo de massificação, em especial, a classe média, pessoas “nem, nem”, não são da elite e detestam serem identificadas com as classes trabalhadora, mesmo que haja uma intensificação do seu depauperamento. Não associam a sua crescente miserabilidade material e espiritual à racionalidade do neoliberalismo, preferem enfiar a cabeça no chão e, em uma lógica simplista, o que não veem, não existe.

Por conseguinte, não há nada de novo, o fascista pode habitar em cada um de nós⁹¹, desde que desconheçamos a sociedade de classes e a exploração do trabalho pelo capital, as condições históricas e materiais estarão prontas para elegermos um salvador da pátria e os bodes expiatórios a fim de fugirmos das nossas responsabilidades como cidadão e negarmos

⁹¹ Ver Foucault, sua obra *Para uma Vida Não-fascista*, analisa a sedução pelo poder e a banalização da vida impotente. Aposta no diferente, fora da homogenia fascista, no exercício de uma vida como arte. Texto que integra a obra de Deleuze e Guattari, introdução, *O Anti-Édipo*, em 1977.

o contraditório, recusarmos a racionalidade do pensamento crítico.

O Brasil poderá permanecer com os bolsonaristas, mesmo que Bolsonaro seja afastado da presidência ou for preso. Mesmo assim, teremos uma mentalidade fascista a clamar pela perda das liberdades e a idolatrar um novo fascistóide.

Uma assertiva que mereceu atenção do pesquisador é a possibilidade de, nestes tempos de negacionismo, estarmos a inaugurar uma idolatria à miséria do pensamento. Certamente é uma contingência factível, eis que a mente fascista detesta o saber e sente orgulho da ignorância. No caminho inverso, uma parte da intelectualidade, vive apenas nos intramuros das cátedras.

Dado que já temos no nosso imaginário todos os fantasmas do autoritarismo, em função da nossa formação individualista e que não pensa nas soluções complexas e coletivas, torna-se urgente que a resistência ao fascismo se intensifique, principalmente no meio dos intelectuais e das academias. Chega de tecermos teses liberais idealistas, algo que recorra aos temas que não enfrentem as necessidades essenciais da nossa pátria tão ultrajada neste período republicano.

Em conexão com a temática acima, também questionamos se os intelectuais abandonaram as armas da crítica⁹².

Nem todos os pensadores renunciaram ao pensamento crítico, principalmente o filosófico, pois em muitos casos afirmar-se como filósofo passou a ser interpretado como alguém que vive com a cabeça no mundo da lua. E este senso comum não deixa de ter as suas razões. Eis que muitos filósofos estão mais preocupados com uma pesquisa quase mística, questões que ultrapassam a realidade dos mais simples mortais. Fato que levou Hannah Arendt a recusar ser chamada de filósofa, sempre preferiu ser tomada como uma pensadora da liberdade e da política, pois os filósofos haviam descolado a política da Filosofia, algo que ainda permanece, basta pesquisar na academia quais os temas dos mestrados e dos doutorandos para dar plena razão à Cientista Política Hannah Arendt.

Chegamos ao ponto de recusarmos todo o saber do nosso patrono da educação, Paulo Freire, o qual nos legou grandes ensinamentos do exercício de uma filosofia formativa de agentes conscientes, livres e independentes. Há toda uma estratégia de educação para a libertação na obra de Freire, mas ainda se insiste em apenas transmitir informações e não conhecimentos aos nossos jovens alunos. Estamos a formar seres bestializados, déspotas iluminados, sujeitos sem ética e sem consciência social e humanitária.

⁹² Ver nota 92.

Paulo Freire é mais reverenciado no exterior do que no Brasil. Foi taxado de comunista pela ultradireita, pessoas destituídas da razão e que nunca leram uma linha do mestre Paulo Freire. Vejamos agora, no dia de ontem, 26/11/2021, foi inaugurado um busto de Paulo Freire na Universidade de Cambridge. É o primeiro brasileiro a ser homenageado com uma estátua.

Os professores daquela academia fizeram o que temos medo de realizar nos ambientes de educação aqui no Brasil, pois o presidente neofascista tem ódio a Paulo Freire, outro que não leu nada do mestre, mas tem uma raiva de tudo que é complexo e erudito. Os educadores da Universidade de Cambridge afirmaram que o tributo é em função “*dos tempos de guerra cultural*” e que Paulo Freire “*é um símbolo de tolerância e diálogo.*”⁹³

Assim, concluímos que apenas os intelectuais conservadores e liberais há muito tempo abandonaram as armas da crítica e passaram a tecer os seus pessimismos blasés, algo que mais desmobiliza e acata a razão em curso, o neoliberalismo, do que oportuniza qualquer tentativa de questionamento e mudanças de paradigmas, algo que permita romper com o individualismo, o egoísmo, o racismo e o autoritarismo incrustado em nossas subjetividades.

Um enunciado que perpassa o nosso trabalho de pesquisa sobre a ascensão ao poder da extrema direita e do fascismo no Brasil, após as eleições de 2018, é confirmar se o filósofo pode desvendar o fenômeno do fascismo. Sim, pelos pensadores da filosofia crítica e não pelas pseudofilosofias que permeiam o campo dos liberais e dos intelectuais orgânicos do capitalismo.

Neste trabalho recorreremos aos excelentes pensadores brasileiros, tais como o professor Alysson Mascaro, Silvio de Almeida, Rubens Casara, Ailton Krenak, Paulo Ghiraldelli, Paulo Freire, Gilberto Freyre, Leandro Konder, José Paulo Netto, Ricardo Antunes, Maria Lucia Fattorelli, Ladislau Dowbor, e muitos outros intelectuais internacionais, como Theodor Adorno e a nossa Cientista Política Hannah Arendt, a qual colocamos prioridade na condução do nosso trabalho. Todos esses pensadores e filósofos labutaram e trabalham na busca de desvendar, isso mesmo, tirar a venda dos olhos, apontar as contradições do sistema, para tomarmos pé da nossa realidade sob o comando do neoliberalismo e da crescente onda do fascismo no mundo.

Tomamos como proposição a ser elucidada quanto ao método de estudo e pesquisa em nossos trabalhos, pois há uma certa recusa em bebermos nas águas da sabedoria do processo histórico. Talvez estejamos anestesiados com a vida da sociedade de mercado, lugar em que tudo gira em torno da valorização pessoal e material, eis que o lucro e a acumulação do capital

⁹³ https://cultura.uol.com.br/noticias/44429_paulo-freire-e-o-primeiro-brasileiro-a-ganhar-estatua-na-universidade-de-cambridge.html

passaram a ser os mantras do ser que se vê e se administra como uma empresa, preocupa-se apenas com as receitas e as despesas, nem que tenha que empenhar a vida e a dignidade para manter a sua balança comercial em superávit.

Diante disso, a convivência com a barbárie passou a ser algo da normalidade bestial entre os filhotes de zumbis do neocapitalismo. Precisamos retomar os clássicos, Sócrates, Platão e Aristóteles, a fim de resgatarmos a missão da filosofia, a mãe de todas as ciências, o saber questionador e idealizador de uma vida boa para a comunidade, eis que, se o coletivo está feliz, certamente, a nossa vida particular será norteadada pela excelência, pela estética e pelo saber.

6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de uma longa caminhada podemos afirmar que sofremos o efeito da dualidade da Utopia. Através dos conhecimentos teóricos e das práxis para a consolidação de tomada de consciência pela classe trabalhadora, nos aproximamos dos ideais, mas ao mesmo tempo a utopia parece insistir em se mostrar mais distante do que parecia no início da jornada.

“Ella está en el horizonte – dice Fernando Birri -. Me acerco dos passos, ella se aleja dos passos. Camino diez passos y el horizonte se corre diez passos más allá. Por mucho que yo camine, nunca le alcanzaré. ¿Para qué sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar.” (GALEANO, 2001 ,p.230)

Traçamos como objetivo desta pesquisa, a análise da ascensão da extrema direita no Brasil, com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, bem como se podemos operar um salto qualitativo no pensamento filosófico a fim de rompermos com as amarras que fazem dos sujeitos uma tortuosa e única mirada, a pior ameaça ao ambiente, a solidariedade e a vida digna, uma interpretação de mundo que nega o humanismo nas mulheres e nos homens.

Sustentamos que, mesmo que Bolsonaro sofra um impeachment, algo muito improvável, dada a venalidade da maioria dos congressistas ou que Bolsonaro seja preso pelos seus crimes contra a humanidade, o problema não estará solucionado, eis que o sistema gerador das crises e das pandemias continuará em ação, seja nas mãos de Bolsonaro e o seu gado ou de um outro “mito” a dar vazão aos sentimentos autoritários da classe média e das elites financeiras. Certamente, escolherão outro títere, a dúvida é quem será e quando. Portanto, Bolsonaro é apenas o sintoma de uma sociedade que insiste em não enfrentar os seus conflitos cruciais. Cabe a classe trabalhadora assumir a construção de sua história e gerenciar o poder político e econômico do nosso país, a tomada da consciência de classe é o ponto de partida.

Estamos frente a deliberações radicais. Cabe a pergunta aos que elegeram e dão sustentação ideológica ao governo da extrema direita na figura do bufão Bolsonaro – *o que esperam deste messias?* Uma luta contra a corrupção, contra o comunismo? Deram o poder ao fascismo para que ele atuasse como um guarda noturno do capital e atacasse os poucos direitos e garantias que restaram aos trabalhadores, estão satisfeitos com o genocídio? *O que querem mais? Barbárie ou civilização?*

Bolsonaro afastado do poder ou preso não será a resolução para o problema do autoritarismo e do fascismo enraizado nas mentes das elites e da classe média brasileira.

Bolsonaro, como afirmou Casara, é o sintoma, é a expressão da banalidade do mal, pois apenas despertou os instintos mais agressivos e reacionários das forças econômicas e financeiras acostumadas a gerenciarem o poder estatal na sustentação dos seus privilégios, mesmo que esta razão fascista leve a maioria dos trabalhadores à fome, ao desemprego e vida de misérias.

Logo, a causa da eleição de Bolsonaro é fruto dos sentimentos menores, aqueles já explicitados na formação histórica do brasileiro e da moral conservadora das elites.

A massa de eleitores e simpatizantes do Bolsonaro não foi iludida ou manipulada, ela sente tesão pelo jeito adverso ao politicamente correto do Messias. Ambos, aficionados e o líder, sentem orgulho da sua ignorância e a repugnância ao que seja pensamento crítico, estudo e empatia ao amor e ao humanismo.

Esclarecemos que Bolsonaro, seus filhos e os seus asseclas diretos são fascistas, apresentam a maioria das características da mente fascista, mas o governo, bem como o Estado não detém os elementos definidores de um Estado Fascista. A justificação está na baixa capacidade cognitiva de Bolsonaro, um ser sem os dotes para liderar e comandar um Estado forte. Todos eles, o Messias e os militares que lhe dão sustentação, buscam uma locupletação com cargos e as verbas públicas. O lema da Pátria, Deus e família, retoma as premissas do fascismo histórico. Deus e Pátria acima de tudo é apenas uma cortina de fumaça a encobrir o desejo de viver das “rachadinhas” e do servilismo ao sistema financeiro, algo que permita a vida sempre fácil do Bolsonaro. Trabalho e estudo não estão no seu reduzido e infértil vocabulário. Logo, mercadores da fé e da ignorância cativam as mentes dos idólatras.

Indicamos que o emblema do desgoverno Bolsonaro é o de garantir a concentração do capital e levar em frente a razão neoliberal para destruir todas as prerrogativas da proteção do trabalho construídas na constituição de 1988.

Visamos contribuir, embora de maneira modesta, com a articulação de conceitos sociológicos, psicanalíticos e filosóficos para retomarmos a idealização dos constituintes de 1988, para logarmos êxito na ampliação de um Estado de bem-estar social. Recuperarmos e darmos uns passos mais adiante nos direitos e garantias das relações entre o capital e o trabalho, eis que estão em processo de niilismo pela nova razão neoliberal.

Na abertura do desenvolvimento das premissas orientadas pela filosofia prática, questionamos se estamos em momentos de escuridão do pensamento crítico. Regressamos ao buraco da caverna da existência e estamos a venerar um mundo midiático e de pós-verdades?

Com a proliferação de poderes autoritários e neofascistas neste mundo globalizado, certamente que as ameaças à liberdade, à inteligência, ao meio ambiente e aos anseios de uma

vida digna, estão a nos impedir de andarmos na direção das luzes do saber, as quais elevaram o processo civilizatório e possibilitam a edificação de sociedades solidárias, igualitárias e fraternas. Cabe aos intelectuais orgânicos da classe trabalhadora, através da construção de conceitos, desmistificar a vida nua, o sistema alienante e exploratório, ao qual estamos submetidos pela nova razão neoliberal.

Conforme pudemos constatar nas análises de Dardot e Laval no seu ensaio sobre a nova razão do mundo, inaugurada pela sociedade neoliberal, estamos a tecer as nossas próprias algemas e a viver em bolhas existenciais, grutas a reproduzirem mundos virtuais e fantasiosos, os quais obscurecem as mentes e obliteram o pensamento crítico.

“Pensas que, nestas condições, eles tenham visto, de si mesmo e dos outros, algo mais que as sombras projetadas pelo fogo na parede oposta da caverna?” (PLATÃO, 2002, p.210)

Este belo e nobre ensinamento de Platão em *“A República”* nos permite vislumbrar o quanto estamos obcecados pelo mundo imaginário e ilusório da sociedade da mercadoria e do espetáculo egóico, pois, naqueles tempos, os filósofos ainda ambicionavam viver em uma sociedade norteada pelo saber e orientada pelo “governo dos sábios”, pelo “rei-filósofo.”

Sócrates, personagem maior de Platão, questionou a sua sociedade comandada pelos demagogos. Sim, já naquela época, tínhamos políticos que desejavam o poder a qualquer preço em benefício pessoal. Sócrates pagou com a vida por ter ousado viver uma coerência entre saber, vida ética e sociedade justa. Almejava a edificação de cidadãos educados para a vida coletiva e a formação de uma alma virtuosa, nobre, bela e sábia.

Apuramos pelos estudos da nossa preceptora nesta pesquisa, Hannah Arendt, a constituição dos totalitarismos, “suas origens e elementos.”⁹⁴

A transfiguração das classes sociais em massas desenvolvida pelos imperialismos, pelos colonialismos e depois atualizado pelo capitalismo, criaram sujeitos atomizados, isolados e atormentados pela solidão existencial.

Este modo de vida oportunizou a competição, o individualismo e a exploração do trabalho pelo capital, algo que permeia as sociedades com profundas desigualdades sociais, uma minoria com tudo e a grande parcela produtora de bens e riquezas com nada mais que a subsistência de uma vida coisificada. Estes são os motores do fascismo, o braço armado do capitalismo.

As condições históricas formadoras das mentes nazifascistas estão a transpassar e a gerar o *“ovo da serpente”*⁹⁵, o qual caiu em nosso colo com o advento do bolsonarismo, um

⁹⁴ ARENDT, 2018, p. 430.

⁹⁵ Ovo da Serpente, referência ao filme de Ingmar Bergman, o qual retrata o nascimento de uma sociedade

tempo de disseminação de ódios, violência, discriminações, destruição da vida digna, o qual designamos como um período do “*orgulho da ignorância*.”

Levantamos hipóteses quanto à perspectiva de despertarmos do pesadelo ao qual fomos submetidos, o capitalismo devastador e, agora, o seu rebento com as feições do “*leviatã*”⁹⁶ contemporâneo, o neoliberalismo.

A resistência da consciência crítica foi apresentada neste trabalho pelos conceitos e estudos dos grandes pensadores brasileiros: Silvio de Almeida com a temática do racismo estrutural que permeia a nossa sociedade, Rubens Casara e Paulo Ghiraldelli, intelectuais que nos ajudaram a entender a dinâmica do desgoverno de Bolsonaro, Leandro Konder com a conceituação e os fatos característicos do fascismo, Bruno Manso com a sua narrativa sobre as milícias e o seu modo de operar, bem como as ligações da família Bolsonaro com as hostes da morte e da extorsão, principalmente, no Estado do Rio de Janeiro.

Alysson Mascaro, expoente maior da filosofia a tecer considerações sobre as armas da filosofia crítica, Saad e Lécio, os quais nos relataram o processo histórico da economia brasileira, o historiador Sérgio Buarque de Holanda a nos esclarecer a formação social do brasileiro sob a influência dos povos ibéricos, Portugal e Espanha, pois nos legaram traços do autoritarismo, do individualismo, racismo, do personalismo e da ojeriza da lei como instituto que coordena a todos, ou seja, elementos que ainda permanecem encravados na mente do brasileiro e que serve de alimento aos demagogos populistas e fascistas.

Apresentamos como propósito do presente estudo a formação de uma intelectualidade orgânica oriunda da classe trabalhadora. Conceitos absorvidos pelo grande revolucionário italiano Antonio Gramsci, pois sofreu pessoalmente as agruras do fascismo de Mussolini, mesmo assim, desenvolveu um vasto repertório teórico e histórico sobre o fascismo e as bases da superação do capitalismo.

Outro pensador italiano que nos oportunizou desvendar as peculiaridades do fascismo foi Umberto Eco. Elementos presentes nas subjetividades a favorecerem a criação de Estados violentos, os quais expressam uma oposição à classe trabalhadora e a sua factível organização a fim de assumir o poder do Estado e da sociedade visando implantar a supressão das opressões do neocapitalismo.

Theodor Adorno, intelectual formado na Escola de Frankfurt, expressão do pensamento e da filosofia crítica, utilizamos os seus conceitos derivados dos estudos e pesquisas para apurarem o potencial presente nas subjetividades dos norte-americanos no período pós

nazista.

⁹⁶ O *Leviatã*, obra de Thomas Hobbes de 1651. Apresenta o Estado Absolutista e os seus ideais.

segunda guerra mundial, estudos que captaram, não apenas a subjetividade do povo norte-americano, mas que, permitem uma amplificação e, hoje, em tempos de globalização, decifram uma mentalidade mesclada pelo autoritarismo e pela vassalagem a se espriarem pelos inconscientes coletivos da sociedade de consumo.

Realizamos um cruzamento entre as concepções de Adorno e Eco, eis que trataram do tema do fascismo sob o crivo da filosofia crítica. Quando afirmamos que o fenômeno do fascismo é uma manifestação globalizada, interpretamos que o autoritarismo é uma forte ameaça às democracias mundiais, bem como a sedução do neocapitalismo para com a mentalidade fascista. Nada está descartado, até a derrubada final das democracias sempre estará na agenda do neocapitalismo para a manutenção da supremacia do capital financeiro e da exploração do trabalho.

Na temática do fascismo, também aproximamos desta reflexão os conhecimentos de Pachukanis, jurista e filósofo Russo, o qual estudou a fundo as determinações do fascismo, principalmente as manifestações da violência na Itália de Mussolini, bem como na Alemanha. O pensador articulou em seus artigos uma análise sobre as estratégias dos partidos de esquerda e o fracasso de algumas revoluções, fatores que redundaram na reação das elites econômicas em prol do nazifascismo. Fatos históricos a revelar as incongruências das esquerdas em comporem com as elites e os políticos liberais, cedo ou tarde, o escorpião executa a sua natureza, trai e mata o aliado do momento.

Para entendermos os processos complexos da economia brasileira nos auxiliamos da economista Maria Lúcia Fattorelli, a qual tem contribuído para a realização de uma auditoria cidadã da dívida pública brasileira. É preciso pontuar que mais de 40% do orçamento público está sendo carregado para o pagamento da dívida pública, valores que fazem falta para a implementação de um projeto desenvolvimentista do Brasil.

As mazelas dos economistas liberais estão a provocar a extrema miséria do povo brasileiro, eis que uma visão estreita e concentradora de rendas, não viabilizam verbas públicas para os investimentos em infraestruturas, tipo saneamento básico, trabalho e moradia digna, educação de qualidade, formulações de políticas inclusivas através de uma renda mínima imprescindível para o desenvolvimento de uma vida proeminente entre os brasileiros.

Assim, concluímos este percurso da pesquisa e formatamos a conceitualidade estudada aos fatos e a realidade do fascismo, fundamentamos todos os argumentos com fatos, articulamos uma teorização interdisciplinar, pois para entendermos a raiz do problema necessitamos uma visão ampla e que encadeie os vários saberes da sociologia, da economia, da história, da estética, da ética, da psicanálise e da filosofia crítica.

Buscamos respaldar as nossas proposições com as conjunturas do processo civilizatório do Brasil e os respectivos dados científicos, com os conceitos e estudos dos economistas, sociólogos, psicanalistas, filósofos, poetas, músicos, melhor dizendo, uma composição entre filosofia, a ética e a estética. As temáticas estão sob bases concretas e históricas, bem como balizadas pela teoria da filosofia crítica e outros pensadores da racionalidade humanistas.

Recorremos, similarmente, ao fundador da psicanálise de Freud e ao idealizador do socialismo científico, Karl Marx, bem como ao filósofo Zizek e a sua leitura da sociedade para engendrar uma nova forma do que seja o Comunismo, uma sociedade permeada pela igualdade, pela liberdade e a solidariedade, fatores de uma emancipação das subjetividades e do coletivo social.

Não esgotamos o tema do fascismo e as suas manifestações na sociedade brasileira atual, mas foram dados os primeiros para o amadurecimento e continuidade do estudo. Formulamos uma trajetória longa, eis que alguns passos na direção da nossa admirada utopia e, por certo, ela se afasta um pouco mais, nestes tempos sombrios e negacionistas, mas precisamos continuar a caminhada do pensamento crítico a fim de mantermos a resistência e a ousadia em idealizarmos uma emancipação dos sujeitos perante o modo de barbárie do neocapitalismo, o qual está a destroçar e a barrar uma vida digna, democrática, solidária e igualitária, ou seja, aqueles elementos da cultura que viabilizam a emancipação da humanidade e tornam a vida na coletividade nobre, bela e sábia.

Porto Alegre, dezembro de 2021.

7.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. Tradução Juba Elisabeth Levy, ed. 5, São Paulo, 2009;
- ADORNO E HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução Guido Antonio de Almeida, edição digital, Zahar, RJ, 2014;
- ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão**, O novo proletariado de serviços na era digital, ed. Boitempo, São Paulo, 2018;
- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural, Feminismos Plurais**, ed. Pólen Livros, São Paulo, 2019;
- ARAGÃO E RAMIREZ, Heloisa Helena, **Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução**, versão *On-line* ISSN 1984-980X Mental v.2 n.3 Barbacena nov. 2004;
- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo**, Tradução Roberto Raposo, 8. ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2018;
- ARENDT, Hannah. **Condição Humana**. Tradução Roberto Raposo, 10. ed., São Paulo, Forense Universitária, 2007;
- ARENDT, Hannah. **Da Revolução**. Tradução Fernando D. Vieira, ed., Ática, São Paulo, 1988;
- ARENDT, Hannah. **A Promessa da Política**. Tradução Pedro Jorgensen, DIFEL, RJ, 2008;
- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém, Um relato sobre a banalidade do mal**, Companhia das letras, São Paulo, 2013;
- ARISTÓTELES. **A Política**, 1.ed., São Paulo: Lafonte, 2017;
- BOBBIO, Norberto. **O Futuro da Democracia**. Tradução Marco Aurélio Nogueira, ed. 6, Paz e Terra, RJ, 1997;
- CASARA, Rubens. **Bolsonaro: O Mito e o Sintoma**, ed. Contracorrente, SP, 2020;
- COGGIOLA, Osvaldo. **A Outra Guerra do Fim do Mundo: A Batalha pelas Malvinas e América Latina**, SP, 2024;
- CHEVALLARD, Yves, **La Transposition Didatique**, 1.ed., Grenoble, Pensée Sauvage, 1991;
- CHOMSKY, Noam. **Quem Manda no Mundo?** 1 ed., Ed. Planeta do Brasil, RJ, 2017;
- DARDOT, Pierre, e LAVAL, Christian, **A Nova Razão do Mundo**, ed. Boitempo, 2018;
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Qu'est-ce la Philosophie**, édition électronique du livre, Éditions de Minuit, Paris, 2013;
- DRUMMOND, Carlos de Andrade. **Alguma Poesia**, 15ª ed. Record, RJ, 2002;

- ECO, UMBERTO. **O Fascismo Eterno**, Ed. Record, RJ, SP, 2019;
- FAZENDA, Ivani, **Dicionário em Construção, Interdisciplinaridade**, 2.ed., SP, Cortez, 2002;
- FONSECA, Dutra, Pedro Cezar e outros, **O Brasil na Era Lula: retorno ao desenvolvimentismo?** Nova Economia, BH, maio-agosto de 2013;
- FOUCAULT, Michel, **Microfísica do Poder**, 1.ed., São Paulo: Paz e Terra, 2014;
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, 25 ed., ed. Paz e Terra, RJ, 1996;
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**. 6 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979;
- FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer**, ed. L&PM, Porto Alegre, 2021;
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**, ed. Global, São Paulo, 2006;
- GALEANO, Eduardo. **Las Palabras Andantes**, ed. Catálogos S.R.L., Buenos Aires, 2001;
- GALLO, Sílvio, **Filosofia Experiência do Pensamento**, 1.ed., São Paulo, Scipione, 2014;
- GRAMSCI, Antonio. **A Questão Meridional**, ed. Paz e Terra, RJ, 1987;
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, Vol. 2, 2 ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001;
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, Vol. 4, 2 ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007;
- GUIMARÃES, Ulysses. **Discurso proferido na sessão de 01/02/1991**, publicada no DCN (seção I) de 02/02/1991, página 3;
- GUIRALDELLI, Paulo, **A Filosofia Explica Bolsonaro**. ed. 1, Leya, São Paulo, 2019;
- HOBBS, Thomas, **O Leviatã**, 2.ed., São Paulo, Martin Claret, 2008;
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**, ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1985;
- JACQUES, Lacan. **Da Psicose Paranoica em suas relações com a Personalidade**, ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1 ed., 1987;
- KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**, ed. Expressão Popular, 2 ed., São Paulo, 2009;
- KRENAK, Ailton. **O Amanhã não está à venda**, ed. Cia. Das Letras, SP, 2020;
- LEBRUN, Gérard, **O que é poder**. 11.ed., São Paulo: Brasiliense, 1991;
- LUKÁCS, György, **História e Consciência de Classe**, ed. Martins Fontes, SP, 2013;
- LUKÁCS, György, **Para uma ontologia do ser social I**, ed. Boitempo, SP, 2018;
- LUKÁCS, György, **Para uma ontologia do ser social II**, ed. Boitempo, SP, 2013;
- MANSO, Bruno Paes. **A República das Milícias, Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro**, ed. Todavia, 1 ed., São Paulo, 2020;
- MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**, Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud, LTC, 8. ed., São Paulo, 1982;
- MARX, Karl. **O Capital – Livro 1: Crítica da Economia Política**, Livro 1: O Processo de

- Produção do Capital (Coleção Marx e Engels) ebook, ed. Boitempo, São Paulo, 2015;
- MARX, Karl. **MANUSCRITS DE 1844**. (Économie politique & philosophie). Présentation, traduction et notes D'ÉMILE BOTTIGELLI. Paris, Les Éditions sociales, 1972;
- MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**, ed. Boitempo, São Paulo, 2007;
- MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**, ed. Boitempo, São Paulo, 2010;
- MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**, ed. Boitempo, SP, 2011;
- MASCARO, Alysson L. **Filosofia do Direito**, 4. ed., Atlas, São Paulo, 2014;
- MASCARO, Alysson L. **Crise e Pandemia**, ed. Boitempo, 1 ed., São Paulo, 2020;
- MOREIRA, Staudt, Paulo Roberto & CARDOSO, Schefer Rois Raul, “**Auto de reconhecimento da cabeça de um preto apresentada pelo Capitão de Mato**”: crime, honra e negociação na formação de uma comunidade de senzala (Porto Alegre/Taquari, século XIX), Revista Latino-Americana de História Vol. 2, nº. 7 – Setembro de 2013 – Edição Especial © by PPGH-UNISINOS;
- NUNCIO, Reynaldo. **Sindemia, Covid-19**, Editora: Independently Published, Ebook-amazon, Spanish edition, 2020;
- OLIVEIRA, Luciano. **10 Lições sobre Hannah Arendt**, 4. ed., Vozes, SP, 2014;
- PACHUKANIS, EVGUINÉNI. **Fascismo**, ed. Boitempo, São Paulo, 2020;
- PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **A Economia Brasileira na Encruzilhada – Dossiê da Crise IV – Associação Keynesiana Brasileira**, 2013;
- PLATÃO. **A República**, Livro VII, Alegoria da Caverna. Martin Claret, São Paulo, 2002;
- PERRENOUD, P., **Construir as competências desde a escola**, Porto Alegre, Artes Médicas, 1997;
- RAMIREZ, Heloísa Aragão, **Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai uma introdução**, Revista Mental, ano II, n.3, Barbacena, MG, 2004;
- ROJAS, Carlos. **Muera la inteligencia! Viva la muerte**, Revista España Contemporánea, Vol. 10, Salamanca, 1997;
- RANCIÈRE, Jacques. **O Ódio à Democracia**. Tradução Mariana Echalar, BoiTempo, RJ, 2014;
- SAAD, Alfredo e MORAIS, Lecio. **Brasil Neoliberalismo versus Democracia**. ed.1, Boi Tempo, RJ, 2018;
- SALIS, Victor D. **Mitologia Viva**, ed. Nova Alexandria, São Paulo, 2003;
- SARTRE, Jean Paul. **Huis Clos**, Éditions Gallimard, 1947;
- SÈVE, LUCIEN. **Começar Pelos Fins, A Nova Questão Comunista**. Fonte: The Marxists Internet Archive, 1999;
- SINGER, Merryly, **Syndemics and Public Health: Reconceptualizing Disease in Bio-Social**

Context, Medical Anthropology Quarterly, 2003;

SINGER, Merryl, and Other authors, **Syndemics, sex and the city: Understanding sexually transmitted diseases in social and cultural context.**, Social Science & Medicine 63 (2006) 2010–2021;

SOARES, Gláucio e outros. **21 Anos de Regime Militar, Balanços e Perspectivas**, ed. Fundação Getúlio Vargas, RJ, 1994;

ZIZEK, Slavoj. **Pandemia, Covid 19 e a Reinvenção do Comunismo**, ed. Boitempo, 1 ed., São Paulo, 2020;